



RELATÓRIO DA ANA

Chuvas amenizam seca, mas fenômeno atinge 79% da PB

Área afetada pela estiagem no estado reduziu em fevereiro, sendo a menor desde setembro de 2023. **Página 5**

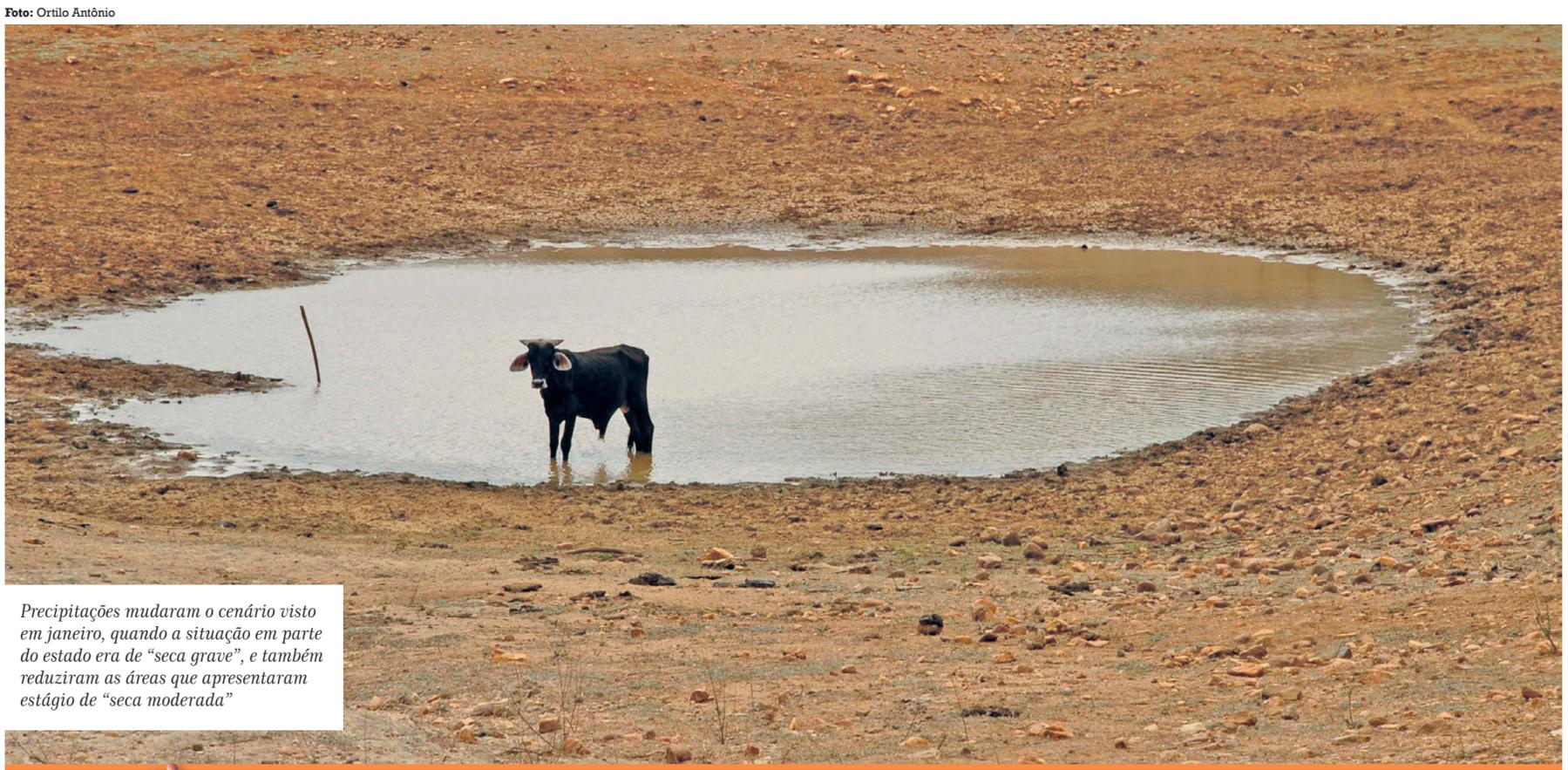


Foto: Ortilo Antônio

Precipitações mudaram o cenário visto em janeiro, quando a situação em parte do estado era de "seca grave", e também reduziram as áreas que apresentaram estágio de "seca moderada"

Ana Cañas interpreta sucessos de Belchior para o público de João Pessoa

Turnê, que nasceu de uma live realizada pela artista ainda na pandemia, retorna à capital paraibana em única apresentação, hoje, às 20h, no Teatro Paulo Pontes. Após rodar as principais cidades do país, show que homenageia o cantor cearense será um dos últimos do projeto.

Página 9

■ "A chamada Linguagem Simples é uma técnica de comunicação ligada a um movimento global que defende o direito de todos entenderem informações cotidianas. Está relacionada à cidadania."

Angélica Lúcio

Página 26

■ "Desde o povo à elite, José Américo, na literatura ou na política, ajudou o Brasil a se conhecer melhor. Numa militância ajudada pela linguagem cada vez mais depurada em favor dos ouvidos do povo."

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Memórias

Ex-diretora de A União sempre se reconheceu como repórter

Silvana Sorrentino cobriu bailes de Carnaval, acompanhou caçada a bandido famoso, tornou-se editora-geral e diretora técnica. Duração, persistência e "faro" nunca lhe faltaram.

Páginas 14 e 15

Foto: Edson Matos



Justiça Eleitoral intensifica campanha para atrair jovens

Visando o primeiro voto, ações focam nas redes sociais. Prazo para alistamento vai até 8 de maio.

Página 13

Botafogo e Treze buscam classificação na Copa do NE

Os dois times entram em campo hoje, às 16h, precisando vencer os adversários para irem à última rodada.

Página 24

Pensar

A Síndrome de Fomo é o tema do suplemento deste mês. Trata-se da sensação de ansiedade que uma pessoa pode sentir - por exemplo, longe do celular - ao acreditar que está perdendo uma experiência interessante que outros estão vivenciando.

Páginas 29 a 32



Editorial

Crise climática

Um dos maiores desafios que a humanidade enfrenta neste século 21 é a crise climática. E o aumento da frequência e intensidade de eventos climáticos extremos, como secas, inundações, furacões e ondas de calor, é uma das principais evidências dessa crise. São eventos que causam perdas humanas e materiais muito significativas e, por tabela, geram impactos sociais, econômicos e ambientais devastadores.

A comunidade científica tem uma opinião consensual acerca desse tema tão relevante nos debates internacionais: a principal causa da crise climática é a emissão dos chamados gases de efeito estufa gerados pelas atividades humanas, principalmente no que diz respeito à queima de combustíveis fósseis.

Os eventos climáticos extremos estão se tornando cada vez mais frequentes e intensos em todo o mundo. Em 2023, por exemplo, o Brasil experimentou uma série deles, como a seca no Nordeste, as inundações no Sul do país e as queimadas na Amazônia. Foram eventos que causaram perdas bilionárias e impactos sociais devastadores. A seca no Nordeste se insere nesse contexto de tragédias mais evidentes, porque contribui, sobremaneira, para deixar milhões de pessoas em situação de insegurança alimentar e hídrica.

Faz-se necessário que os países, sobretudo as nações mais ricas do planeta, que são responsáveis pela maior quantidade de emissão de gases de efeito estufa, assumam o compromisso imediato de adotar medidas efetivas para reduzir, paulatinamente, a emissão desses gases, de modo a mitigar os efeitos da crise climática.

Especialistas são unânimes em apontar as medidas necessárias para minimizar as crises climáticas, entre as quais as mais urgentes, como promover a transição para uma matriz energética limpa e renovável – leia-se energias solar e eólica –, investimento em tecnologias verdes e na proteção efetiva das nossas florestas e outros ecossistemas naturais.

O Brasil tem um papel fundamental a desempenhar na luta contra a crise climática. E como será sede da COP28, em 2025, terá a oportunidade de se posicionar como liderança na luta contra a crise climática, contribuindo, assim, para a construção de um futuro mais sustentável e equilibrado para o planeta.

Na COP30, que ocorrerá em Belém, capital do Pará, na Amazônia brasileira, um bioma essencial para barrar o aquecimento global, o Brasil precisa assumir metas ambiciosas de redução de emissões de gases de efeito estufa, apresentando uma estratégia tangível para alcançá-las e liderando as negociações internacionais sobre o clima, de modo protagonista.

Artigo

Rui Leitão
rleitao@hotmail.com

Onde está o lado certo da História?

Estamos vivendo uma crise de propósitos e de ideias. Nesse confronto de interpretação do mundo contemporâneo, quem está do lado certo da história? A primeira interrogação é: será que existe realmente o lado certo? Ou o ideal é buscar o centro de equilíbrio, livre das pressões determinadas pelas paixões e pelo radicalismo ideológico? A polarização política que estamos vivendo no Brasil faz com que os dois lados julguem que estão seguindo o caminho mais correto. Na compreensão de que a verdade está do seu lado, cada parte do conflito político recusa o diálogo racional, o debate respeitoso, e alimenta o enfrentamento do “nós” contra “eles”.

É indiscutível que ninguém é dono da verdade, porque ela não é universal. Ninguém sabe de tudo. Todos nós somos eternos aprendizes. Para que possamos viver em paz, é preciso que evitemos fazer de nossa vida uma batalha, no sentido do relacionamento humano. Cada pessoa tem a sua verdade. Só não pode é exigir que os outros acreditem no que você pensa como o certo. Por outro lado, também, não pode facilmente se deixar ser convencido pelo que o outro entenda que seja a verdade. O importante é que estejamos sempre na busca constante do conhecimento. Estaremos nos aproximando do que possa ser entendido como a verdade, quando encontrarmos respostas para nossas interrogações.

O pior mesmo é quando alguém decide ser escravo da “mentira”. Aí sim, pode ter certeza de que estará do lado errado da história. A mentira nos conduz ao engano. É uma armadilha perigosa. Os radicais, os fundamentalistas, mesmo enxergando a luz, preferem viver nas trevas. Os proprietários da mentira detestam os ambientes de harmonia e de concórdia. São, por natureza, despreparados para o “bom combate”, não aceitando refletir sobre o contraditório.

Ultimamente temos visto, nesse embate político-ideológico, que qualquer afirmação que contrarie o pensamento do outro é classificada como “narrativa”. É a defesa das convenientes interpretações da realidade. O filósofo Terry Eagleton defende que “certas afirmações que se escondem

na justificativa da “pós-verdade” são, de fato, mentiras. Mais do que isso: mentiras com a intenção de legitimar alguma posição de poder”. São nessas oportunidades que surge o debate entre uma posição “científica” contra uma “ideologia” profetizada por “leigos”. Millor Fernandes, em uma frase de fina ironia, dizia que: “Ninguém é dono da verdade, mas a mentira tem acionistas à beça”.

Na política muitos procuram generalizar a mentira para ocultar a verdade. Nos confrontos entre grupos antagônicos, o jogo se baseia, não nas verdades históricas, mas na prevalência da mentira como parte de uma tática de desestabilização. Os ditadores nascem da mentira, porque sabem que as verdades são choques da realidade.

Finalizando, podemos afirmar que o lado certo da história sempre estará amparado pela observação das verdades, nunca pelo suporte das mentiras.

“

O pior mesmo é quando alguém decide ser escravo da “mentira”. Aí sim, pode ter certeza de que estará do lado errado da história

Rui Leitão

Foto Legenda

João Pedrosa



Tempo de fé

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A Casa de José Américo

Será reaberto amanhã o museu que a Fundação Casa de José Américo consagra a seu patrono. Já era museu ou a inspirar esse ambiente antes de legitimado como fundação cultural concebida e oficializada pelo governo Burity e aberta ao público com representação do Brasil, liderada pelo presidente de então, o mineiro Aureliano Chaves, Clóvis Bezerra na gestão do estado.

Bem antes disto já inspirava história, tanto pelo ideário político (“*Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto*”), que o entrincheirara na revolução de 1930 ou quando a praça pública explodiu ateadada pela chama do candidato à Presidência da República. Bem assim também pelo marco inapagável de sua presença ou do Nordeste na história da literatura brasileira.

“É o mais representativo homem do Nordeste”. Sabem disto os doutores da literatura, como Alceu Amoroso Lima, chocado profundamente ao saber de sua morte, e aquele leitor tentando avisar-se do abismo social cada vez mais profundo numa nação que mantém infenso à guerra o mapa do tempo de D. João VI.

Desde o povo à elite, José Américo, na literatura ou na política, ajudou o Brasil a se conhecer melhor. Numa militância ajudada pela linguagem cada vez mais depurada em favor da leitura e dos ouvidos do povo.

Voltando as costas ao cume da política, atingido finalmente ao sofrer a derrota de 1958, traído em sua terra por quem crescera de suas mãos, soube resignar-se retornando ao seu natural, ao “bicho do mato” da casa rústica onde nascera, “a réstia de sol (como) uma vara de ouro a cutucar-me, o dia nascendo, a manhã clara, o nambu e outros pássaros a dar o sinal de chegarem às goiabas antes dele”. Corria ao engenho, lambuzava-se de garapa e corria a banhar-se no orvalho, balançando as árvores. “Qualquer copa era o meu teto”.

Daí a casa e o ambiente que se reconsti-

“

Desde o povo à elite, José Américo, na literatura ou na política, ajudou o Brasil a se conhecer melhor

Gonzaga Rodrigues

tuem na busca de autenticidade, cada reabertura ditada pela procura ou oferta de componentes que os velhos e novos tempos nunca deixarão de surpreender.

Do estilo: “Soquei-me neste recanto por ser terra paraibana que, além de sua beleza, tem caráter. Nada há que se assemelhe à sua configuração de um pitoresco que não cansa.” Ao longo dos seus 93 anos, apenas o cenário brejeiro de “bicho do mato” transportou-se para outra natureza, para um “retalho de mata e o grande mar. O pano de fundo e a perspectiva atlântica formando o quadro”.

Mas já era museu, a casa aberta aos brasileiros dos mais distintos níveis e regiões numa arrumação que só atraía para o homem.

Como o sol e o vento que a ele se chegavam todos os dias, não foi menos variada e permanente a frequência a seu terraço. Tornou-se, numa manchete do jornalista Severino Ramos, a solidão mais povoada.

O futuro não fará por menos!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

DIREITO DE VOZ

Conselho abre espaço para ouvir adolescentes

Jovens entre 12 e 16 anos podem sugerir criação de políticas públicas

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Estimular o diálogo, fortalecer a participação e o protagonismo de jovens na formulação de políticas públicas e, sobretudo, contribuir para a construção da cidadania. Esses são alguns dos objetivos do novo Conselho Participativo de Adolescentes (CPA) do Estado, uma iniciativa liderada pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano que visa promover um ambiente inclusivo para a juventude paraibana. O CPA será um órgão colegiado com função consultiva ligado ao Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDCA-PB) e responsável por articular o diálogo entre adolescentes de diferentes realidades e grupos sociais. No horizonte desse novo Conselho estão o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (ONU), entre outras diretrizes que garantem o direito à participação de jovens na vida política.

Ao dialogar diretamente com os adolescentes, o CPA abre espaço para que eles possam atuar de forma mais direta na sociedade, participando das principais decisões que afetam suas vidas e aprendendo, na prática, sobre o funcionamento da própria democracia. Representatividade, empoderamento e aprendizado são três fundamentos que

fazem parte dessa experiência, considerada única pela vice-presidente do CEDCA-PB, Marília França, por valorizar o poder do diálogo e da negociação na resolução de problemas. “No geral, a criação do Conselho Participativo oferece uma oportunidade única para os jovens se envolverem ativamente na gestão de políticas públicas, desenvolverem habilidades importantes e contribuir para a construção de comunidades mais inclusivas e participativas”, pontua. Na prática, isso significa que eles terão voz em questões que os impactam diretamente, como educação, lazer, cultura, saúde e segurança.

Recomeço

Segundo Marília, o Conselho Participativo, embora já existisse desde 2022, precisava passar por mudanças, incluindo a alteração na quantidade de representantes e a criação de mecanismos que garan-

tissem a participação efetiva dos adolescentes. O que está sendo feito aqui segue o modelo instituído nacionalmente por meio do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, que conta desde 2017 com um Comitê Permanente de Participação (CPA), do qual fazem parte 47 jovens de todo o território brasileiro, além de representantes de grupos sociais diversos. O Conanda, como é chamado, é a instância máxima de formulação e deliberação das políticas instituídas para a infância e adolescência no país.

Como reflexo dessa política nacional, cada estado deve contar com uma comissão participativa voltada à juventude local, o que já é realidade no Ceará, por exemplo. Aqui na Paraíba, o CPA tem como princípio acompanhar o CEDCA-PB na elaboração e implementação de ações voltadas aos direitos da criança e do adolescente, mas não

apenas isso. Os membros deverão participar de encontros e eventos ligados ao conselho estadual, fomentar discussões e propostas, opinar sobre o Plano de Aplicação do Fundo Estadual, organizar consultas públicas e incentivar a participação de jovens no conselho, entre outras atribuições. O novo Conselho Participativo será aberto à participação de adolescentes entre 12 e 16 anos. Ao todo, serão 27 membros titulares – cada qual com seu respectivo suplente, com renovação a cada dois anos.

■ O CPA-PB será formado por 27 membros titulares e seus suplentes, com renovação a cada dois anos

Protagonismo na construção da cidadania

Prestes a completar 18 anos, a jovem Manuella Katiacy Alves da Silva Alcântara, mais conhecida como Manuella Alcântara D’Oyá, exemplifica muito bem como essa experiência por dentro da construção de uma cidadania plena pode ser engajadora para a juventude da Paraíba. Desde seus 12 anos ela participa ativamente do Conselho Participativo do Conanda e hoje, mais madura, percebe como ainda falta espaço para o jovem se expressar. E o CPA, seja ele estadual ou nacional, existe justamente para suprir essa necessidade, sendo um local de diálogo permanente e amadurecimento.

“Entre nesse mundo por ver que as crianças e adolescentes não podiam discutir sobre seus direitos. Querendo ou não, ainda em 2024, muita gente tem seus direitos violados. E pior, muitos adolescentes nem conhecem o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente). Por isso, sempre ajudei meus colegas a entenderem a importância de se viver em sociedade.” E destaca: “é preciso compreender que a gente tem voz”. Uma troca positiva aos seus olhos, já que assim torna-se possível traçar novos caminhos para a gestão pública com base nas necessi-

dades desse público.

Tendo ocupado a cadeira da diversidade no CPA nas esferas nacional, estadual e municipal, como representante dos povos tradicionais de religião de matriz africana, Manuella acredita que os jovens de hoje estão mais envolvidos na construção de uma sociedade mais democrática, embora muitos deles ainda tenham medo de manifestar sua opinião. “O adolescente só precisa de alguém que o auxilie a ver que ele não está errado e que pode discutir à vontade. Precisamos ocupar esses espaços, até para que as pessoas entendam que também somos humanos. Antigamente não havia representatividade de adolescentes nessas discussões”, conclui a jovem.



Manuella Alcântara, representando o estado no Conanda

Quem Pode Participar

Confira, abaixo, como será formado o Conselho Participativo:

■ **Fórum DCA**
 via indicação

Quatorze representantes das 14 regiões geoadministrativas do estado: João Pessoa, Campina Grande, Guarabira, Cuité, Monteiro, Patos, Itaporanga, Catolé do Rocha, Sousa, Cajazeiras, Princesa Isabel, Itabaiana, Pombal e Mamanguape.

■ **Conselhos Municipais**
 via eleição

Quatorze representantes das 14 regiões geoadministrativas do estado: João Pessoa,

Campina Grande, Guarabira, Cuité, Monteiro, Patos, Itaporanga, Catolé do Rocha, Sousa, Cajazeiras, Princesa Isabel, Itabaiana, Pombal e Mamanguape.

■ **Grupos sociais diversos**
 via chamamento público

Onze jovens que representem os seguintes grupos sociais: ciganos, quilombolas, ribeirinhos, povos originários indígenas, negros, PCDs (Pessoas com Deficiência), acolhimento institucional, medidas socioeducativas, povos tradicionais de religião de matriz africana e LGBTQIAPNB+

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

QUEM VAI ESTAR NA DISPUTA? PESQUISA COM MUITOS NOMES PODE “MAQUIAR” CENÁRIO REAL

É fato normal que pesquisas de intenção de voto, na modalidade estimulada, apresentem vários nomes ao entrevistado para que ele aponte em quem, de fato, recai a sua escolha. Contudo, quando se coloca nomes que não levarão suas pré-candidaturas adiante por força de vários fatores e que, portanto, não serão homologados em convenções partidárias, isso tende a prejudicar a aferição do potencial daqueles que, de fato, estão dispostos a fazer a disputa. Na pesquisa do instituto Opinião, divulgada na sexta-feira (22), aparecem nomes como Arthur Bolinha (PL), cujo o partido já anunciou apoio à reeleição de Bruno Cunha Lima (União Brasil), assim como o de Márcio Caniello (PT), Tatiana Medeiros (Republicanos) e André Ribeiro (PDT), cujas as legendas tenderão a apoiar outro nome da oposição. Dito isso, é possível afirmar que o médico Jhony Bezerra (foto, do PSB), este sim candidatíssimo a prefeito, poderia ter melhor colocação do que a apresentada na pesquisa supracitada. Ressaltando que o socialista é o pré-candidato da preferência do governador João Azevêdo (PSB), uma liderança muito bem avaliada na “Rainha da Borborema”. Pulverizar a pesquisa com nomes improváveis, portanto, talvez não seja uma escolha adequada para aferir, com mais exatidão, o cenário eleitoral no segundo maior colégio eleitoral da Paraíba.



Foto: Governo da Paraíba

À ESPERA DO SINAL VERDE

Presidente do diretório do PSB de Campina Grande – e secretário de Saúde da Paraíba, Jhony Bezerra disse que espera apenas o sinal verde do governador João Azevêdo para se desincompatibilizar e oficializar sua pré-candidatura a prefeito de Campina Grande. “Aguardamos apenas a liberação por parte do governador para consolidar a nossa candidatura”, afirmou.

APOIO DE 13 PARTIDOS

Jhony Bezerra afirma quem está dialogando com os 13 partidos que fazem oposição ao prefeito Bruno Cunha Lima para levar a sua postulação adiante: “Estamos prontos para apresentar uma proposta inovadora e com soluções efetivas para os diversos problemas de Campina Grande, que está mal cuidada por uma gestão incompetente”.

“ACHO UM TANTO DIFÍCIL”

“Particularmente acho um tanto difícil, embora não seja impossível, porque na política nada é impossível, mais acho muito difícil”. Do deputado Hervázio Bezerra (PSB), referindo-se à possibilidade de o grupo do governador João Azevêdo aliar-se ao prefeito de Santa Rita, Emerson Panta (PP), para a eleição de outubro. E justificou: “Vimos o episódio ruim de digerir, da Ane com a Cagepa”.

VAI BATER O MARTELO

Na próxima terça-feira (26), em Brasília, deverá haver uma definição quando ao lançamento – ou não – de uma candidatura própria do PT para a disputa pela Prefeitura de João Pessoa. Quem vai bater o martelo sobre uma ou outra opção é a direção nacional, como aqui já havíamos referido. A reunião ocorrerá de modo virtual, às 9h30.

ALIANÇA COM OUTRA LEGENDA

Em nível local, o PT havia decidido pela realização de prévia para fazer a escolha entre dois nomes: o da deputada Cida Ramos e o do deputado Luciano Cartaxo. Porém, no último dia 14, a direção nacional decidiu pela suspensão da prévia. É ainda real a possibilidade de a sigla optar por aliar-se a outra pré-candidatura.

200 ANOS DO SENADO: SEMINÁRIO INTERNACIONAL E EVENTO MUSICAL

Na segunda-feira (25), às 15h, haverá sessão especial para celebrar o bicentenário de criação do Senado Federal. No mesmo dia, ocorrerá o seminário internacional ‘Democracia e novas tecnologias: desafios da era digital’, no auditório Petrônio Portella. ‘A política na sociedade digital’ é o tema da aula magna do sociólogo e professor espanhol Manuel Castells. O seminário será transmitido pelo canal da TV Senado no YouTube. À noite, será realizado o espetáculo musical ‘Senado 200 Anos: uma Jornada Histórica Rumo ao Futuro’, no auditório master do Centro de Convenções Ulysses Guimarães.

Lindemberg Gonçalves

Idealizador do Projeto “Esperança no Espaço”

“Vamos construir 600 telescópios para a Rede Estadual de Ensino”



Diretor da Cadeia Pública de Esperança comenta conquista do Prêmio LED, projeto dos telescópios e impacto social

Alinne Simões
alimnesimoesjp@gmail.com

Policial Penal e atual diretor da cadeia da cidade de Esperança, Lindemberg Gonçalves é fascinado pela Astronomia. E foi com essa paixão pelos astros que ele construiu sozinho seu primeiro telescópio amador no ano de 2022, levando para testar junto aos apenados que ficaram encantados e empolgados com a ideia de poderem fabricar os seus próprios telescópios. A iniciativa dava início ao “Esperança no Espaço”, um projeto inovador e agora premiado nacionalmente. Em entrevista ao Jornal **A União**, Lindemberg contou como foi a trajetória de produção e implantação do projeto na cadeia, como ele vem mudando a vida dos apenados. E por fim, o reconhecimento nacional através da vitória no Prêmio LED 2024, na categoria “Empreendedores e Organizações inovadoras”, que contemplará os ganhadores agora em abril, em um programa que será exibido em rede nacional pela TV Globo.

Entrevista

■ Como surgiu essa ideia de fazer um telescópio amador e levar isso para dentro da cadeia?

Eu sou um apaixonado pela Astronomia desde a infância. Nunca enveredei para o lado do estudo científico mesmo, mas sempre fui apaixonado pela Astronomia, que a gente chama de astrônomo amador. E foi justamente essa coisa de ser um apaixonado pela Astronomia e ser diretor de uma unidade prisional que decidi juntar as duas coisas e dar a esperança de um futuro melhor para as pessoas que estão cumprindo pena. Mudar a vida daquelas pessoas, dando assim uma perspectiva de um futuro diferente para elas, por todas essas coisas e por só ter acesso ao telescópio depois de adulto, por falta de condições financeiras, isso me incomodava bastante. Não poder levar isso para outras pessoas, já que dominava técnica de construir um telescópio, então, decidi juntar a ressocialização com a Astronomia e começar a fabricar telescópios dentro da unidade prisional com os reeducandos.

■ O senhor falou que domina a técnica de construir o telescópio. Fez algum curso?

Eu aprendi tudo de forma empírica mesmo, pesquisando na internet e eu fui vendo que era possível fabricar um telescópio. A princípio eu baixei uma cartilha do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) de como fazer um telescópio, que a gente chama ATM, que é uma sigla em inglês para construtor amador de telescópios. E depois eu descobri também que tinha toda uma comunidade no Brasil e no mundo de pessoas que fabricam telescópio de forma artesanal. No começo eu via muita coisa feita em impressora 3D. Só que eu nunca tinha tido contato com a impressora 3D, mas eu vi que aquelas peças ali eu conseguiria fazer de forma artesanal, na base do serrote mesmo. Como eu já tinha sido encanador da Cagepa e o telescópio é um instrumento feito com muita peça de PVC, de cano, de tubo e conexões de PVC, eu tive uma certa facilidade nisso tudo.

■ E quando realmente o senhor construiu o seu primeiro telescópio amador?

Vai fazer dois anos, oficialmente, agora em julho. Eu construí o telescópio em casa, de forma bem artesanal e isso despertou curiosidade em todo

mundo que fica ali na cadeia, tanto com meus companheiros de trabalho, quanto com os reeducandos porque eu falava sobre a construção desse telescópio que durou quatro meses, entre pesquisa, montagem e tudo. E as pessoas, ninguém, a princípio, acreditava que daria certo porque telescópio é uma ferramenta tão inusitada, inacessível no país que a pessoa saber que tem outra montando telescópio em casa, acha que aquilo não vai dar certo. Na verdade, nem eu sabia se ia dar certo ou não. E quando eu consegui montar e vi que as imagens eram bem além das expectativas, que o que eu tinha construído ali em casa de forma simples estava como se fosse uma janela aberta para o universo. Foi quando eu levei para a cadeia e os companheiros e os reeducandos que lá estavam viram o resultado e ficaram maravilhados. E um dos reeducandos fez a pergunta que talvez tenha mudado o nosso destino porque, até então, não tinha a ideia de colocar como projeto de ressocialização. Fábio Alexandre, que até já concluiu a pena dele, perguntou se um dia quando ele saísse da cadeia, se eu poderia fabricar um telescópio para ele e eu disse que poderia construir com ele ali, se ele me ajudasse. Foi quando decidi por conta própria comprar os insumos e fomos montar esse primeiro telescópio que chamamos de 02 porque o meu era o 01. E a gente viu que isso aí gerou uma curiosidade grande e conversando com um companheiro de trabalho, a gente se perguntou por que não transformar isso em um projeto de ressocialização, já que eu tinha muita vontade por ser gestor de uma unidade prisional, de dar oportunidade real daquelas pessoas mudarem de vida. No começo, eu achava que era uma coisa impossível conseguir colocar aquilo em prática. Só que a ideia foi amadurecendo na minha cabeça e começamos a fabricar, inicialmente, na cozinha da cadeia, quatro telescópios que seriam doados para as escolas da cidade de Esperança.

■ Inicialmente o projeto contou com um forte apoio da juíza da 1ª Comarca de Esperança. Hoje vocês recebem investimento de outros órgãos?

Sim. Decidi vencer a barreira da timidez e mandei algumas fotos e vídeos para a juíza da 1ª Comarca de

Esperança, Paula Frassinete Nóbrega de Miranda, falando que eu tinha intenção em fazer um projeto de ressocialização com a construção de telescópio. Ela viu a imagem que a gente estava obtendo, com o celular adaptado na ocular, e ficou maravilhada. Até então, ela não sabia como era o telescópio, e achou que por ser artesanal, seria uma gambiarra, uma coisa bem rústica e, ao contrário, nosso telescópio é muito bonito e extremamente funcional. Quando ela viu aquilo, ficou encantada e decidiu destinar Verbas de Prestação Pecuniária (VEP) para bancar o projeto e fabricação de mais telescópios e tornar aquilo ali um projeto de ressocialização e de fomentação da astronomia. Em julho, faremos dois anos de projeto, já são cerca de quatro mil alunos da rede pública impactados com o nosso telescópio. Em breve, esse número vai mais que dobrar, pois já temos cerca de 10 telescópios prontos. Durante esse tempo, montamos uma oficina, que é a única do mundo que se tem conhecimento de fabricação de telescópios em unidade prisional. Hoje, a gente continua recebendo a VEP e todos os telescópios construídos com elas são doados para as escolas. Temos ainda um acordo firmado com a Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado que prevê a construção de 600 telescópios para toda Rede de Ensino Estadual, o projeto está sendo viabilizado, mas eu creio que, em breve, começaremos a fabricar telescópios para esse acordo.

■ Os apenados fazem algum treinamento para aprender sobre Astronomia e construir os telescópios?

Os reeducandos não aprendem apenas a fazer telescópios. Eles aprendem sobre Astronomia, Física, tem aulas e pesquisa para melhorar cada vez mais a prática de construção do nosso telescópio. Melhorar os componentes e construir em outros modelos. Eu passo muita coisa para eles e há também professores da Prefeitura de Esperança que dão aula de Física. Temos, ainda, professores voluntários que conhecem o projeto. Já recebemos até a visita de um doutor em Física que deu uma super aula para a gente. Ele ficou sabendo do projeto, entrou em contato comigo e perguntou se podia dar uma aula. Então, toda pessoa que quiser agregar conhecimento para a gente é bem-vinda. Inclusive, nós até temos o protótipo de um outro modelo de telescópio, que tem parâmetro diferente e a portabilidade melhor porque todo telescópio é um refletor, que a gente chama refletor newtoniano, que foi inventado por Isaac Newton, e, basicamente, é a mesma coisa desde o ano de 1.600, ou seja, funciona através de espelhos. O que a gente conseguiu fazer foi adaptar a nossa realidade, fora a parte óptica que importamos da China, que comanda cerca de 95% do mercado de astronomia mundial, o resto tudo é produzido na cadeia com material simples, como cano de PVC. Antes, o disco de elevação telescópica era feito com Cap (tampão do cano), o focalizador era feito com conexão de PVC de 40 m. Mas, as verbas de prestação

pecuniária nos permitiu a compra de uma impressora 3D e isso elevou o projeto a outro patamar. Começamos a fazer peças em 3D. Os reeducandos tiveram contato com essa tecnologia. E além de dar o conhecimento, a gente também está ensinando tecnologia a essas pessoas, dando a oportunidade delas mudarem de vida realmente. Embora a gente ensine a construir um telescópio de forma totalmente artesanal, porque a nossa intenção é fazer com que quando eles saíam do sistema, se quiserem comercializar esses telescópios para ter um sustento, eles saibam fazer. Até porque sabemos que dificilmente um reeducando terá uma oportunidade no campo de trabalho ao sair. Infelizmente, o estigma é muito grande para essas pessoas. Então, ele poder se tornar um empreendedor, vender o telescópio, que no Brasil é um artigo caro e que nem toda pessoa tem acesso, para ter o seu sustento e ainda vender mais barato que muitas lojas, então, com isso, a gente fecha esse ciclo de ressocialização.

■ E quais os materiais que são utilizados na construção dos telescópios?

No começo a gente usava raio de roda de bicicleta, cabo de vassoura. Para se ter uma ideia, a primeira base da bisoniana, que é a base que faz o movimento de altitude e azimute do telescópio foi feita com a porta do guarda-roupa da casa da minha irmã. Hoje em dia, a gente aproveita as sobras da indústria de móveis planejados. Mas, ainda usamos cano de PVC 150 mm, raio de bicicleta, mas, por exemplo, a parte do focalizador já é feita na impressora 3D, o suporte da buscadora, o disco da elevação. E quem sabe no futuro, a gente poderá também colocar partes eletrônicas nos telescópios para que eles possam até fazer a busca dos astros de forma automática, já está nos nossos planos. Já que a gente tornou realidade um sonho, que era praticamente impossível, então, não acreditamos mais que possa haver limites.

■ Quantos apenados estão hoje envolvidos com o projeto? E você percebe alguma mudança significativa na vida deles?

A princípio começamos com quatro apenados, depois foram para oito. Atualmente, três já ganharam a liberdade. Um deles já começou a construir telescópios para ter o próprio sustento. Hoje, estamos com cinco reeducandos envolvidos no projeto, mas a gente vai ter que ir colocando mais pessoas porque a demanda vai crescer e a gente vai precisar de mais pessoas trabalhando no projeto. E a mudança é total, não só para eles, como também para nós que trabalhamos no sistema prisional. O olhar da secretaria para o reeducando creio que está mudando. Ela já tem um olhar muito apurado e refinado para a socialização. A sociedade também começou a acreditar que essas pessoas podem voltar a viver em sociedade de forma digna e fazer algo bom. E essa é a mensagem que a gente passa para eles. Infelizmente, a gente não pode mudar o que eles fizeram no passado, mas eles podem mudar o

que vão fazer no futuro, então, se eles puderam pedir perdão e se perdoar pelo que fizeram e voltar para a sociedade de forma digna e produtiva, então, a gente crê que a nossa missão está sendo cumprida.

■ E o prêmio LED? O senhor pode nos contar como foi essa trajetória desde a fase de inscrição do projeto até o momento que o senhor ficou sabendo que o projeto tinha sido contemplado?

A policial penal Kátia Maria Araújo foi quem escreveu a parte teórica. Ela foi lá e colocou o coração naquela inscrição. Quando li, fiquei emocionado porque ela realmente colocou o sentimento do projeto Esperança no Espaço e foi muito bacana, então, ela tem grande parte nisso também. Ela como todos meus companheiros são pessoas que participam e são importantes. E aí, nós inscrevemos e fomos subindo de etapa. Quando chegou entre os 60, eu achava que já tinha cumprido o objetivo, que entre quase mais de dois mil projetos a gente estaria entre os 60. Quando foi para os 15, que já viram os embaixadores LED, vimos que já havíamos superado as expectativas. Então, fomos para a final e ali tinha que fazer um *pit*, que é um vídeo de três minutos para apresentar o projeto. E veio, novamente, a barreira da timidez, e eu tive que superar na raça. Quando comecei a apresentar, tudo que eu tinha escrito e planejado caiu por terra, e na hora foi tudo na base do improvisado, do coração.

Quando a gente fez a apresentação, eu fiquei confiante que era possível porque todas as pessoas que estavam presentes nos aplaudiram e elogiaram a iniciativa. Depois de quatro dias chegou um *e-mail* com o resultado dizendo que a gente não tinha sido campeão e que ia para votação do público. Sendo que poucos minutos depois ligaram pedindo para desconsiderar o *e-mail*, que tinha sido um erro e aí chegou outro *e-mail* dizendo que tínhamos sido campeões. Foi uma emoção grande, que tivemos que segurar, por um tempo ainda, até que pudessemos tornar pública a decisão. Assim, um dos requisitos para ser campeão do LED era a inovação. A gente era a primeira oficina de telescópio numa unidade prisional no mundo. Somos totalmente inusitados. Nós levamos ciências às escolas através do sistema prisional, por pessoas que cumprem pena porque, de uma certa forma, alguma coisa deu errado na vida delas. Muitas vezes, essas pessoas não tiveram a oportunidade nem de estudar.

Alguns dos que trabalhavam com a gente não sabia nem ler e procuramos dar educação. Então, a gente levar a ciência da Astronomia, que é uma ciência que está com o homem desde o tempo das cavernas, através do sistema prisional e ver a sensação que causa nessas pessoas e saber que estamos fazendo isso através de telescópio construídos com a nossa mão é uma coisa fantástica. Mas, quero ressaltar que todos os projetos que chegaram até a final são maravilhosos, inclusive, teve outro contemplado aqui da Paraíba, que foi o Cine Jericóollywood, e todos são incríveis.

ESTUDO DA ANA

Chuvas reduzem área de estiagem na Paraíba

Mudança está relacionada ao abrandamento do fenômeno El Niño, que poderá terminar já em abril

Andréa Meireles
andreameirelesjornalista@gmail.com

A Paraíba apresentou, no mês passado, 79% do seu território em situação de seca. O índice é alto, mas representa uma redução no comparativo com janeiro, quando o fenômeno alcançou 83% do estado. Os dados são do Monitor de Secas da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA). As chuvas registradas em fevereiro, porém, mudaram o cenário visto no primeiro mês do ano, quando a situação em parte do estado era de “seca grave”. As precipitações também reduziram as áreas que apresentaram um estágio de “seca moderada”, que passou de 61% para 20%. A condição de fevereiro é a melhor na Paraíba desde setembro de 2023.

O professor de climatologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Ranyere Nóbrega, explica que a redução da área seca no estado está relacionada ao abrandamento do *El Niño*, uma anomalia na temperatura da superfície do Oceano Pacífico, que afeta a distribuição de altas e baixas pressões em todo o globo terrestre e, conseqüentemente, afeta os padrões de chuva. “Em alguns locais, como no Nordeste do país, há uma tendência para a diminuição de chuvas devido ao *El Niño*, o que resultou no agravamento em janeiro. O fenômeno está enfraquecendo e deve terminar no mês de abril”, afirma o doutor em meteorologia.

Cíclicos

De acordo com o professor e pesquisador na área de recursos hídricos da UFCG, Camilo Farias, os eventos de seca são cíclicos e previsíveis, então é possível se precaver para mitigar os efeitos da seca. “Existem duas medidas possíveis, a primeira é com base na ampliação da oferta de água, como a construção de açudes, poços e adutoras. A segunda consiste na gestão da demanda, ou seja, diminuir o consumo do usuário final. As políticas públicas são imprescindíveis para executá-las”, conclui o doutor em Engenharia.

Nordeste

O Monitor das Secas identificou que, entre janeiro e fevereiro de 2024, o Nordeste teve uma redução da área total com seca e passou de 92% para 83%. Segundo o relatório da ANA, esta é a menor área com seca no Nordeste desde agosto de 2023, quando o fenômeno foi registrado em 72% da região.

A situação está mais preocupante em Sergipe, onde a área de seca está em 100% do território. No entanto, devido às chuvas acima da média, houve redução da seca moderada, que passou de 59% para 19%. Segundo o relatório, os impactos são de curto prazo.

Outros dois estados também apresentaram índices elevados na região. A área com seca da Bahia reduziu de 99% para 91%. As chuvas possibilitaram um abrandamento da seca em grande

“

Em alguns locais, como no Nordeste do país, há uma tendência para a diminuição de chuvas devido ao El Niño, o que resultou no agravamento em janeiro. O fenômeno está enfraquecendo

Ranyere Nóbrega

parte do estado, onde não há mais registro de seca grave. Já no Maranhão, a área seca caiu de 97% para 92%. Na unidade federativa, houve o recuo das secas moderada e fraca.

Com relação à severidade da seca, ela está menos intensa nos nove estados do Nordeste. O menor índice de área seca da região foi em Alagoas (58%), com o desaparecimento da seca grave no local e redução da seca moderada, que passou de 31% para 5%.



Foto: Ortilio Antônio

Professor Camilo Farias diz que eventos de seca são previsíveis, sendo possível mitigar efeitos

Confira as Áreas de Seca do Nordeste

58% Alagoas	76% Ceará	91% Bahia
62% Piauí	79% Paraíba	92% Maranhão
63% Rio Grande do Norte	81% Pernambuco	100% Sergipe

Fonte: ANA

■ Saiba mais

Atualmente, São João do Cariri é o único município paraibano em situação de emergência em decorrência do fenômeno, de acordo com o relatório gerencial de reconhecimento do Sistema Integrado de Informações sobre Desastres, do Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional. O estado de emergência foi decretado em 25 de janeiro de 2024, no Diário Oficial da União.

Investimento do Dnocs no combate à estiagem é de R\$ 250 mi

O coordenador estadual do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs), Alberto Gomes, afirma que as ações para facilitar o convívio com a seca são permanentes na Paraíba. Ele informou que o departamento recebeu R\$ 250 milhões em dezembro de 2023, via emenda parlamentar da senadora Daniella Ribeiro e do deputado federal Aguinaldo Ribeiro, para ações em municípios paraibanos.

“Estamos implantando 970 sistemas de abastecimento, recuperação de estradas vicinais, revestimento asfáltico, passagens molhadas e distribuição de equipamentos, para atender mais de 100 municípios com escassez de água”, declara Alberto Gomes.

O coordenador estadual do DNOCS também reforçou que, no leste do estado, a transposição do Rio São Francisco é uma ação significativa. A obra perenizou o Rio Paraíba e passa por diversas

barragens, inclusive a Epitácio Pessoa, que atende o complexo da Borborema.

Além disso, em fevereiro, uma ação do Projeto de Integração do Rio São Francisco (PISF), com obras executadas pelo Governo da Paraíba, contemplou 1.137 famílias, o equivalente a 4.548 pessoas, de 21 comunidades da zona rural de Monteiro, com sistemas de abastecimento de água. A obra é composta por sete sistemas de adutora, redes de distribuição para os domicílios, reservatórios elevados, reservatórios apoiados, estações de tratamento de água, chafarizes, sistema de captação flutuante, poços artesianos, casas de comando e energização. O investimento foi de R\$ 26,4 milhões.

Ministério da Integração

Já o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional informou, em nota, que responde pelas ações de resposta, recupera-

ção e fortalecimento pós-desastres, mediante a apresentação de planos de trabalho pelos estados e municípios. Após o reconhecimento federal, os municípios estarão ap-

tos a solicitar recursos para ações de assistência humanitária, como compra de alimentos, água potável e combustível para os veículos que fazem o transporte dos man-

timentos. Os repasses são liberados assim que os planos de trabalho são apresentados pela prefeitura e avaliados pela equipe técnica da Defesa Civil Nacional.



Foto: João Pedrosa

Precipitações de fevereiro reduziram áreas que estavam em situação de seca grave e moderada

“

Estamos implantando 970 sistemas de abastecimento, recuperação de estradas vicinais, revestimento asfáltico, passagens molhadas e distribuição de equipamentos, para atender mais de 100 municípios com escassez de água

Alberto Gomes

DOMINGO DE RAMOS

Tradição saúda a nobreza de Jesus

Católicos costumam marcar a celebração levando ramos de palmeiras para recordar chegada de Cristo em Jerusalém

João Pedro Ramalho
joapramalho@gmail.com

Na tradição da Igreja Católica, o domingo que antecede a Páscoa é reservado para lembrar a entrada de Jesus em Jerusalém, dias antes de sua crucificação e ressurreição. Trata-se do Domingo de Ramos, cujas celebrações são realizadas hoje em todo o estado da Paraíba. A data é marcada por uma procissão, na qual os fiéis carregam ramos enquanto saúdam a passagem da cruz e de Cristo, representado pela pessoa do sacerdote. O cortejo culmina na missa, que abre oficialmente os festejos da Semana Santa.

A procissão é realizada em um local externo às

paróquias. Os ramos utilizados costumam ser de palmeira, mas há fiéis que levam ramos de outras árvores, como plantas medicinais ou espécies nativas da região da celebração. Os galhos também são agrupados em arranjos, usados para enfeitar as igrejas onde a missa é celebrada.

A passagem do Evangelho que descreve a chegada de Jesus a Jerusalém costuma ser lida na procissão, conforme relata o cônego Marcelo Firmo, responsável pela Paróquia Santuário Nossa Senhora Mãe dos Homens, no bairro de Tambiá, em João Pessoa. De acordo com a história contada na Bíblia, em trechos como Mateus 21:1-11 (ou Mateus 21, versí-

culos 1º a 11), o Messias entrou na Cidade Santa montado sobre um jumento e foi recebido com festa pelos judeus, que estenderam suas vestes, balançaram ramos e exclamaram “Hosana ao Filho de Davi, bendito o que vem em nome do Senhor!”.

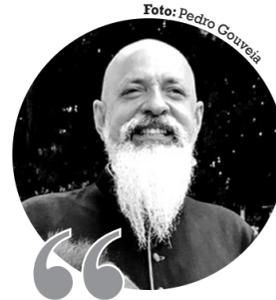
Segundo Marcelo Firmo, os ramos presentes nas celebrações deste domingo simbolizam a nobreza da figura de Cristo, aclamado pelo povo de Jerusalém como rei. Essa realidade, contudo, está ligada ao ideal da humildade, representada pelo jumento e pela imagem de um Jesus sofredor, que assume o papel de um rei espiritual. É o que reforça o cônego da paróquia de Tambiá. “O

povo esperava um libertador, um Cristo político, que fosse destronar o Império Romano e fazer uma revolução. E quem chega? O Jesus manso e humilde que veio converter os corações”, explica Marcelo.

Outro símbolo presente no Domingo de Ramos é a própria alegria, como defende o padre Carlos Araújo, da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Aroeiras. O caráter de júbilo também se manifesta na procissão que leva até a missa, quando os fiéis repetem as exclamações bíblicas ao entrarem nas igrejas. O presbítero de Aroeiras explica ainda que a palavra “Hosana”, repetida nas saudações, tem um duplo sentido, signifi-

cando tanto “o Deus que está nas alturas” como um pedido de salvação a Jesus.

Já a liturgia da missa de Ramos compreende a leitura dos Evangelhos que narram a Paixão de Cristo. De acordo com Carlos Araújo, apesar de os eventos narrados remontarem às celebrações da Sexta-Feira Santa, sua leitura funciona como uma preparação para o restante da semana. “A gente antecipa para dar sentido a tudo o que vamos viver, para compreender que aquele desenrolar vai chegar à Paixão, e que aquela acolhida do povo de Jerusalém também vai descambar no sofrimento da cruz e na entrega total de Jesus Cristo”, esclarece Carlos.



O povo esperava um libertador, um Cristo político, que fosse destronar o Império Romano e fazer uma revolução. E quem chega? O Jesus manso e humilde que veio converter os corações

Cônego Marcelo Firmo



Ramos usados costumam ser de palmeiras, mas fiéis também utilizam outros tipos como as medicinais e as espécies nativas da região da celebração

Traje rubro dos padres remete ao sangue de Cristo

Quem acompanha as celebrações do Domingo de Ramos percebe que a vestimenta dos sacerdotes tem uma cor padronizada: o vermelho. Também presentes na liturgia da Sexta-Feira da Paixão, os tons rubros representam o sangue de Cristo e simbolizam o martírio pelo qual o messias passaria em seus próximos dias em Jerusalém.

Além das liturgias comuns a todas as igrejas, há tradições que variam. Uma delas é o costume de cobrir as imagens dos santos durante o período da Quaresma, que se encerra no decorrer da Semana Santa. A prática foi recomendada, originalmente, pelo Missal de São Pio V, aprovado em 1570, mas, segundo Marcelo Firmo, tornou-se facultativa.

Ainda assim, o cônego de Tambiá preserva o hábito na Paróquia Santuário Nossa Senhora Mãe dos Homens. O objetivo é evitar a distração dos frequentadores da missa. “A gente cobre as imagens pra tirar a visão do

fiel da dispersão, para que ele mire só o altar. O altar é o centro, o Cristo é o centro”, explica.

O que também varia é o destino dos ramos levados para a procissão. De acordo com o padre Carlos Araújo, a Igreja guarda uma parte, geralmente dos galhos usados como enfeites, para ser queimada na Quarta-Feira de Cinzas do ano seguinte. Já os participantes do cortejo têm uma maior liberdade na destinação dos objetos usados para saudar a chegada de Cristo. “Os fiéis guardam (os ramos) como algo sagrado. Alguns colocam nas portas das casas, muitos usam os ramos mais verdes para fazer chá ou remédio e outros queimam, mas nunca jogam fora os ramos que foram abençoados”, conta o pároco de Aroeiras.

Preparação espiritual

A chegada do Domingo de Ramos indica que o fim da Quaresma está próximo. Como acontece com uma parte das liturgias católicas, a data desse en-

cerramento muda, podendo ser na quinta-feira ou no sábado, a depender das diretrizes adotadas por cada sacerdote. Na Igreja de Tambiá, o final do período quaresmal ocorre na Quinta-Feira Santa, durante a Missa do Lava-Pés.

O cônego da paróquia em João Pessoa reforça a importância de que os fiéis iniciem a semana firmes em suas penitências, definidas de acordo com as necessidades e os sentimentos de cada um, para que os sacrifícios valham a pena.

“O fim da Quaresma representa o bom êxito de seus propósitos: de jejuar, de se abster, de evitar determinado comportamento, de falar pouco, silenciar”, defende Marcelo Firmo.

As mensagens transmitidas nas cerimônias de hoje também apontam para o significado mais amplo da tradição pascal. Como explica Marcelo Firmo, a palavra “Páscoa” significa “passagem” e designa a trajetória de um Cristo que foi crucificado e depois ressuscitou.

“No geral, as pessoas pensam que essa passagem é da vida para a morte, mas, na realidade, é o contrário, da morte para a vida. No Domingo de Ramos, nós encontramos a grande cruz que Jesus carrega, no sentido emblemático: Ele é glorificado, entrando triunfalmente em Jerusalém, e depois é condenado, mas ressuscitou verdadeiramente”, relata o cônego.

Para Carlos Araújo, a participação dos fiéis nas festividades deste domingo é crucial para a vivência completa dos demais

exercícios espirituais da Semana Santa, como a Missa do Lava-Pés e a Vigília Pascal.

“O fiel que sabe o valor da Semana Santa participa intensamente, porque ele vai celebrar o mistério da Paixão, morte e ressurreição de Jesus. O católico é sempre convidado para viver cada um desses momentos e fazer memória. E fazer memória não significa se lembrar, mas atualizar a presença do Senhor, marcar a presença atuante e constante de Jesus na sua Igreja”, explica o presbítero.



Os fiéis guardam como algo sagrado. Alguns colocam nas portas das casas, muitos usam os ramos mais verdes para fazer chá ou remédio e outros queimam, mas nunca jogam fora os ramos que foram abençoados

Padre Carlos Araújo

Programação Religiosa Deste Domingo

-Na Catedral Basílica de Nossa Senhora das Neves, na capital

6h – Missa de Ramos, antecedida de procissão
9h – Missa de Ramos, antecedida de procissão
17h – Missa de Ramos, antecedida de procissão

-No Mosteiro de São Bento, em João Pessoa:

18h – Missa de Ramos voltada para os jovens (não tem procissão)

■ **Celebração na Diocese de Campina Grande**

-Na Catedral Diocesana Nossa Senhora da Conceição:

9h30 – Bênção dos Ramos, no estacionamento, seguida da procissão para a Catedral
10h – Missa de Ramos

IMPRÓPRIAS

Poluição de águas chega às praias

Despejo irregular de esgoto e lixo da cidade nas galerias pluviais termina por contaminar os rios e o mar

Maurício Melo
mmelo.jornalista@gmail.com

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Em todo o ano passado, a Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa emitiu 96 autos de infrações por despejo irregular de esgoto e, este ano, já se aproxima de 20 o número de punições. De acordo com o setor de fiscalizações, as residências são as principais responsáveis pelo lançamento incorreto. A poluição também tem sido registrada pela Sudema. O Relatório de Análises do órgão apontou que 25 dos 64 trechos do Litoral paraibano analisados estão impróprios para o banho.

Em Cabedelo, sete dos nove trechos avaliados estão impróprios. Desde o quinto boletim, o trecho em frente à galeria de águas pluviais, na praia de Ponta de Campina é considerado inadequado. O mesmo ocorreu na capital, na Praia do Bessa, em frente à desembocadura do maceió. Em Pitimbu, na Praia de Acaú/Pontinha, o trecho em frente à desembocadura do Rio Goiana foi considerado impróprio em todas as análises deste ano, assim como na Praia Maceió, em frente à desembocadura do Riacho Engenho Velho.

De acordo com a Coordenadoria de Medições Ambientais da Sudema, um dos principais fatores que contribui para que as praias fiquem poluídas é a grande quantidade de detritos que as chuvas arrastam das ruas para os rios e que, por sua vez, desembocam no mar. Outro ponto crítico são as galerias pluviais que levam lixo para o mar e até esgoto sem tratamento, que escoam em ligações clandestinas de residências, prédios comerciais e as galerias, destinadas às águas das chuvas.

O biólogo, doutor em Biotecnologia e docente do curso de Biomedicina da Faculdade FPB, Itácio Padilha, acrescentou que locais com maior densidade populacional tendem a ter mais riscos de contaminação, despejando esgoto na água. Além disso, as correntes marítimas podem transportar poluentes de uma praia para outra e com as chuvas haver aumento na quantidade de poluentes lançados ao mar. A solução deve integrar políticas de combate ao despejo de esgoto na água por moradores, empresas e banhistas. Ele reforçou que cada cidadão pode ser parte da solução ao descartar corretamente o lixo e denunciar atividades poluentes. “A poluição é causada pela presença de coliformes fecais e outros patógenos na água. Pessoas que entram em contato com essa água contaminada podem contrair conjuntivite, doenças gastrointestinais, como gastroenterite (inflamação do estômago e intestinos), doenças dermatológicas e respiratórias causadas por vírus ou bactérias e podem provocar sintomas como tosse, dor de garganta, febre e dificuldade para respirar”, alertou.

Um trecho da praia é considerado impróprio para o banho quando a taxa de coliformes termotolerantes apresenta números superiores a 1.000 UFC/100 ml (Unidade Formadora de Colônia) em mais de 20% do tempo de análise ou se houver mais de 2.500 UFC/100 ml na última verificação.



Foto: Ortilio Antônio

Alta densidade demográfica nas áreas urbanas contribui para o aumento do lixo, que é levado pelas chuvas até as galerias e lançado ao mar

Fiscalização e educação ambiental de forma permanente

“

A poluição é causada pela presença de coliformes fecais e outros patógenos na água, representando risco para as pessoas que tiverem contato com a água contaminada

Itácio Padilha

A Companhia de Águas e Esgotos da Paraíba (Cagepa) explicou que as ligações clandestinas geralmente são feitas com a obra da rede de esgotamento em andamento, o que prejudica a execução. A autarquia desenvolve um trabalho permanente de conscientização junto à população e utiliza uma van para levar ações educativas e de conscientização de forma itinerante, com óculos de realidade virtual e realidade aumentada, uma forma mais próxima de ensinar.

“Muitas vezes a gente passou com a rede coletora na frente da casa do cliente, deixamos a caixa e a gente sempre avisa que não é para fazer essa ligação enquanto a obra não estiver concluída, porque senão o esgoto vai ficar parado. Quando essas pessoas fazem a ligação o esgoto fica estourando sempre no ponto mais baixo da rua, porque não tem estação elevatória, não está ainda em funcionamento o sistema, então fica o transtorno na rua”, disse a gerente de Meio Ambiente da

Cagepa, Carolina Baracuh.

A Secretaria de Meio Ambiente de João Pessoa (Semam) informou que integra atualmente uma rede de união de esforços com as Secretarias de Desenvolvimento Urbano (Sedurb), Secretaria de Infraestrutura e Emlur, além da Cagepa, para coibir as ligações irregulares de esgoto na rede de drenagem. Ainda segundo a secretária, o histórico indica que essa é uma ação exitosa trabalhada pelos órgãos municipais e estaduais.

“Entre os anos de 2019 e 2020 a Semam desenvolveu um trabalho de fiscalização nas praias e deu continuidade posteriormente com a Sudema e Seinfra, levando em consideração que as desembocaduras de águas pluviais tendem a ter a presença irregular de esgotos domésticos, de comércio e de serviços”, explicou o chefe de Fiscalização da Semam, Jocélio Araújo dos Santos.

O processo ocorre da seguinte forma: detectando a ligação irregular é aplicado o

auto de infração com notificação para cessar de imediato. O trabalho da Semam é contínuo através de denúncias pelos canais, como o “Acácia”, “João Pessoa na Palma da Mão” e Disque Denúncia Semam. Também são atendidas demandas de ofício, onde os técnicos identificam a infração e acionam as equipes de plantão. A Semam possui poder de polícia administrativa, porém a poluição ambiental é crime tipificado na Lei dos Crimes Ambientais, por este motivo o processo é encaminhado ao Ministério Público. O Decreto Municipal nº 5333/2005 regulamenta o processo administrativo ambiental e determina que o lançamento de esgoto clandestino nas galerias pluviais ou nos rios, pode gerar multas para os infratores, que varia entre 320 a 8.823 Ufir (Unidade Fiscal de Referência), que atualmente vale R\$ 47,88.

Balneabilidade

De acordo com a Sudema, a balneabilidade é a qualidade das águas destinadas

à recreação de contato primário, que são atividades de contato direto e prolongado com a água, a exemplo de banho, natação, mergulho, pesca, onde existe a possibilidade de ingestão.

Os corpos d'água contaminados por esgoto doméstico, por exemplo, podem expor os banhistas a bactérias, vírus e protozoários. Crianças e idosos, ou pessoas com baixa resistência, são as mais suscetíveis a desenvolver doenças ou infecções após terem nadado em águas contaminadas.

As doenças relacionadas ao banho, em geral, não são graves, mas podem apresentar uma grande variedade de formas, sendo os sintomas mais comuns: enjoo, vômitos, dores de estômago, diarreia, dor de cabeça e febre. Outras doenças menos graves incluem infecções de olhos, ouvidos, nariz e garganta, em locais muito contaminados os banhistas podem estar expostos a doenças mais graves, como disenteria, hepatite A, cólera e febre tifoide.



Orla de João Pessoa (à esq.) e de Cabedelo têm sofrido com poluição. Em 2023, a Semam emitiu 98 laudos de infração por lançamento de esgoto clandestino

BERNARDINO BATISTA

Belezas naturais atraem visitantes

Mesmo situado no Sertão paraibano, município tem um clima frio e acolhedor, além de construções históricas

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Mesmo situado no Sertão paraibano, o município de Bernardino Batista se destaca pelo clima frio e acolhedor, sendo rodeado por belezas naturais como a Cachoeira de Norberto, a Serra do Constantino e a Pedra do Letreiro, que tem pinturas rupestres. Com edificações antigas, a exemplo da Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres - construída em 1945 -, e históricas, a exemplo da Casa Grande, do século 19, o município também preserva a memória de seu povo, que hoje constitui uma população de pouco mais de 3.500 habitantes, segundo o último levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Situada no Sítio Capoeiras, zona rural do município, a Pedra do Letreiro apresenta várias pinturas rupestres, um atrativo a mais para o visitante que também pode admirar a vegetação do local. De acordo com o secretário de Esportes, Juventude, Turismo e Lazer de Bernardino Batista, Vandeberk Viana Araújo, a subida até o local onde está a grande pedra se dá por meio de uma trilha. "Ao chegar,

vislumbramos pedreiras com pinturas rupestres. Segundo pessoas mais idosas da região, os indígenas que habitavam ali foi quem fizeram esses registros. Além das pinturas, contemplamos o túnel de pedras que nos arrepia ao passarmos por ele", declarou o secretário.

Outro elemento da natureza que chama a atenção é a Serra do Constantino, localizada no Distrito Antônio Paulo, zona rural da cidade. O terreno íngreme requer certo esforço para quem arrisca a subida na serra. Durante a caminhada por uma trilha, há placas de incentivo encorajando o visitante a concluir o percurso que, ao chegar no topo, pode desfrutar de uma bela paisagem. "Do alto da serra, vislumbramos uma beleza irradiante do local, como as piscinas naturais, a capela de Nossa Senhora Aparecida em cima das pedras e uma vista exuberante", frisou o prefeito.

Também na zona rural, no Sítio Cosmo de Brito, está outro atrativo natural da cidade, a Cachoeira de Norberto. No inverno, com a presença das chuvas, aumenta o volume de água da cachoeira, chamando ainda mais a atenção do visitante.

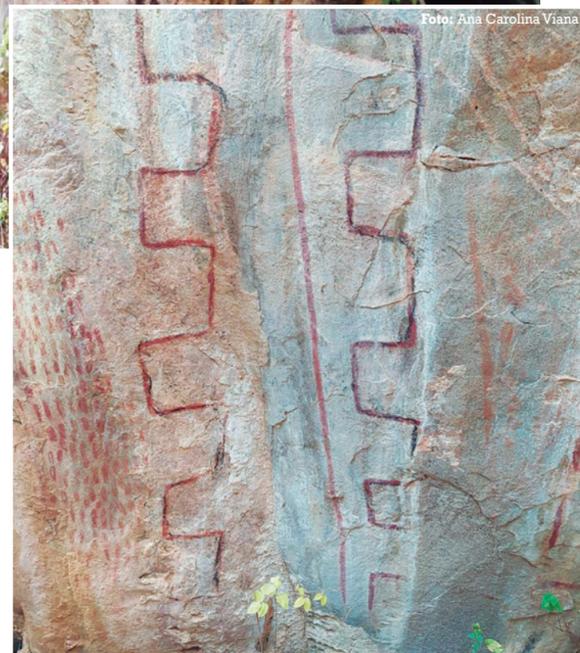
A cidade ainda tem tra-



Situada no Sítio Capoeiras, a Pedra do Letreiro apresenta várias pinturas rupestres, um atrativo a mais para o visitante que também pode admirar a vegetação do local

dição histórica, como a Casa Grande, também conhecida como a casa de Augusto Egídio e Adalgiza Andrade (Dadá), cuja construção data do século 19. A edificação centenária se destaca pela estrutura antiga e cheia de detalhes. De acordo com o secretário Vandeberk Araújo,

o imóvel foi construído por um artista, há vários anos, e seus proprietários eram conhecidos pela postura humana e simples, pois acolhiam pessoas que chegavam na região, oferecendo teto, alimento e bebida. "Além de sábios ensinamentos", completou o secretário.



Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres está situada no centro da cidade

Festa da padroeira Nossa Senhora dos Milagres é tradicional na região

Constituída por um povo acolhedor e generoso, o município mantém os ares típicos de uma cidade interiorana, com uma rotina tranquila, movimentada apenas pelo vaivém de estudantes e dos trabalhadores que atuam, sobretudo, no serviço público. O fim de semana é dedicado à fé e orações nos templos católicos e evangélicos.

A santa padroeira do município é Nossa Senhora dos Milagres, que nomeia a igreja matriz. Há décadas a edificação cristã fortalece a fé e a devoção dos fiéis da cidade. De paredes pintadas com ama-

relo vibrante, detalhes em branco e janelas azuladas, a Igreja Matriz Nossa Senhora dos Milagres está situada no centro da cidade, mais precisamente na Rua Alcino Vicente Egídio.

"A igreja matriz ainda está em fase de finalização internamente, mas sua parte externa encanta, e se tornou o ponto turístico da cidade com sua torre, uma das mais altas da região", comentou Vandeberk.

Como muitas cidades pequenas, a economia de Bernardino Batista é baseada na agricultura e empregos públicos, mas além dos atrati-

vos turísticos, há uma festa religiosa que também chama a atenção dos moradores e visitantes da região. É a festa da padroeira, Nossa Senhora dos Milagres, que ocorre entre 28 de agosto e 8 de setembro.

O evento é tradicional no município, sendo motivo da vinda dos filhos ausentes, que retornam à terra natal para aproveitar os dias de festa com os familiares. De acordo com o secretário, "a padroeira é conhecida por derramar suas bênçãos sobre a serra e interceder, junto ao seu filho Jesus, por cada um dos moradores do lugar".

Desmembrado de Triunfo, passou a ser município em abril de 1994

Um dos pontos de partida para a formação do município começa em 1815, com a chegada do padre José Dantas Rothéa, que veio com a missão de evangelizar os moradores da região, trazendo consigo estudantes seminaristas e pessoas escravizadas, que eram as serviais. O padre, atraído pelo clima, fixou residência e tomou posse de uma grande extensão de terra serrana, dando origem ao nome Serra do Padre. Rothéa viveu por um período nas terras, até que faleceu. Outra família, dessa vez a do coronel Francisco Egídio dos Santos, ocupou a propriedade, que foi passada para as mãos de um e de outro, sem qualquer registro. Uma dessas pessoas foi o coronel Manoel Egídio dos Santos.

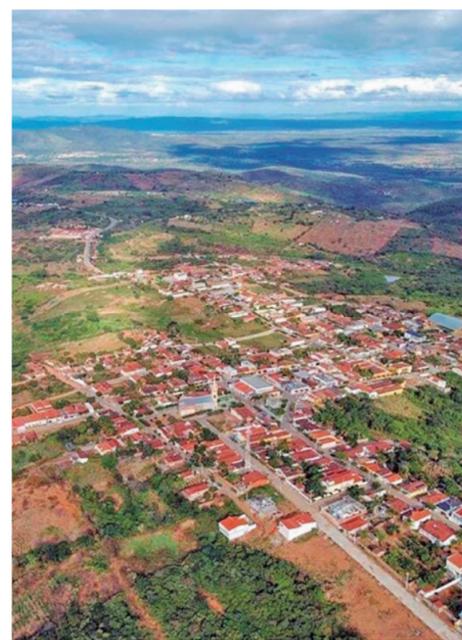
Em 1928, chega na região o senhor Bernardino José Batista, que casa-se com a filha do coronel Manoel Egídio, Maria da Glória da Conceição, e se elege vereador pelo município de São João do Rio Peixe, que mais tarde foi batizado de distrito de Bernardino Batista. O distrito foi criado pela Lei Estadual nº 4367, de

18-12-1981, subordinado ao município de Triunfo. Somente em abril de 1994, foi elevado à categoria de município, pela Lei Estadual nº 5929, de 29-04-1994, e desmembrado de Triunfo. A instalação ocorreu em 1º de janeiro de 1997.

Curiosidade

Em 2010, o município

de Bernardino Batista foi matéria em um telejornal de abrangência nacional (Bom dia Brasil/Rede Globo) por causa de uma curiosidade. A cidade era recordista de moradores ligados por laços de sangue. Na época, de cada dez casais no lugar, quatro eram primos, ou seja, eram parentes.



Município tem uma população de pouco mais de 3.500 habitantes, segundo levantamento do IBGE

Saiba Mais

Dados da Superintendência de Obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (Suplan) mostram que, em 2022, o Governo da Paraíba construiu no município um bloco de laboratórios e fez serviços de manutenção na Escola Cidadã Integral Nelson Batista Alves. Os investimentos chegaram a R\$ 1.103.466,67.

RELEITURA DE CLÁSSICOS DA MPB

Belchior na veia

Ana Cañas faz hoje, no Teatro Paulo Pontes, uma das últimas apresentações de seu premiado show em que canta a obra do cantor cearense

Sheila Raposo
sheilamraposo@gmail.com

Visceral. A palavra não poderia ser outra para definir o show em que Ana Cañas interpreta o repertório de Belchior. Em programas de televisão, reportagens impressas, entrevistas virtuais, conversas entre fãs — seja onde for, esse adjetivo está sempre lá, firme na missão de diminuir a distância entre o que é descrito por quem o viu e o que é lido e ouvido por quem não teve essa oportunidade. A chance para conferir a adequação do termo será dada uma vez mais em João Pessoa, na noite de hoje, no Teatro Paulo Pontes, a partir das 20h.

A volta da turnê à capital paraibana faz parte da despedida desse projeto, que nasceu de uma *live* realizada por ela ainda na pandemia. O que era para ser uma apresentação única se transformou em show, devido à forte repercussão e aos pedidos acalorados do público, e tomou corpo a ponto de propiciar o lançamento de uma música inédita de Belchior — presenteada à artista pelos dois filhos dele, Camila e Mikael, com quem ela formou um laço de amizade —, angariar o prêmio Show do Ano de 2022, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), e chegar ao final com um total de 180 shows (até o encerramento da turnê) realizados em palcos de todo o Brasil. “A sensação é de dever cumprido, com emoções infinitas e uma gratidão imensa por tudo o que vivemos. Mas ficará uma saudade gigantesca desse projeto, sabe? Ele nos deu muitas alegrias, muito aprendizado, muitas lágrimas de felicidade”, diz a cantora.

A entrega e a paixão com que a paulista canta o cearense impactaram plateias em todo o país. Segundo Ana, a “culpa” é de Belchior. “Ele é amado por todos, de norte a sul do Brasil. Claro, cada plateia tem características ligadas à cultura do lugar, são emoções diferentes, e isso também é muito bonito de observar e viver. Mas são sempre shows catárticos e inesquecíveis, e foi justamente isso que transformou esse projeto no momento mais bonito de toda a minha carreira na música”, afirma.

A cantora não é de todo justa consigo mesma, ao “debitar” o sucesso da turnê somente ao homenageado. Como salientou o crítico musical Mauro Ferreira, do G1, “manter a coerência e a identidade ao dar voz a um cancionista tão abordado nos últimos anos é proeza digna de aplausos”.

Com a turnê se encaminhando para o seu final, em apresentações nas principais cidades do país, o público de hoje vai ouvir sucessos como “Velha roupa colorida”, “Como nossos pais”, “Sujeito de sorte” e a canção inédita “Um rolê no céu”, assinada por Belchior e pelo também cearense Graco, composta em 1987. Também terá contato com canções menos tocadas dele, a exemplo de “Na hora do almoço”, “Comentário a respeito de John”, “Galos, noites e quintais”, “Antes do fim” e “Monólogo das grandezas do Brasil”.

Na pandemia, Ana Cañas fez lives cantando os sucessos de Belchior, o que evoluiu para o show e para o registro em vídeo da turnê

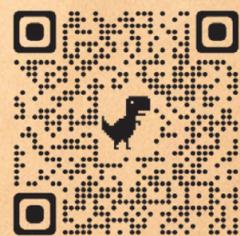
Poesia e arte

Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, nascido em Sobral (CE), no dia 26 de outubro de 1946, e morreu em 2017. Considerado um dos grandes nomes surgidos na MPB dos anos 1970, Belchior deixou uma extensa trajetória musical, marcada pelo discurso angustiado, de forte cunho social.

Poeta solitário, que retratava dilemas cotidianos com uma consciência questionadora, reflexiva e realista do momento, não é a primeira vez que Belchior conta com a voz feminina para interpretar a sua obra — no passado, grandes cantoras, a exemplo de Elis Regina e Vanusa, fizeram sucesso com a sua música. Mas é a primeira vez que uma artista monta um show, grava um DVD e viaja o Brasil inteiro com um repertório totalmente assentado em suas composições.

Para Ana, um deleite. “Acho que o feminino traz uma subjetividade que alcança seus versos de forma sublime, entende? Belchior é um gênio, está entre os maiores da nossa música, sem dúvida nenhuma”, diz ela. De forma generosa, ela conta que o mergulho na obra do compositor foi um grande aprendizado. “Ele me ensinou sobre a resiliência de servir, ao interpretar, buscando sempre a fusão intérprete-autor. Mas ensinou, especialmente, sobre a perenidade das canções, o valor da poesia na história da arte e a importância do ‘falar de si’ para encontrar o todo”, salienta.

Antes de abraçar a obra de Belchior, Ana Cañas cogitou fazer um tributo a Cazuza ou a Rita Lee. Mas quis o destino que fosse diferente. “E eu agradeço todos os dias por isso, pois temos muito mais em comum do que eu poderia supor. Tenho um amor imenso pela atualidade dos seus versos, pelo ser humano gentil, bem humorado e extremamente articulado que ele sempre foi! Tinha que ser ele. E tinha que ser naquele momento”, conclui.



Através do QR Code acima, acesse o DVD de Ana Cañas no YouTube

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

A vida sexual dos Enawene-Nawe

Millôr Fernandes certa vez disse que “só imbecis acham que sexo é apenas um ato físico”. Para os indígenas Enawene-Nawe, que vivem no noroeste do Mato Grosso, o sexo não é apenas um ato físico, mas o princípio que ordena toda a sociedade. Até mesmo a sua cosmologia e religião.

Os Enawene-Nawe desenvolveram um vocabulário próprio para as relações sexuais, o que inclui onomatopeias e expressões lexicalmente refinadas. Eles têm palavras específicas para se referir, por exemplo, ao cheiro produzido pelo ato sexual, para a habilidade do parceiro em “mexer corretamente na hora agá”, para o cheiro da vagina ou para o ato de dar uma “sentada”. O antropólogo e ex-professor da USP, Marcio Ferreira da Silva, que escreveu uma belíssima etnografia sobre os Enawene-Nawe, conta que eles são capazes de reproduzir, com muita argúcia, o ruído que a vagina pode gerar depois que uma mulher se senta. E que são curiosos e indiscretos em relação aos órgãos sexuais dos visitantes, alvo de contato visual e toque.

Entre os Enawene-Nawe a idade adulta é indissociável da capacidade de reprodução sexual. O que marca o fim da infância e o início da vida de adulto é a puberdade e alguns ritos de passagem. Para melhor entendimento, esses ritos são formas de produção da sexualidade.

Os meninos ficam aptos para se transformar em adultos quando nascem seus pelos pubianos. Eles, então, ganham um adorno peniano feito de palha que é amarrado ao prepúcio. É um momento muito importante, que mobiliza toda

a comunidade. No dia anterior à colocação, a mãe corta o cabelo do menino e retira dele todos os adereços infantis. O ritual é extenso. Envolve a participação dos cunhados do rapaz, tabus alimentares, pinturas, brincadeiras, trocas, entre outras coisas. Para quem se interessar por mais detalhes, recomendo a leitura da etnografia *Relações de Gênero entre os Enawene-Nawe*, escrita por Marcio Ferreira da Silva.

Com as meninas não são os pelos pubianos, mas os seios grandes e a coloração escura dos mamilos os sinais do fim da infância. É claro, a menstruação. Com a chegada da menarca, a jovem é obrigada a ficar reclusa em casa. Seu pai fica, assim, encarregado de construir um espaço reservado para ela. O tempo de isolamento é o de uma lua. Cabe à família comunicar a um rezador o que está acontecendo, e ele se incumbiu de fazer alguns procedimentos mágicos. O pai da moça prepara um chá feito com propriedades herméticas, que ela bebe e vomita. O ritual feminino também envolve tabus alimentícios, a colocação de uma tatuagem no ventre, o corte de cabelo e a retirada dos adereços infantis. Segundo Marcio Ferreira da Silva, “o início do período fértil de uma mulher não diz respeito apenas à jovem, mas a todo o universo social”.

Depois que se tornam adultos, ambos os gêneros ficam livres para manter relações sexuais. Essas podem acontecer com pessoas mais velhas, antes e durante o casamento. Os Enawene-Nawe são bastante pródigos nesse assunto. Achem que para uma mulher engravidar, ela tem que ter experimentado várias relações se-

xuais, que tendem a acontecer com diferentes parceiros. Os indígenas não veem nenhum problema que mulheres grávidas façam sexo com outros homens que não sejam o pai biológico do filho que carregam na barriga. Acreditam que isso pode ser benéfico para o desenvolvimento da gravidez.

As aventuras sexuais que rolam antes do casamento são recompensadas com presentes. O mais interessante é que a posse desses presentes funciona como marcadores sociais de distinção, pois indicam que a pessoa tem uma boa atividade sexual. É um sinal de status. O que estabelece o casamento entre eles não é a coabitação, mas a geração de uma criança.

Marcio Ferreira da Silva observa que o estójo peniano e os demais elementos simbólicos, como as tatuagens, não devem ser reduzidos a símbolos da sexualidade, eles são partes indissociáveis da pessoa. Ouso dizer que são os meios de produção dela. Sua aquisição, argumenta Marcio, tem caráter perpétuo e é portador de “um sentido profundamente cósmico”. Isso fica mais evidente quando descobrimos que sua posse é pré-condição para a entrada no céu. Pessoas que não têm esses adornos, que definem as diferenças sexuais, não podem entrar lá.

O Eno (céu dos Enawene-Nawe) é descrito como um lugar de perfeição. Os espíritos que o habitam são bons e gostam de fazer brincadeiras. Eles vivem num mundo onde se goza de plenitude sexual e de alimentos fartos e abundantes. Uma cosmologia que tem o sexo como ordenador do universo, sem as repressões típicas de sociedades como a nossa.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Liberdade e “vontade geral”

O ensaio “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, publicado em 1755, foi escrito pelo filósofo, teórico político, escritor e compositor genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Essa obra ainda influencia o pensamento cultural e político nos dias atuais. Uma das suas teses afirma que o ser humano vive entre a razão e os sentidos. Por conta disto, somente a partir do momento em que a pessoa decide agir na busca da “vontade geral” de sua comunidade é que se torna livre. Essa liberdade rousseauiana se manifesta na ausência de dominação. Em seu livro *O Contrato Social* (1762), Rousseau conceitua “vontade geral” como deliberação do “corpo político”, este deve buscar sempre o bem comum, o qual, a vontade de todos representa a unanimidade numa assembleia com a finalidade “À conservação e ao bem-estar do todo e de cada parte” (Rousseau, 1996, p. 25).

A vontade geral em Rousseau é construída pelo bom-senso universal, geralmente presente nas necessidades do coletivo. Por exemplo, todos reconhecem que a vida humana deve ser preservada. Há a diferença entre a “vontade de todos” e a “vontade geral”. Essa distinção, embora se tenha difundido amplamente entre os pensadores políticos e entre os legisladores dos mais diversos países democráticos, é absolutamente polêmica e contestável. Na prática, nada garante que a vontade geral seja atendida e que a vontade de todos não seja uma decisão tirana, o que configuraria uma ditadura da democracia. Essa diferença por ser explicada neste caso: a unanimidade de uma assembleia pode decidir criminalizar um indivíduo, embora tal decisão vá contra a vontade geral.

Jean-Jacques Rousseau apresenta procedimentos específicos à assembleia no que diz respeito à divisão de poderes. Para exemplificar, o pensador usa a metáfora do corpo. Ele lembra que, assim como há um órgão que comanda (o cérebro) e outros que executam os comandos (os músculos), também deve haver semelhanças no “corpo político”. Considerando isso, ele cita alguns argumentos:

- “A assembleia, que representa o poder legislativo, uma vez que cumpriu o seu papel, deve ausentar-se, para que não haja conflito de interesses. Conforme exi-



Rousseau escreveu ‘Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens’ em 1755

ge o princípio do império das leis, “o que governa as leis não deve também governar os homens” (Rousseau, 1999, p.110).

- “É inadmissível que um cidadão, ou um conjunto de cidadãos, seja representado por outro em uma assembleia. Para que a liberdade e a vida política se realizem de fato, é imprescindível que cada cidadão se faça presente no momento da discussão das leis” (Rousseau, 1999, p. 187).

- “O poder legislativo, representado pela assembleia, além de decidir qual é a forma de governo mais adequada ao Estado, também deve fazer com que o povo esteja preparado para reconhecer e aceitar a vontade geral – que ela manifestará. Ademais, deve haver uma maneira de motivar os cidadãos a obedecer às leis. Em ambos os casos, a religião servirá como instrumento do governo. Rousseau entende a religião como uma superstição que coloca em seus seguidores o medo de serem punidos, caso não obedeam aos seus preceitos. Geralmente, a crueldade e a alienação causada pelo poder religioso ultrapassavam os limites de cada povo, de uma comunidade ou cultura, de forma a gerar duas legislações, dois chefes, duas pátrias discordantes” (Rousseau, 1999, p. 237).

A crise da vida moderna permitiu a Rousseau descrever uma sociedade civil que deve conter compaixão e solidariedade, isto é, uma sociedade civil que conduza os indivíduos a irmandade. Ele – que vivenciou o auge do liberalismo clássico – discutiu, em seu “Discurso sobre a origem e os fundamentos da

desigualdade entre os homens”, o desejo de superioridade gera sempre novas egoístas ambições. Isso impulsiona a pessoa a não mais satisfazer a própria ganância sozinha. O filósofo afirma: “O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer: Isto é meu e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: ‘Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!’” (Rousseau, 2000, p. 87).

Para Rousseau, o Estado surge como uma forma de proteger os mais ricos dos males advindos dos conflitos. A existência de uma ordem que expressa o bem-comum é algo que ele admite ser superior ao indivíduo, algo que existe mesmo antes que a humanidade pudesse manifestar consciência, e que, por isso, constitui uma convenção incontestável e universal – considerada legítima politicamente pelo pacto social. Desta forma, o ser humano, ao contar apenas com suas próprias forças individuais, associa-se com outros, a fim de unir-se com o objetivo de uma defesa mútua: tanto da pessoa dos associados quanto de seus bens. Neste sentido, busca-se consultar a razão antes de impulsos individuais, uma vez que interesses coletivos devem se sobrepor a desejos individuais. O filósofo reconhece que os desejos individuais devem ser direcionados pela vontade geral como bem-estar social, ou seja, a dignidade de todos cidadãos. Dessa forma, buscase a liberdade para vivenciar a felicidade entre todos.

Sinta-se convidado à audição do 462º. Domingo Sinfônico, deste dia 24, das 22h às 0h. Em João Pessoa (PB), sintoniza na FM 105.5 ou acesse o aplicativo www.radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei a vida do regente alemão Herbert Von Karajan (1908 - 1989) e suas contribuições para construção da fraternidade e liberdade entre as nações.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Solução sem choro

O jeito de pensar do poeta Manuel Bandeira, no amor da vida inteira, no final, acenar, o túnel, ter o poema como resposta, uma cena que já passou, a hora mais que na hora de saber que algo terminou, na imitação da vida. Tanta coisa assim, o fim, o que pode ser e não aconteceu, uma vez que já não pulsa mais.

Um derradeiro instante, a ida ao último lugar, a mulher macia, o ser que vigora, a testosterona que se autodomina, a dona que não sente saudade, sequer soluça, chora escondido, mas é forte como o luar do Sertão, já não chega e não tem mais lua cheia, nem chuva, nem o cheiro do perfume, do sexo.

Coisa bela não mais existe, quando até o galo canta e não soluça para que ninguém morra desavisado ou se pelo menos, desfrutasse de uma imagem tua, um poema, um pedaço de chão, mas é tão difícil soluçar sem chorar. Dois amores morrem, não nascem outros, seguem os corpos cansados por si próprios, apaixonadamente e nada mais.

Vou danado pra Catende, cavalgando, viciado, com vontade de chegar, saindo dessa ciranda sem outra a girar. Apenas a última vez, já era noite, mas nunca a vi soluçar sem chorar - sem ida, sem vida.

Não vou mais danado pra Catende, na outra vida glória e a beleza suicida que está no poema do Bandeira. Dois seres paridos no Sertão, nem se chover, nem se rezar, de uma voz futuro pretérita, mas adeus, adeus morena dos cabelos cacheados...

Assim como o Bandeira, eu queria meu último texto, mostrar meu olhar sem olhar pra atrás, que tivesse em cada palavra o meu destino findo. Se fui onça, se fui jacaré, signo nenhum, que nesse mundo não existe coisa mais certa, uma altivez que finaliza o texto.

O lampejo da frase interrompida, o anonimato dos nossos nomes, meus lábios calados desde o estalo da última vez na mais irrevogável imagem perdida. Queria assim fosse meu texto, último na descendência pela sina, sonho meu, sequer um choro contido.

Como se eu fosse o azulão na pausa do voo que liberta, na respiração interrompida, na respiração das palavras nuas, sua passagem na paisagem, no intervalo mais longo que a Estrela da Manhã do Bandeira.

Honrado, enquanto foi valioso, fizemos enfim as pazes e estaremos mais felizes, seja com quem for, o amor que já foi, o pó e o sol.

Mas porque tudo isso, esse turbilhão de imagens, se o sol e a lua não combinam? O poeta Manuel Bandeira, é sempre novo ao se revelar em seu poema, “O último poema” publicado em *Libertinagem* (1930).

“Assim eu queria meu último poema. Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e menos intencionais, Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas

Que tivesse a beleza das flores quase sem perfume, A pureza da chama em que se consomem os diamantes mais límpidos. A paixão dos suicidas que se matam sem explicação”.

Eu que venho de longe, dos berros e assombrações, trovões, nunca vi uma pessoa soluçar sem chorar, e este poema é uma real/idade, uma pessoa rara, nesse poema escrito sem palavra nenhuma.

Que fosse este meu decisivo navegar, queria apenas a vontade de ser aquilo que se tem aos poucos, nada mais, nem as tempestades, nem o alívio. Nada além.

Kapetadas

1. Um barco, uma ilusão à toa, de ótica, uma força a compreender sentimentos, de que nada sobra, só, somente só.

2. Ocupados ou não, todos os sutiãs carregam anseios.



O poeta Manuel Bandeira publicou ‘Libertinagem’ em 1930

Alex Santos

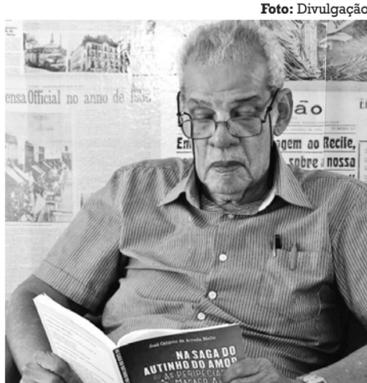
Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Parabéns ao historiador de “lutas e resistência”

Longa e positiva, a trajetória de um amigo historiador paraibano, dentre os que tenho me relacionado, culturalmente. E me sinto até constrangido em destacar nomes, para não ser injusto com a grande maioria deles. Embora existam alguns parceiros que nunca me fogem à memória, pelo trabalho que sempre vimos realizando, tanto no jornalismo como no cinema. O professor de História da Paraíba José Octávio de Arruda Mello é um deles. E que nessa semana aniversariou. Companheiro de tantas “lutas e resistência” em prol da cultura paraibana. Ao articulador do Grupo JHR, minhas congratulações!

Recentemente, dois motivos fizeram-me lembrar do amigo José Octávio: o 18 de março, dia de seu aniversário, e sua mais recente publicação em livro, em parceria com Jean Patrício do IHGP – *João Pessoa, Evolução e Síntese de uma cidade (1585/2023)*. Nesse caso, deuse em visita que fiz com a minha filha advogada, Alexandra, à Editora Ideia do parceiro Magno Nicolau, com quem estamos também publicando as nossas memórias cinematográficas.

Articulado pesquisador da História da Paraíba, José Octávio já escreveu vários livros e ensaios sobre o assunto. A sua vida de escritor é pontilhada de feitos relacionados com a histo-



José Octávio de Arruda Mello: IHGP e APL

riografia da política paraibana. E já na década de 1970 assumia a cadeira 25 do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Dois anos depois ocupava, também, a Cadeira 10 da Academia Paraibana de Letras. Como se nota, a sua conexão com a cultura, jornalismo e literatura (de quando em vez com o cinema, comigo) tem sido notável até os dias atuais.

Ainda hoje, Zé Octávio é uma daquelas amizades de longas datas. Creio, desde o início dos anos de 1980. À época, já na UFPB e integrando a comissão de criação do Núcleo de Documentação Cinematográfica (Nudoc), no CCHLA eu ministrava aulas de fo-

tografia e cinema no Departamento de Comunicação Social. Tempos depois, todos os cursos passariam ao novo centro, o CCTA, com as aulas na disciplina Mídias Digitais, até a minha aposentadoria.

Também na época, exercendo jornalismo e editando o Segundo Caderno do jornal *O Norte*, fui convidado pelo historiador José Octávio, naquela época Diretor Geral de Cultura do Governo do Estado, para coordenar o segmento de cinema do Festival de Artes de Areia. Aceitei, levando em consideração a identidade de gostos e propostas culturais que sempre tivemos um com o outro. Foi aí que conheci outro bom amigo de cinema, Machado Bitencourt.

Afinal, esse é um curto relato da boa amizade que sempre tivemos, até em família com o amigo Zé Octávio. Uma história a fazer parte ainda do livro que ora estou publicando, obra que resgata as minhas origens, meus filhos e família, além do pioneirismo daquele que fez do cinema as nossas vidas, meu saudoso pai, “Seu” Severino do cinema. Com enfoques ainda sobre Academia Paraibana de Cinema (APC), da qual é Patrono da Cadeira 05. – Para mais “Coisas de Cinema”, acesse o blog: www.alexantos.com.br

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Rui, articulista

Afeito às atividades de gestão no setor público, portanto, habituado ao árido ofício de funções burocráticas, Rui Leitão não tem descurado de seus interesses cognitivos e, sobretudo, da prática jornalística, através de um articulismo dos mais coerentes e elucidativos, em especial, no que concerne ao campo político e ideológico. Filho do saudoso historiador e acadêmico Deusdedit de Vasconcelos Leitão, como que herdou do pai a paixão pelos temas históricos, de que resultou certamente o livro *1968, o Grito de uma Geração* (2013), no qual rastreia, dia a dia, o ano emblemático que, segundo Zuenir Ventura, em obra indispensável, ainda não terminou.

Tendo como cenário a Paraíba, Rui Leitão traz à tona, de janeiro a dezembro, fatos, episódios, ocorrências, situações e personagens do universo político e cultural que configuram aqueles anos de sufoco e repressão. Rico em dados e em informações, a obra possui espírito didático e descritivo, o que confirma as palavras do jornalista Paulo Santos, apostas na contracapa: “Rui não julga, não batiza, nem sepulta. Sua ideia não foi ser magistrado ao rever o passado, nem sacerdote para encomendar a eternidade a quem quer que seja”. De fato. Não há nenhuma pretensão de Rui Leitão em se posicionar como um historiador de ofício, como um juiz cerceado pela viseira dogmática do maniqueísmo. Nele preexiste provavelmente a figura do jornalista, principalmente do articulista atento às nuances temáticas que o cotidiano oferece e que, pelo senso de observação e pelo lance intuitivo, se transformam em breves reflexões que tendem a estimular o olhar crítico do leitor. Na sequência, o autor publica os seguintes livros, todos, no meu entender, de feição jornalística. São eles: *A Essência da Sabedoria Popular e Canções que Falam por Nós*, ambos de 2015; *Sentimentos, Emoções, Atitudes* (2017); *Um Olhar Interpretativo das Canções de Chico* (2018) e *Revolucionárias* (2023).

Lendo, relendo, anotando e sublinhando certas passagens de seus textos, sempre me deparei com a frase precisa, objetiva, adequada de quem possui a técnica e a ciência do estilo jornalístico, do articulista que, em rápidas pinceladas, sabe equacionar o foco principal dos assuntos e motivos de que fala. A introdução, o desenvolvimento, a conclusão, tudo se expõe dentro da lógica silogística, com coesão e coerência, na corporificação conceitual das ideias e dos argumentos. Não o diria um cronista no sentido rigoroso da palavra, uma vez que, me parece, falta-lhe o calor poético no arranjo dos vocábulos, quase sempre validados pela energia persuasiva e pragmática que os modulam no tecido textual. Rui Leitão é, sem dúvida, o articulista por excelência. E insisto, sobremaneira, o articulista político, costurador de boas ideias e sempre na defesa das boas políticas públicas e sociais. Não faz, como foi hábito de tantos que militaram nessa área, de sua redação apenas um fabulário mediocre acerca das fofocas da cozinha do palácio. Seus títulos já enunciam o leque variado de abordagens que intenta. Motivações peculiares à condição humana, tais como a alegria, a gratidão, a ironia, a solidão, a culpa, o ódio, o luto, o lazer, entre muitas outras, aparecem, em profusão, nas páginas de *Sentimentos, Emoções e Atitudes*, revelando o jornalista que se insinua, com leveza e argúcia, nas zonas minadas da filosofia e das ciências sociais, particularmente da psicologia. Óbvio, tudo pelo viés fino e tarimbado do jornalista.

A música popular brasileira é um dos tópicos de sua eleição. Ensaia, no livro sobre as canções de Chico Buarque, a que prefeciei, pequenos exercícios de análise e exegese das letras, em certo sentido contribuindo para sua melhor compreensão semântica e, ao mesmo tempo, como que incitando o leitor a procurar e a ouvir aquelas de seu gosto pessoal, conforme afirmo no arremate do referido prefácio, com estas palavras: “(...) a obra parece nos fazer, curiosamente, uma espécie de convite para revermos, ao pé da caixa de som, a presença inconfundível de Chico Buarque de Holanda, cantando, como só ele sabe cantar, as suas belas e inesquecíveis canções”.

As mulheres presta uma singela homenagem a partir de seus artigos em *A União*, reunidos no livro *Revolucionárias*. Traça breves perfis de personalidades femininas de destaque, sobretudo, no que toca às suas trajetórias, não diria revolucionárias, mas rebeldes, uma vez que o termo “revolucionário”, diferente de “rebelde”, pressupõe uma práxis sistemática de linhagem comportamental, política e ideológica que visa uma ruptura radical com o sistema e a estrutura dominantes na sociedade. Mulheres na arte e na cultura, nas ciências e na educação, na história e na política são elencadas a partir de um amplo espectro cronológico e geográfico, unidas, no entanto, por essa característica comum de mulheres singulares no seu modo de ser, quer pelo exemplo legado, quer pela expressão cultural, artística, educativa, histórica, política e social. De Amelinha Theorga, passando por Anyde Beiriz, Cora Carolina, Anna Nery, Alzira Soriano até Pagu, Violeta Formiga e Zabé da Loca, entre tantas outras, Rui Leitão como que escreve um pequeno, porém rico e proveitoso compêndio, sobre a presença da mulher na história.

APC reúne-se na próxima quarta-feira

A Academia Paraibana de Cinema estará realizando, com sua diretoria e conselho, mais uma das reuniões mensais na próxima quarta-feira (27), pela manhã, nas dependências do Cine Mirabeau, bairro do Bessa, nesta capital. Em pauta, reavaliação de medidas que estão sendo adotadas pela nova gestão, além de encaminhamento de ações já planejadas para este ano.

O professor João de Lima Gomes, presidente da instituição (ao contrário do que foi divulgado no domingo passado), esclarece que o professor Carlos Dowling, organizador da Mostra de Cinema e Direitos Humanos, atualmente realizada no Cine Aruanda (UFPB), não pertence à APC.



EM cartaz

ESTREIAS

ALICE NO PAÍS DAS TREVAS (*Alice in Wonderland*). Reino Unido, 2024. Dir.: Richard John Taylor. Elenco: Lizzy Willis, Rula Lenska, Jon-Paul Gates. Terror. Adolescente que perdeu os pais vai morar com a tia em propriedade conhecida como Wonderland, onde eventos estranhos começam a acontecer. 1h17. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 20h50. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 17h10, 21h. **Campina Grande:** CINÉSERCLA PARTAGE 4: dub.: 17h10, 21h.

THE CHOSEN - OS ESCOLHIDOS (*The Chosen*). EUA, 2024. Dir.: Dallas Jenkins. Elenco: Jonathan Roumie, Lara Silva, Paras Patel. Drama/religioso. Compilação dos dois primeiros episódios da quarta temporada da série sobre a vida de Jesus. 2h20. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 15h, 18h; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 15h, 18h; leg.: 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 15h, 18h, 21h. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 17h20, 20h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 17h20, 20h. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: 15h30, 18h40, 21h10; CINE GUEDES 2: leg.: 20h45. MULTICINE PATOS 1: dub.: 16h55, 20h.

KUNG FU PANDA 4 (*Kung Fu Panda 4*). EUA/China, 2024. Dir.: Mike Mitchell. Vozes na dublagem brasileira: Lúcio Mauro Filho, Danni Suzuki, Tais Araújo, Leonardo Camillo. Comédia/aventura/animação. Antes de se tornar um líder espiritual, panda precisa encontrar o novo dragão guerreiro e enfrentar de novo antigos vilões. 1h34. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h45, 17h, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: qui., sex. e seg. a qua.: 15h15, 17h45; sab. e dom.: 13h, 15h15, 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: qui., sex. e seg. a qua.: 15h45; sab. e dom.: 13h30, 15h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 14h15, 16h45, 19h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h45, 17h15, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (Macro-XE): 3D: dub.: 16h, 18h30, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: qui., sex. e seg. a qua.: 16h15; sab. e dom.: 13h45, 16h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 14h45, 17h15, 19h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qui., sex. e seg. a qua.: 15h45; sab. e dom.: 13h30, 15h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h45, 19h15. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h, 17h, 19h. CINESERCLA TAMBIA 6: 3D: dub.: 15h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h, 17h, 19h. CINESERCLA PARTAGE 2: 3D: dub.: 15h20. **Patos:** CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 15h, 18h40; 2D: 16h50, 20h35. MULTICINE PATOS 3: dub.: 2D: 15h15; 3D: 17h25, 19h35.

SAUDOSA MALOCA. Brasil, 2024. Dir.: Pedro Serrano. Elenco: Paulo Miklos, Gero Camilo, Gustavo Machado, Leilah Moreno, Sidney Santiago Kuanza, Paulo Tiefenthaler. Comédia/drama. Três amigos malandros e músicos vivem em uma maloca e acompanham a elitização da área. Baseado nas canções de Adoniran Barbosa. 1h48. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 16h30, 21h30.

CONTINUAÇÃO

ANATOMIA DE UMA QUEDA (*Anatomie d'une chute*). França, 2023. Dir.: Justine Triet. Elenco: Sandra Hüller, Milo Machado-Grauer, Swann Arlaud. Drama/mistério. Mulher enfrenta um julgamento pela morte suspeita do marido, tentando provar sua inocência para o tribunal e para seu filho de 11 anos com deficiência visual. Oscar de melhor roteiro original, indicado também a filme, direção e atriz. 2h31. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 15h15.

BOB MARLEY - ONE LOVE (*Bob Marley - One Love*). EUA, 2024. Dir.: Reinaldo Marcus Green. Elenco: Kingsley Ben-Adir, Lashana Lynch, James Norton. Drama. A história de Bob Marley, grande ícone do reggae, através das adversidades para pregar a paz através de sua música. 1h47. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: leg.: 18h30.

DESESPERO PROFUNDO (*No Way Up*). EUA, 2024. Dir.: Claudio Fäh. Aventura/suspense. 14 anos. Grupo de pessoas fica preso no Oceano Pacífico após a queda do avião onde estavam.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 18h. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 18h. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 17h.

DUNA - PARTE 2 (*Dune - Part 2*). EUA/Canadá, 2024. Dir.: Denis Villeneuve. Elenco: Timothée Chalamet, Zendaya, Rebecca Ferguson, Javier Bardem, Josh Brolin, Austin Butler, Florence Pugh, Dave Bautista, Christopher Walken, Léa Seydoux, Stellan Skarsgård, Charlotte Rampling. Ficção Científica/aventura. Nobre unido a povo oprimido de um planeta desértico busca vingança contra os conspiradores que destruíram sua família. 2h46. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: leg.: 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 14h30, 18h15, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 18h15, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h. CINE-

SERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 15h25. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 20h. **Patos:** CINE GUEDES 3: sab. e dom.: dub.: 13h50. MULTICINE PATOS 4: dub.: 15h35.

OS FAROFEIROS 2. Brasil, 2024. Dir.: Roberto Santucci. Elenco: Maurício Manfrini, Cacau Protásio, Danielle Winits, Antônio Fragoso, Charles Paraventi. Comédia. Gerente de vendas ganha da empresa uma viagem para a Bahia com toda a família e, para garantir sua promoção, resolve levar três amigos e suas famílias. 1h44. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui. a sab. e seg. a qua.: 15h30. CENTERPLEX MAG 4: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: 14h40, 17h, 19h30, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 19h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: 15h15, 17h45, 20h30. CINESERCLA TAMBIA 4: 18h25, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: 18h25, 20h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: 15h. MULTICINE PATOS 4: dub.: 19h.

IMAGINÁRIO - BRINQUEDO DIABÓLICO. (*Imaginary*). EUA, 2024. Dir.: Jeff Wadlow. Elenco: DeWanda Wise, Taegen Burns, Piper Braun. Horror/mistério. Mulher volta à casa de sua infância e descobre que seu antigo amigo imaginário é real e ameaçador. 1h44. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 18h10, 20h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h50. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h50. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: 18h45. MULTICINE PATOS 4: dub.: 21h15.

OMENINO E A GARÇA (*Kimi-tachi Wa Do Iku ka*). Japão, 2023. Dir.: Hayao Miyazaki. Vozes na dublagem brasileira: Arthur Salemo, Sérgio Moreno, Ana Helena de Freitas. Animação/drama/fantasia. Garoto se aventura em um mundo compartilhado entre vivos e mortos, com a promessa de reencontrar a mãe, que morreu num incêndio na II Guerra. Vencedor do Oscar de melhor filme de animação. 2h04. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 14h.

UMA VIDA - A HISTÓRIA DE NICHOLAS WINTON. (*One Life*). Reino Unido, 2023. Dir.: James Hawes. Elenco: Anthony Hopkins, Lena Olin, Johnny Flynn, Helena Bonham Carter. Drama. Pouco antes da II Guerra, jovem corretor de Londres luta para resgatar crianças da Tchécoslováquia dominada pelos nazistas. 1h50. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 18h45, 21h15.

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]



O trio protagonista do filme 'Saudosa Maloca' é o mesmo da canção: Joca (Gustavo Machado), o próprio Adoniran Barbosa (Paulo Miklos) e Mato Grosso (Gero Camilo)

Foto: Pink Flamingo Filmes/ divulgação

CINEMA

Um mergulho em Adoniran Barbosa

Diretor-roteirista do filme 'Saudosa Maloca' fala sobre sua 'trilogia' dedicada ao compositor paulista

Renato Félix
renatofelix.correio@gmail.com

O cineasta Pedro Serra no ouvia canções de Adoniran Barbosa como tantas outras pessoas em São Paulo: em casa, em disco ou através de um professor de música na escola. "Quando pensei em fazer um filme, ouvi 'Saudosa maloca' e tive certeza que era uma boa chance de contar

uma história que fazia parte também da minha história, da minha cidade, do meu lugar". O resultado é *Saudosa Maloca*, filme que costura as canções do compositor paulista como uma história única e que está em cartaz em João Pessoa.

Primeiro, na verdade, veio o curta *Dá Licença de Contar* (2015), agora expandido para o longa. Entre eles, o docu-

mentário *Adoniran - Meu Nome É João Rubinato* (2018). Uma trilogia dedicada à vida e à obra de Adoniran.

"Num gênero já consolidado como o samba, ele conseguiu criar essa linguagem própria, que não é só o 'falar errado'. É falar do povo simples e trabalhador de um jeito muito visual", conta.

O tema da cidade antiga, mais humana, que foi dando

lugar aos espigões - assunto da letra de "Saudosa maloca" e de outras canções de Adoniran Barbosa - virou um ponto importante do filme.

"O formato de longa nos permitiu trazer essa questão social de gentrificação, especulação imobiliária. Isso está muito presente no filme porque está muito presente na obra do Adoniran. Uma série de sambas dele vão tratar

desse tema", explica o cineasta, alertando que essa é uma questão bem atual.

"Não é algo que ele cantou lá atrás. Tem muito hoje, é o dia a dia de todo paulistano. São Paulo não para de ser, como ele dizia, 'esse inferno que anda', que se transforma todo o tempo e que verticaliza tudo. Isso vai afetando sua memória afetiva com a cidade".



Através do QR Code acima, acesse o trailer de 'Saudosa Maloca'

CELEBRE A LITERATURA FEMININA

Compre qualquer livro de autoria feminina e aproveite um desconto exclusivo de 10%!

VISITE NOSSA LOJA E APROVEITE!

[Válido de 8 a 31 de março de 2024]

ELEIÇÕES

O desafio do primeiro voto em 2024

Justiça Eleitoral promove campanha de incentivo a jovens de 16 e 17 anos, que já podem, mas não são obrigados a votar

Filipe Cabral
filipescabral@gmail.com

Como em todo ano eleitoral, em 2024, jovens de 16 e 17 anos de todo o Brasil são convidados a exercer a cidadania e fortalecer a democracia no país através do voto. Neste ano, em que serão eleitos vereadores e prefeitos em milhares de municípios da Federação, o período para alistamento eleitoral vai até o dia 8 de maio.

Embora o voto seja facultativo aos menores de 18 anos, a participação da juventude tem sido cada vez mais importante na definição dos rumos tanto do país como das cidades. Justamente por isso, a Justiça Eleitoral tem promovido campanhas de incentivo direcionadas às pessoas que podem participar das eleições pela primeira vez e, assim, ajudarem a construir o futuro dos municípios onde vivem.

Na última semana, por exemplo, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e os Tribunais Regionais (TREs) de todos os estados brasileiros realizaram o "Festival Primeiro Voto", que contou também com a cooperação de organizações da sociedade civil e de instituições públicas e privadas.

Na Paraíba, além das ações de cadastramento eleitoral nos cartórios das 77 Zonas Eleitorais espalhadas pelo estado, o TRE-PB produziu uma série de conteúdos para as redes sociais em parceria com prefeituras, como a de Junco de Seridó, e órgãos públicos, como a 7ª Gerência Regional de Ensino, em Itaporanga.

"Uma das missões da Justiça Eleitoral é, exatamente, o exercício da cidadania. O Tribunal Superior Eleitoral e os Tribunais Regionais têm tido uma missão extraordinária e primordial nessa inclusão do jovem eleitor. Até o dia 8 de maio, aquele jovem que completar 16 anos até a data das eleições - 6 de outubro - pode procurar a Justiça Eleitoral para fazer o seu alistamento eleitoral", informou a presidente do TRE-PB, desembargadora Agamenilde Dias.



Alistamento pode ser feito pela internet

O alistamento eleitoral (primeiro título) pode ser feito através da internet - por meio do "Autoatendimento Eleitoral", na página do TSE - ou presencialmente em um cartório eleitoral na Zona Eleitoral responsável pelo município onde a pessoa deseja votar.

Para fazer a solicitação são necessários os seguintes documentos: documento oficial de identificação, comprovante de vínculo com o município, comprovante de pagamento de débito (quando houver débito com a Justiça Eleitoral), e comprovante de quitação militar (obrigatório somente para as pessoas de gênero masculino).

De acordo com dados do TSE, 42.322 eleitores paraibanos de 16 e 17 anos participaram das últimas eleições municipais, em 2020, o que corresponde a 1,42% do total de votos registrados no estado durante o pleito.

Em 2022, o número cresceu para 57.814 (1,87% do total), provando que, mesmo com a participação facultativa, cada vez mais jovens têm se interessado nos processos políticos e democráticos da Paraíba.

Adolescentes se antecipam para evitar corrida de última hora

O jovem estudante Kauê de Farias foi um dos que se adiantou para participar das eleições deste ano. Embora tenha apenas 15 anos, Kauê completará os 16 antes de outubro e, portanto, poderá escolher seus candidatos a prefeito e vereador no município de Cabedelo, onde pretende votar. Segundo ele, o gosto pela democracia foi cultivado em casa.

"A minha mãe e minha família me motivaram a tirar o título. Eu quero votar porque é importante para ter um futuro melhor. Vou ver as propostas dos candidatos e escolher da melhor forma", disse o jovem eleitor.

Também com 15 anos, Mariana Pires mora em João Pessoa e garantiu que pretende tirar o título até o fim do mês.

"É bom participar da eleição porque a pessoa pode ter uma noção do futuro e das mudanças que a votação vai trazer para a cidade e para a população", explicou.

Atenta aos problemas da cidade, Mariana já sabe o que avaliar na hora de escolher seus candidatos:

"Eu desejo uma mudança para a escola e para a sociedade como um todo. A gente viu que nos últimos anos os valores das coisas, da comida principalmente, subiram

Jovens Eleitores

Fotos: Evandro Pereira



A minha mãe e minha família me motivaram a tirar o título. Eu quero votar porque é importante

Kauê de Farias



É bom participar da eleição porque a pessoa pode ter uma noção do futuro e das mudanças

Mariana Pires



É sempre bom procurar um candidato que tenha boas propostas para o que o município necessita

Vitor Tavares

muito e tem gente que não tem condição de se manter por causa disso. Uma mudança nessa questão ajudaria muitas pessoas, principalmente as da comunidade", observou.

Na mesma linha, Vitor Tavares, de 16 anos, também disse que pretende votar nas eleições municipais da capital. Embora considere que a situação política "está um pouco complicada", o estudante ainda acredita na força da democracia para melhorar a vida das pessoas, especialmente as que necessitam dos serviços públicos.

"Hoje em dia a situação política está um pouco complicada. Mas é sempre bom procurar um candidato que tenha boas propostas para aquilo que o município necessita. Eu pretendo votar em candidatos que visem melhorar as escolas e os serviços públicos, como os hospitais", comentou.

"É muito importante que os políticos apoiem a educação nos municípios, porque eu vejo que, hoje em dia, muitos jovens estão desistindo da escola ou porque não têm condição financeira ou por falta de manutenção no local da escola. A escola que eu vim mesmo, não era totalmente propícia, tinha muita coisa quebrada. Então, o candidato que ajude nisso, que faça essas coisas, eu vou votar nele", concluiu.

Memórias

A União

Silvana Sorrentino

Desafios de uma repórter que não desistiu da informação apesar do perigo

Na cobertura da folia durante o Carnaval ou numa caçada policial a um bandido, a história de uma jornalista que temeu, mas se manteve focada na cobertura dos fatos para produzir matéria em informação de qualidade

Luiz Carlos Sousa
lucbjp@gmail.com

Silvana Sorrentino começou em **A União** durante o Carnaval de 1982. Recebeu inúmeras pautas sobre o tema, cobriu clubes de orquestra, escolas de samba e tribos indígenas, além dos bailes nos clubes Cabo Branco e Astrea. E a partir daí não parou de ascender na estrutura do jornal. Chegou ao cargo de diretora técnica e à editoria geral, sem nunca deixar de ser repórter. É tanto que na morte de um acusado de vários homicídios em João Pessoa, conhecido como “focinho de porco”, ela foi motorista e coletou todas as informações na cena da ação, no Grotão, onde a Polícia Federal matou o bandido. Foi repórter especial do Segundo Caderno e é mais uma profissional que identifica em **A União** uma grande escola do jornalismo. Disse que nunca se constrangeu por ser de esquerda e trabalhar no jornal oficial e que só não gostou de fazer cobertura política. Nessa conversa para o Memórias **A União**, ela revela os desafios que enfrentou, diz que conviveu com os melhores profissionais do jornalismo paraibano e que ainda há espaço para o veículo impresso para apresentar à sociedade a informação com credibilidade e qualidade.

Entrevista

■ Como foram os seus primeiros passos no jornalismo, como e quando você chegou em **A União**?

Na verdade, eu comecei em **A União** em 82, vinda do jornal O Norte, primeiro veículo de comunicação em que eu trabalhei, ainda no curso de Comunicação. Nessa época não tinha a exigência do diploma. Então, eu fui fazer um teste no jornal O Norte e o editor era Evandro Nóbrega.

■ A sua turma foi a primeira do Curso de Comunicação Social?

Não, a segunda. Com um ano de curso fui para fazer esse teste. Tive a sorte dele me dar uma pauta que era bem interessante na época da seca, era uma pauta no Dnocs. Essa pauta rendeu uma matéria que foi manchete do jornal.

■ Começou muito cedo e com ótimas oportunidades!.

Então, no outro dia eu já estava no jornal. Só que, naquela época, eles não assinavam como jornalista, até porque a gente não era jornalista ainda. A gente estava no curso, só tinha um ano de curso. Era como se fosse auxiliar de escritório, alguma coisa assim, na carteira.

■ Não havia a alternativa do estúdio!

Exatamente. Trabalhava-se de experiência por três meses para poder assinar a carteira. Fiquei no Jornal O Norte e foi bem interessante. Conheci muita gente bacana lá e foi uma experiência boa, porque eu pude trabalhar, ao mesmo tempo em que estava no curso de Comunicação. Eu tinha teoria no curso e já tinha prática. Fazia o curso de manhã e ia direto para o jornal.

■ Então, em 1982 recebeu algum convite para **A União**?

Já se fazia um jornal muito bom aqui. Quando eu estava no Jornal O Norte, recebi uma proposta de Petrônio Souto, que era o presidente de **A União**. Início de 82 com o salário dobrado. Disse: não tenho o que pensar. Vou para **A União**. Fiquei super feliz na João Amorim. Cheguei início de fevereiro, **A União** tinha acabado de fazer 89 anos.

lações afetivas.

■ Você trabalhou sempre na reportagem, na geral ou fez política também?

Fiz um tempinho política, mas não gostava, porque eu sempre fui de esquerda e tinha dificuldades de lidar com algumas pessoas, alguns políticos.

■ Explique em que sentido?

Eu achava difícil também, como mulher. Achava que havia machismo, assédio, eu sofria um pouco. As mulheres sofriam isso, as jornalistas sofriam muito isso com algumas fontes. Era meio complicado. Nas redações era mais tranquilo, uma ou outra pessoa destoava, mas era um ambiente muito, muito bom para as mulheres. Inclusive, quando a gente começou a chegar a maioria era homem.

■ Agnaldo Almeida no depoimento ao Memórias **A União** disse que foi na editoria dele que as mulheres começaram a chegar à Redação vindas do curso de Comunicação, porque antes o número de mulheres era muito pequeno e disse que a primeira coisa que mudou foi a diminuição dos palavrões dentro da redação em respeito às mulheres...

Acredito, a gente era bem respeitada era um clima de cumplicidade e afeto mesmo. Quando estávamos no curso começou a ver a questão da ética. Foi outra coisa que mudou esse comportamento não só das mulheres, mas do pessoal que vinha do curso de Comunicação. Na época era muito comum o “toco” e isso era uma coisa que a gente não aceitava de jeito nenhum, porque vinha de toda uma formação ética, de toda uma bagagem que aquilo não era o correto, que a notícia que era importante a fonte era importante, mas ela tinha que ser a verdade, abusca da verdade. Então isso foi uma coisa que eu acho que essa geração que saiu do curso de Comunicação contribuiu muito para essa mudança.

■ Musa do Carnaval?

Foi ótimo, porque eu ia para tudo que era agremiação. Tem um monte de foto minha no jornal, em tudo que era agremiação e tribo indígena e os clubes, as decorações dos clubes. E o pessoal da AABE que fazia o carnaval também lá em Ponta de Campina. Tenho, inclusive, muitas fotos nessa época entrevistando o pessoal que era o decorador dos clubes, que fazia isso na época. O carnaval era uma maravilha era uma coisa que os clubes investiam, nas decorações, nas orquestras.

■ Você lembra que quando a gente começou havia muitos colegas que trabalhavam no jornal e tinham duas, três, quatro assessorias com políticos, com empresas. E

■ E havia até certa disputa entre o Cabo Branco e o Astrea...

Exatamente, eram os melhores, a primeira prévia no Cabo Branco, com o baile do vermelho e branco, e o Verde Branco no Jangada. Lembro que realmente era pauta que não acabava mais. E quando saí a escala para cobrir o Carnaval, fui cobrir o Clube Astrea. Coincidentemente, Fernando trabalhava em O Norte e também foi cobrir o Astrea. A gente começou a namorar.

■ Teve essa história também?

A história da Imprensa, e do jornalismo, até da União, tem muito a ver com a vida pessoal da gente. Todos muito novos desenvolvemos aqui história profissional e afetiva também... porque a gente começou muito cedo e aqui se resolveu não só a atividade profissional, como também as re-



“No meu contracheque ainda sai repórter, minha carteira foi assinada como Repórter”



Silvana identificou-se com várias editorias, mas não gostou de cobrir política apesar de ter atuado na cobertura do setor

para quem vinha do Curso de Comunicação aquilo era proibido. Ninguém tinha nada contra, mas não dava para fazer as duas coisas...

Vai ser assessor para trabalhar espaço para o seu assessorado. O curso ajudou muito nesse aspecto também. E **A União** introduziu essa formação também na gente, contribuiu muito porque a gente tinha uma equipe muito boa muito cheia de pessoas.

■ Chegaram Lena Guimarães, Gisa Veiga, você, Cleane Costa, Baby Neves todo mundo vindo mais ou menos com a mesma cabeça do curso, aquela formação com uma base científica. Você sabia quem tinha pensado a Teoria da Comunicação.

E você sabia a ética, e formar opinião. A gente sabia que a gente estava formando opinião por meio do veículo, seja ele qual fosse a gente formava a opinião. E se tinha essa consciência de que a gente tinha um papel importante na formação de opinião pública, na formação das pessoas, o leitor das novas gerações, e as pessoas que estavam chegando.

■ Você disse que sempre foi uma pessoa de esquerda. Não sentiu certo desconforto em **A União**?

A União nunca ditou essa norma do que a gente não podia. O que a gente não podia, realmente, era expor o governo, até porque antes do jornal era uma empresa, era aliás celetista. Era **A União** Companhia e Editora. O jornal, sempre numa redação na cidade mais próxima dos fatos e a gráfica e a editoria no Distrito Industrial.

■ Foi depois que Ernani Sátyro desapropriou o prédio de **A União** para construir a Assembleia. Foi quando fizeram o prédio aqui do distrito industrial e ficou a editoria...

Depois se sentiu essa necessidade de ir pra mais próximo aos fatos. Foram várias redações interessantes. Eu passei por todos os prédios, todas as redações de **A União**. Eu comecei foi na João Amorim. A questão da diretoria

técnica foi interina, porque eu substituí a Anco Mário nas férias.

■ Mas houve um problema, que Anco Márcio renunciou e José Souto lhe nomeou...

José Souto tinha entrado em 91, ele me convidou para ser a diretora técnica para substituir Anco Márcio. Logo em seguida foi o governo de Ronaldo Cunha Lima, Itamar Cândia assumiu **A União** e me convidou para ser a editora.

■ O diretor técnico passou a ser Geovaldo Carvalho?

Isso, e fiquei na editoria lá na Osvaldo Pessoa, já não era mais na João Amorim, depois a gente foi para a biblioteca na General Osório, quando Nonato Guedes foi editor, e ali eu tive meu terceiro filho. Cada redação era um menino, uma história.

■ Antes de falar sobre a diretoria técnica e na editoria poderia falar de outras reportagens que não tenham sido sobre o carnaval? Você chegou a viajar para fazer matérias com seca, interior, ou sempre foi urbana?

Urbana mesmo. Na verdade, eu tinha as fontes bem interessantes que era a Receita Federal, Sunab, também na área dos professores tinha a AMPEP, uma fonte muito boa. Eles viviam sempre em greve sempre estavam atuando.

■ E **A União**, mesmo sendo do governo, cobrindo greve?

A gente cobria tudo. Não tinha essa restrição, não. Eu acho interessante, a gente tinha certa liberdade. E tinha os cuidados claro. Mas eu que não gostava por exemplo, quando tinha que elogiar muito numa matéria determinada figura, quando se tinha uma pauta que não podia falar mal. Dessas pautas eu não gostava muito, mas fazia parte. Se eu pudesse botava um codinome, não botava meu nome não.

■ Além de geral, desse episódio policial, você fez o quê?

A minha paixão sempre foi segun-

zes até facilitava. Ser mulher para mim nunca me atrapalhou em nada.

■ Mutas saídas e voltas?

Era sempre assim: eu saía, mas sempre voltava para outra jornada. Foram várias passagens que até eu perco a conta e as datas. Lembro que a gente fundou com um grupo de trabalhadores a Astrau (Associação dos Trabalhadores da União). Land Seixas era o presidente, eu era vice-presidente e engravei nesse período. Então, já o terceiro filho.

■ Lembro, essa associação era porta voz das reivindicações dos funcionários...

A gente brigava. Tenho uma foto, com Buriti visitando **A União**, e eu com um bebê no colo, que eu dava de mamar e levei para essa audiência com o governador. Ele ficava ouvindo as reivindicações e Astrau representando os trabalhadores de **A União**.

■ Nas reivindicações por melhores salários, condições de trabalho muitas foram atendidas?

Pouca coisa. Jornalista sempre ganha muito pouco. É outra queixa que eu tenho em relação à profissão. E é uma queixa que tenho em relação ao ministro do Supremo Tribunal Federal, Gilmar Mendes, porque a coisa piorou muito depois que ele desabrigou o diploma de jornalista e qualquer pessoa hoje pode ter um blog, copiar de qualquer um sem checar, sem nada, não é jornalista, não teve a formação do jornalista, que é muito importante.

■ Lembra de alguma que gostaria de destacar?

Lembro, uma com Nana Caymmi, que eu era muito fã da família toda. Lá no hotel Tropicana, onde eles ficavam hospedados. O ator Older Cazarão também, esse já morreu. Mas muito simpático. O ator Pedro Paulo Rangel e a Xuxa.

■ Você sentiu alguma dificuldade durante sua experiência como repórter de **A União**?

Nunca, não tive nenhuma dificuldade não. Pelo contrário, eu acho que tinha um bom acesso. A gente não tinha uma circulação grande, não corria. A gente só corria com a lista do vestibular. Lembra da lista que **A União** nunca conseguia porque não tinha muita essa preocupação de furar. Fui algumas vezes pegar essa lista na Coperve e o motoqueiro trazia para o Distrito.

■ Sua ida à Coperve adiantou a chegada do resultado?

Foi sim, fazia tudo, eu era da geral. E era danada, não tinha esse negócio de ser mulher não. Eu sempre fui brigona. Eu sempre corria atrás, é uma coisa da minha personalidade: sempre corri atrás do que eu queria fazer, do que eu precisava fazer. No jornalismo, fui muito impulsiva, persistente. Era o que sabia fazer, Jornalismo e menino.

■ Então o fato de ser mulher nunca foi impeditivo, para que você pudesse ser jornalista. Foi atrás de “focinho de porco”, entrevistou esse povo todo, correu atrás de bloco de carnaval?

Nunca, nunca. Eu acho que eu tinha até certa facilidade também, porque, às vezes, você tem um jeitinho mais, a fonte está sem querer abrir muito e você dá um jeitinho. Eu preciso dessa ajuda, preciso cumprir a pauta. Para você chegar no jornal com a matéria tem um jeito de pedir é pessoal, às ve-



“A gente cobria tudo. Não tinha essa restrição não. Interessante, a gente tinha certa liberdade”

■ E na História como você vê a importância do patrimônio...

E a pesquisa? **A União** é fonte constante de pesquisa, permanente, peregrina, porque todo mundo que quer saber alguma coisa do passado tem que pesquisar em algum veículo e é **A União** que se acessa. E esse projeto de digitalização é impressionante porque você não tem como manter o papel sempre. Ter o papel é maravilhoso, eu prefiro o livro, eu prefiro no papel tudo, é muito melhor, o cheiro do papel até isso, mas tem que digitalizar porque é ponto de pesquisa para o resto das nossas vidas e das que virão.

■ E o arquivo fotográfico?

Espero que **A União** nunca deixe de preservar, de circular enquanto jornal. Porque é o único que a gente tem e continua mantendo a qualidade.

■ Você lembra de algum projeto específico que você desenvolveu nesse período de diretoria técnica?

Sinceramente, não consegui fazer muita coisa. Na verdade, meu período de diretoria técnica e editora foram três meses, porque eu tinha filhos pequenos e para descer o jornal à noite eu tinha que ficar até mais tarde.

■ Difícil conciliar a maternidade com a atividade de diretoria e editoria...

Para descer a primeira página, você tem que ficar sem hora. E nessa época não tinha essa facilidade que tem hoje. Você tinha que esperar tudo para ver o jornal pronto.

■ Hoje mesmo com essa facilidade toda de informação on-line, você ainda continua fechando o jornal 10:30, 11 horas da noite...

Mas imagine eu só saía depois da meia-noite. Chegava em casa os meninos já dormindo. Era difícil para quem é mulher. Foi uma das fases difíceis para mim. Então, pedi para sair, porque eu não aguentei, os meninos estavam sentindo falta, não dava para eu conciliar com três crianças e a editoria do jornal porque era muita responsabilidade. Você tem que ver todas as páginas que estão descendo, tem que ver tudo e esperar para fechar a primeira página.

■ Com todo cuidado toda fiscalização, se erra, imagine com uma responsabilidade dessas?

Sempre me considerei uma pessoa perfeccionista. Sempre fui, inclusive, meus textos. Nunca passei um texto para o chefe de reportagem, ou Secretária de redação, ou editor sem fazer minha revisão. Até hoje não solto nada sem fazer minha revisão, porque eu tenho muito cuidado. Porque aqui ali é o que vai ficar, o que vai para a história. Eu tenho muito cuidado com a linguagem, com acessibilidade com objetividade, como as pessoas vão entender o texto, para chegar o mais próximo possível de todas as camadas sociais. E você dizer isso de uma forma correta e concisa ao mesmo tempo para que as pessoas entendam. Sempre tive esse cuidado.

■ Foi na sua editoria que começou a tran-

smissão das máquinas de datilografia para computador?

Foi sim. Tem até episódios de Martins Neto, o Quati, brigando com o computador: “Computador me ajude”, dizia ele entre a brincadeira e o grito de socorro. Quantas pessoas sofreram? Essas pessoas da geração que era um pouco mais antiga do que a nossa, eles sofreram muito com o computador porque não salvavam e perdiam.

■ Como é que você conviveu com essa transição?

Eu recebi bem a tecnologia, com cabeça aberta para a ciência. Com Fernando, a gente discutia muito essas coisas em casa. A gente teve o computador cedo também, fundou a editora e tinha de ter isso de forma mais avançada, então sempre buscamos aperfeiçoar. Não teve muita dificuldade não.

■ E como é que você viu a tecnologia aplicada ao jornalismo?

Isso foi perfeito, porque a gente tinha informação mais fácil. A tecnologia veio para ajudar, não teve dificuldade com isso?

■ É que muita gente reclama, por exemplo, que hoje em dia se perdeu muito da capacidade investigativa e da apuração dos fatos...O repórter manda uma mensagem: “Eu quero falar com você”. Você toma uma reunião, ou você está no médico, não responde imediatamente e enquanto você não responder o repórter não sai do canto. Na nossa época, a gente ia atrás, ia buscar no carro, na igreja...

Aí eu concordo. O que há hoje é uma acomodação por conta da tecnologia, que a gente não tinha isso. Na nossa fase de repórter era a gente saindo a pé atrás das fontes. Eram, geralmente, cinco pautas por dia. Tem uma certa melancolia. Eu sinto, eu tenho essa tristeza em relação ao que acontece hoje, fico preocupada com as novas gerações, inclusive, porque a informação é algo muito precioso e você não ter essa informação de forma segura...

■ Todo o órgão público, toda empresa, de mídia para grande, têm assessoria de imprensa. Quando você manda uma mensagem pedindo informação elas vão mandar a informação do interesse delas. Inclusive, têm os profissionais para tratar isso e compete ao repórter farejar e ir atrás, levantar os dados e ver o que está havendo. E hoje a preocupação não é essa...

Mas eu acho que **A União** ainda faz esse papel, mas você conta nos dedos os veículos que ainda têm essa vocação.

■ Você considera também, algo que é muito comum comentarem aqui, que **A União** desempenha na vida profissional de quem passa por ela um papel de escola?

Aprendizado para o resto da minha vida. Porque você faz de tudo e você convive com as pessoas. **A União** sempre teve os melhores profissionais, não desmerecendo os outros jornais, mas sempre teve os melhores profissionais. Então a gente tinha esse convívio. A gente discutia uma pauta, tinha essa liberdade com o chefe de reportagem, com secretária de Redação, até com o editor.

E sempre teve um especial cuidado com o texto bem elaborado, não apenas o gramaticalmente correto, mas o inventivo com pendor artístico...

Era uma coisa prazerosa demais, eu amava fazer segundo caderno e teve uma fase também que, quando **A União** estava tudo aqui no Distrito, lançou a revista Ponto de Cem Réis. Eu fiquei só fazendo matérias para Ponto de Cem Réis, de capa a maioria. A primeira capa da Ponto Cem Réis, a matéria é minha sobre João Pessoa a segunda cidade mais verde do mundo. Matérias longas de muita informação. E a capa da Mata do Buraquinho? Eu fiz matérias muito longas. Tem outra capa que eu me lembro também que era Vida de Cachorro, as madames cuidando dos cachorros. Para mim foi especial. Realmente me fez, modestia parte, uma profissional feliz, porque me deixou satisfeita. Porque eu tive isso e eu busquei isso.

■ Depois dessa experiência toda com jornalismo, suas passagens pel'**A União** você acredita que ainda há futuro para a plataforma impressa ou você acha ela vai ser engolidada pela tecnologia?

Acredito piamente que vai se manter sim. Não há esse projeto de destruir essa coisa boa que é o jornal impresso. Acho que quem tentou se deu mal e não é por aí. Até o fato de ser único, quem vai ter coragem?

■ Quem vai apagar a luz?

A União já passou por fases financeiras piores. Atualmente não tem isso, é muito equilibrada. Então você manter isso aqui é para a história, é o projeto que não tem como acabar por fim, já é parte da História

■ Algo a acrescentar, que não perguntei? Minha passagem pel'**A União** teve muita importância na minha vida. Acho que deu para falar sobre tudo. Eu sempre relutei, porque sou muito tímida, tenho muita dificuldade com microfone, sempre fui de bastidores mesmo. Gosto de produção, de escrever, mas sempre por trás das câmeras. Tanto é que eu fiz até os testes para TV e desisti, porque não me sentia à vontade. Fico muito feliz de ter vindo, ter participado, porque isso é memória. Isso é história, o projeto. É maravilhoso esse projeto porque quantas e quantas pessoas passaram pel'**A União**? Atendi seu convite porque faz um tempão que você me chama, mas também porque é importante. É a vida, principalmente, a vida profissional. E a vida é rápida.



Aponte a câmera do celular e confira a entrevista no YouTube



OPORTUNIDADE DE EMPREGO

Prefeituras inscrevem para concursos

Salgado de São Félix e São Domingos do Cariri oferecem vagas para funções em vários níveis de escolaridade

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

Mais duas prefeituras paraibanas publicaram edital, nos últimos dias, ofertando vagas para funções em vários níveis de escolaridade e com remuneração salarial que pode chegar até a R\$ 9,5 mil com jornada semanal de 30 a 40 horas.

Com 93 vagas abertas, a Prefeitura de Salgado de São Félix inscreve para diversos cargos de níveis fundamental, médio e superior, até o dia 15 de abril.

As inscrições estão sendo feitas pelo site da organizadora do certame, a Ápice Consultoria (apiceconsultoria.com), mediante o pagamento de R\$ 85,00 a R\$ 105,00, a depender do cargo pretendido. E os vencimentos variam de R\$ 1.412,00 a R\$ 5 mil. As provas objetivas serão aplicadas para todos os candidatos no dia 19 de maio. Já para os cargos de nível superior haverá também análise de títulos. E para os cargos de eletricitista, motorista, operador de máquinas e tratorista, será realizada uma prova prática.

On-line

As inscrições em Salgado de São Félix estão sendo feitas pelo site apiceconsultoria.com, mediante o pagamento de R\$ 85 a R\$ 105, a depender do cargo pretendido

A prova objetiva será composta por 40 questões de múltipla escolha, distribuídas entre os seguintes conteúdos programáticos: língua portuguesa, matemática, raciocínio lógico, conhecimentos gerais, conhecimentos específicos, informática e/ou conhecimentos pedagógicos.

Além de Salgado de São Félix, quem está com oportunidades abertas para contratação de profissionais de diferentes áreas, em regime efetivo, é a Prefeitura de São Domingos do Cariri, que divulgou edital com 37 va-



Foto: Agência Brasil

Em Salgado de São Félix as provas vão acontecer no dia 19 de maio. Já em São Domingos do Cariri o certame será aplicado no dia 5 de maio

gas para profissionais de níveis fundamental completo, médio/técnico, superior e superior magistério. As inscrições podem ser feitas até o dia 14 de abril, exclusivamente pelo site da Comissão Permanente de Concursos - CP-CON (cpcon.uepb.edu.br), banca responsável pelo concurso.

O valor da taxa de ins-

crição pode variar de R\$ 75,00 até R\$ 115,00, dependendo do nível de escolaridade exigido pelo cargo. A remuneração dos profissionais efetivados, pode chegar até a R\$ 9.504,00. E a prova objetiva está prevista para ser realizada no dia 5 de maio.

O concurso será constituído por duas fases classificatórias, sendo a pri-

meira de prova escrita e objetiva para todos os cargos e uma prova prática para os cargos de motorista e operador de máquinas pesadas, que está prevista para o dia 23 de junho.

Câmaras

As Câmaras Municipais de Jacaraú e Dona Inês também estão com inscrições abertas para va-

gas que exigem nível fundamental e médio de escolaridade. Juntos, os dois órgãos, somam 14 vagas, com remuneração mensal de um salário mínimo.

As inscrições para a Câmara de Jacaraú encerram no dia 28 de março e para a de Dona Inês em 19 abril. Ambos os certames estão sendo realizados pela Facet Concursos.

Vagas também para a função de Atendente Terapêutico Escolar

Cada vez mais requisitado no ambiente escolar, especialmente, após a aprovação da Lei Federal 12.764/12, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, o Atendente Terapêutico (AT) ao contrário do que muitas pessoas pensam, não atua exclusivamente com crianças autistas. E uma das suas principais funções é acompanhar e auxiliar a criança especial no ambiente escolar.

No concurso da Prefeitura de Salgado de São Félix estão abertas quatro vagas para a função de Atendente Terapêutico Escolar, onde está sendo exigido nível superior em licenciatura para formação de professor ou pedagogia ou psicopedagogia, com carga horária semanal de 30 horas. Inicialmente o certame foi aberto oferecendo três vagas, mas no dia 20 de março foi publicada uma retificação que acrescentou mais uma vaga.

Segundo Izabel Brandão, Psicopedagoga clínica, professora socioemocional e terapeuta, em geral, o AT é um aplicador que tem especialização em análise de comportamento (ABA), bastante utilizado com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), mas também com as síndro-

O AT vai trabalhar em conjunto com professores e coordenadores, de acordo com o que está sendo estudado pelos alunos

me de Down, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) ou alguma outra necessidade especial. "Eles trabalham justamente com esse auxílio, quando a criança apresenta dificuldades de comportamento ou dificuldades de convívio social e, principalmente, nas atividades educacionais nas escolas. Ele fica acompanhando a criança em todo o seu processo", explica Izabel.

Ele ressalta que o AT vai trabalhar em conjunto com os professores, com os coordenadores, de acordo com o que está sendo estudado pelos alunos. Desse modo, a escola vai ter o plano de ensino individualizado onde o AT vai ter acesso e vai trabalhar em conjunto com os professores para que consigam juntos atingir metas, utilizando-se de ferramentas e estratégias que fazem com que a criança desen-

volva melhor e trabalhe melhor em convívio, com as outras crianças também.

"Algumas crianças autistas só precisam de um auxílio, de um acompanhamento ali, de um AT ao lado no momento de dificuldade, principalmente também social. Eu diria que o papel principal de um atendente terapêutico escolar, é estar ali, presente, em todo o processo educativo, em todo o processo escolar. Sou professora socioemocional e em várias salas tenho alunos autistas que têm o seu acompanhante, que dão aquele suporte, que estão ali estimulando, trabalhando em conjunto com eles. Auxiliando, ajudando, incentivando, estimulando a criança a se sair melhor naquele processo de aprendizagem", frisa a psicopedagoga.

Com base na Lei 12.764/12, se o aluno com TEA ou qualquer outro transtorno, demonstra dificuldades de acompanhar as tarefas escolares ou de convívio social e comportamental, a família tem o direito de solicitar que a escola disponibilize um atendente terapêutico. "Essa Lei, acoberta, justamente, isso, que a escola forneça, providencie esse acompanhante em sala de aula", conclui Izabel.

Memórias A UNIÃO



Foto: Edson Matos/Marketing EPC

Neste domingo (24/03), uma conversa com **Silvana Sorrentino**, primeira diretora técnica de A União.

Acesse nosso canal no YouTube

 uniaogovpb

Selic

Fixado em 20 de março de 2024

10,75%

Sálário mínimo

R\$ 1.412

Dólar \$ Comercial

+0,41%

R\$ 5,000

Euro € Comercial

-0,11%

R\$ 5,401

Libra £ Esterlina

-0,06%

R\$ 6,305

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Fevereiro/2024 0,83

Janeiro/2024 0,42

Dezembro/2023 0,56

Novembro/2023 0,28

Outubro/2023 0,24

Ibovespa

127.035 pts

-0,88%

IMPOSTO DE RENDA

Mais 450 mil contribuintes prestarão contas à Receita

São esperadas 43 milhões de declarações em todo o país até o fim do prazo

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

O prazo para a declaração do Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF) começou no último dia 15 de março e já nos dois primeiros dias, a Receita Federal recebeu 2,2 milhões de declarações. A expectativa é de que 43 milhões de declarações sejam entregues em todo o país até final do prazo, em 31 de maio, sendo 453.827 na Paraíba.

O contribuinte que não entregar a declaração dentro do prazo está sujeito a multa. "Quem não cumprir o prazo está sujeito ao pagamento de multa mínima de R\$ 165,74, podendo chegar a 20% do imposto devido", explicou o contador Edmundo Souza Barros Junior, que conversou com a reportagem de **A União** sobre o IRPF.

A declaração pode ser feita de duas maneiras: por meio do programa de geração de declaração, disponível para *download* no site da Receita, ou pelo aplicativo Meu Imposto de Renda, sendo que este último oferece a facilidade da declaração pré-preenchida. Para obter a declaração pré-preenchida, porém, é necessário ter conta gov.br no nível prata ou ouro.

Automatizando

"As informações de rendimentos, deduções, bens, direitos, dívidas e ônus reais são importadas da declaração do ano anterior, do carnê-leão e das declarações de terceiros, como fontes pagadoras, imobiliárias ou serviços médicos, por exemplo. É importante entender que a declaração pré-preenchida só vai importar os dados se as fontes enviarem as informações. Algumas divergências ou ausências de informação podem acontecer

se as fontes não entregaram a declaração ou precisaram corrigi-las por algum motivo", afirmou o contador, ressaltando a importância de conferir as informações pré-preenchidas e realizar os acréscimos e correções necessários.

Edmundo Junior lembrou ainda que há dois tipos de declaração, a simplificada e a completa. "Para contribuintes com rendimentos mais baixos e poucas despesas dedutíveis, a declaração simplificada é uma boa opção. Agora, para quem possui despesas significativas com médico ou educação, a declaração completa pode ajudar a reduzir

o imposto devido", disse. O próprio programa de declaração simula os valores em cada modalidade, para que o contribuinte possa escolher a opção em que pagará menos imposto.

O contador destacou que o melhor momento para fazer a declaração é quando o contribuinte já tiver em mãos todos os documentos necessários. "Com o advento da Internet quase todos os documentos estão à disposição do contribuinte via computadores e celulares, ou seja, 90% das informações necessárias para cumprir a obrigação estão fáceis de obter", disse.

Edmundo Júnior reco-

menda que os contribuintes não deixem a declaração para o último momento. "Deixando para última hora pode acontecer que o contribuinte se esqueça ou não tenha conseguido juntar todas as informações que necessitarão para fazer uma declaração 'perfeita' sem correr o risco de, por exemplo, cair na malha fina", comentou.

Cair na malha fina, explicou ele, significa que a sua declaração ficará retida por causa de algum erro, como um valor incorreto, um rendimento omitido, informações cadastrais erradas ou até mesmo por uma análise de possível fraude.



Período final para entrega das declarações é 31 de maio, e quem não entregar paga multa

Faixa de isenção: quem precisa declarar

Este ano, a Receita Federal anunciou uma maior faixa de isenção, o que deve tornar quatro milhões a mais de brasileiros isentos de declarar o IRPF.

O limite de rendimentos tributáveis subiu de R\$ 28.559,70 para R\$ 30.639,90; o limite de rendimentos isentos e não tributáveis subiu de R\$ 40 mil para R\$ 200 mil; a receita bruta da atividade rural subiu de R\$ 142.798,50 para R\$ 153.199,50; a posse ou propriedade de bens e direitos: patrimônio mínimo subiu de R\$ 300 mil para R\$ 800 mil.

Quem ainda tem dúvidas se está obrigado ou não

a declarar o IRPF pode consultar o Leo, serviço de *chat* automatizado disponível no site da Receita Federal. Basta iniciar a conversa, clicar em "obrigatoriedade imposto de renda" e responder sim ou não às perguntas. Ao final, o sistema avalia se a declaração precisa ou não ser feita.

Doações

No momento da declaração do IRPF é possível destinar até 3% do imposto devido para o Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente e até 3% para o Fundo dos Direitos do Idoso, escolhendo inclusive a cidade ou estado onde o recurso deve ser

aplicado.

De acordo com a assessoria de comunicação da Receita Federal na Paraíba, no ano passado 1.708 contribuintes fizeram doações no estado, totalizando R\$ 2,4 milhões. O potencial de destinação, no entanto, era de R\$ 952,8 milhões.

Para realizar a doação, o contribuinte precisa declarar pelo modelo completo. É possível doar caso tenha imposto a pagar e também caso tenha restituição a receber. Ao escolher a opção de doação no momento da declaração, será gerado um boleto, cujo pagamento deve ser feito, obrigatoriamente, até o dia 31 de maio.

Atenção

Limite de rendimentos tributáveis subiu de R\$ 28.559,70 para R\$ 30.639,90 e a receita bruta da atividade rural subiu de R\$ 142.798,50 para R\$ 153.199,50

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeujrsilva@gmail.com | Colaborador

Mercado de trabalho supera expectativas em JP

Em janeiro, o mercado de trabalho formal em João Pessoa cresceu acima das expectativas. A cidade registrou a criação de 984 novas vagas, um crescimento substancial em relação ao mesmo período do ano anterior, que revelou um saldo negativo de 684 postos. Este desempenho é digno de comemoração, considerando o contexto sazonal típico, onde as demissões costumam superar as contratações devido ao término de contratos temporários após as festas de final de ano. Esse resultado positivo impulsionou o contingente de trabalhadores com carteira assinada para 199.949, alcançando o ponto mais alto desde o início da série histórica do Novo Caged em 2020.

Em relação à taxa de desocupação, houve um aumento para 10,6% no quarto trimestre de 2023. Apesar desse aumento, ainda é a menor taxa nos últimos cinco anos, segundo relatório da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. No entanto, mesmo com o saldo positivo de empregos e o aumento no estoque de trabalhadores, o incremento da taxa de desocupação pode ser explicado por vários fatores, incluindo o crescimento da população em idade ativa, a ampliação da força de trabalho, entre outros.

No cenário regional, João Pessoa mantém sua posição de destaque, registrando um crescimento no emprego formal de 0,49% em janeiro, superando não apenas os índices observados na Paraíba (0,07%) e no Nordeste (0,15%), mas também as médias nacionais (0,40%). Este desempenho é mais um indicativo da robustez do mercado de trabalho na capital paraibana, que continua a atrair investimentos e a fomentar o crescimento econômico em uma base sólida e sustentável.

A análise setorial destaca o protagonismo dos setores de Serviços (+928) e Construção (+410) na geração de empregos em janeiro. No entanto, é crucial observar que outros setores, como Comércio (-199), Indústria (-135) e Agropecuária (-20), enfrentaram um aumento nas demissões. Essa disparidade ressalta a forte necessidade de políticas específicas direcionadas para fomentar o crescimento e a estabilidade em todos os segmentos da economia local. Destaca-se, especialmente, a importância de medidas voltadas para fortalecer a indústria local, que vem enfrentando desafios consideráveis ao longo do tempo, conforme os indicadores demonstram. O setor do comércio local também merece um olhar especial, uma vez que está sofrendo com a mudança de comportamento dos consumidores, que cada vez mais optam por compras *online*. Essa transição tem impactado diretamente as empresas locais, que se veem obrigadas a reduzir a mão de obra devido à diminuição da demanda física.

À luz dos indicadores positivos observados ao longo de 2023 e no início de 2024, as perspectivas para o mercado de trabalho em João Pessoa são promissoras. Com uma trajetória ascendente na criação de empregos formais, é plausível projetar que o estoque de trabalhadores com carteira assinada na cidade ultrapasse a marca dos 200 mil até o final do ano. Essa expectativa é reforçada pelo aumento significativo de +10.447 novos postos de trabalho registrados em 2023, representando um crescimento de 28,25% em relação ao ano anterior.



Analista destaca que investir em bom atendimento, de maneira personalizada e humanizada, é importante, considerando que esses animais são tratados como membro da família dos seus tutores

OPÇÃO PARA EMPREENDEDOR

Amor aos animais e bons negócios

Para abrir uma empresa no setor é preciso realizar um plano de negócios e investir em diferenciais para conquistar clientes

No Brasil, calcula-se que haja 167 milhões de animais de estimação, sendo 67,8 milhões de cães e 33,6 milhões de gatos, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação (Abinpet). Além de serem companhias indispensáveis para muitas famílias, esses animais também abrem diversas oportunidades para os empreendedores.

Na Paraíba, o segmento *pet* continua em alta e para quem deseja investir nessa

■ As opções nesse nicho são muitas: desde clínicas veterinárias, venda de alimentos, *petsitter* e serviços de banho e tosa

área é preciso planejamento e buscar diferenciais no mercado. As opções para empreender nesse nicho são muitas; desde clínicas veterinárias, à venda de alimentos naturais, *petsitter*, serviços de banho e tosa, e os tradicionais *petshops*. Para quem deseja ter o próprio negócio voltado a este público, o planejamento é essencial, sobretudo para buscar diferenciais e se destacar no mercado.

“Pesquisar muito antes de abrir, como local, serviços que serão prestados

- atendimento personalizado voltado às necessidades do *pet* e parcerias”, orientou o analista técnico do Sebrae-PB, Lhano Oswa. Ele destaca ainda que investir em um bom atendimento, de maneira personalizada e humanizada, é um diferencial para o nicho, considerando que esses animais são tratados como membro da família dos seus tutores.

“Quanto mais o bichinho é humanizado, a indústria se atualiza para as oportunidades e desafios

e o segmento tem que se adaptar a essa tendência para garantir o bem-estar e o impulsionamento do seu negócio”, detalhou.

Atuando como empreendedor do ramo de *petshop* há quase 20 anos, Higinio Amorim, sócio do Gino Pet, que também tem clínica veterinária, faz planejamento de negócios para acompanhar as tendências do mercado e implantar inovações na empresa.

Após contratar uma consultoria do Sebrae-PB, ele conseguiu ampliar os

serviços e a estrutura física, agregou sistemas de tecnologia para melhor gerir o negócio e ainda investiu no atendimento diferenciado ao público, com horários especiais.

“É um mercado que tem um crescimento e uma evolução gigantesca. Muitos produtos novos e serviços que vêm aparecendo e, enquanto isso, a gente que empreende no setor precisa sempre se atualizar. A gente precisa evoluir para acompanhar”, explicou o empreendedor.

BLOQUEIO NO ORÇAMENTO

Emendas parlamentares são preservadas

Wellton Máximo
Agência Brasil

O bloqueio de R\$ 2,9 bilhões, anunciado na última sexta-feira (22), em Brasília, pelo Ministério do Planejamento e Orçamento, não atingirá as emendas parlamentares. Segundo o secretário de Orçamento Federal, Paulo Bijos, o governo esperará o Congresso votar o veto de R\$ 5,6 bilhões de emendas de comissão para decidir sobre o destino das emendas.

“São decisões políticas a serem tomadas pelas autoridades competentes,

pelos poderes constituídos. Na mesma medida em que houver essa decisão, nós passamos a refletir nos relatórios bimestrais. O próximo, de maio, é que vai absorver essa decisão”, justificou Paulo Bijos.

Ele afirmou, também, que o artigo 69 da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2024 determina quais despesas não podem ser bloqueadas. De um total de R\$ 204 bilhões em gastos discricionários (não obrigatórios) do Orçamento, somente R\$ 77 bilhões poderão ser bloqueados.

Bloqueios

Existem R\$ 127 bilhões blindados de bloqueios, entre os quais se incluem emendas impositivas, de execução obrigatória e individuais. O secretário não respondeu se as emendas de comissão, alvo do veto do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no início do ano, também estão protegidas dos bloqueios.

O secretário do Ministério do Planejamento informou, ainda, que o governo não pretende, por enquanto, repor os R\$ 5,6 bilhões de emendas de comissão vetados

no início do ano e definir a distribuição dos R\$ 11 bilhões da mesma rubrica sancionados no Orçamento de 2024. Os líderes afirmam que o veto de Lula será derrubado.

Sem data confirmada, a sessão do Congresso Nacional que deve analisar os vetos presidenciais está prevista para abril. A expectativa é de derrubada do veto. O Orçamento de 2024 tem R\$ 53 bilhões em emendas parlamentares – individuais, de bancada e de comissão. O veto de R\$ 5,6 bilhões atingiu pouco mais de 10% do total.

CENTRAIS ELÉTRICAS DA PARAÍBA S.A. - EPASA

CNPJ/MF nº 10.366.780/0001-41 - NIRE nº 25.300.010.088

Assembleia Geral Extraordinária - Edital de Convocação

Ficam convocados os Senhores Acionistas da Centrais Elétricas da Paraíba S.A. (“Companhia” ou “EPASA”), na forma prevista no artigo 124 da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976 (“Lei das S.A.”), para se reunirem na Assembleia Geral Extraordinária (“AGE”) a ser realizada no dia 01 de abril de 2024, às 10h00, exclusivamente de modo digital, por meio da Plataforma Digital Zoom Meeting, a fim de deliberarem sobre a seguinte matéria da ordem do dia: (1) Aprovar a solicitação do término antecipado da outorga de geração, bem como a alteração do prazo de duração de Companhia, com a consequente alteração do Art. 4º do Estatuto Social e autorização aos representantes da Companhia a tomarem todas as providências necessárias para a implementação de tais medidas. **Instruções Gerais:** 1. Poderão participar da AGE os Acionistas titulares das ações ordinárias de emissão da Companhia, desde que estejam registrados no Livro de Registro de Ações e realizem solicitação de cadastramento pelo endereço eletrônico corporategovernance@cpfl.com.br com 48 horas de antecedência acompanhada dos seguintes documentos: (i) pessoa física - documento de identificação com foto; (ii) pessoa jurídica - cópia simples do último estatuto ou contrato social consolidado e da documentação societária outorgando poderes de representação (ata de eleição dos diretores e/ou procuração), bem como documento de identificação com foto dos representantes legais. 2. É facultado a qualquer Acionista constituir procurador para comparecer à AGE e votar em seu nome. Na hipótese de representação, deverão ser apresentados os seguintes documentos pelo acionista por e-mail juntamente com os documentos para cadastramento prévio: (i) instrumento de mandato (procuração), com poderes especiais para representação na AGE; e (ii) indicação de endereço eletrônico para liberação de acesso e envio de instruções sobre utilização da plataforma. 3. A Companhia excepcionalmente aceitará cópias simples de procurações outorgadas no Brasil sem reconhecimento de firma em cartório e serão aceitas, em caráter excepcional, procurações eletrônicas assinadas digitalmente observadas as condições acima. 4. As procurações, nos termos do Parágrafo 1º do Art. 126 da Lei das S.A., somente poderão ser outorgadas a pessoas que atendam, pelo menos, um dos seguintes requisitos: (i) ser acionista ou administrador da Companhia e (ii) ser advogado. João Pessoa, 23 de março de 2024. Karlin Regina Luchesi Presidente do Conselho de Administração

IMENSA S/A INDÚSTRIA METALÚRGICA DO NORDESTE

CNPJ: 09.093.386/0001-06

Aviso aos Acionistas - Encontram-se à disposição dos Senhores Acionistas, os documentos a que se refere o artigo 133 da Lei nº 6.404/76, relativos ao exercício findo em 31.12.2023. Solicitamos que o pedido de envio seja feito através do e-mail: assembleia.tmc.2021@gmail.com, mencionando o nome da empresa.

João Pessoa, 22/03/2024.

A Diretoria

CONFERÊNCIA ESTADUAL

Instituições se reúnem em Sousa e CG

Eventos realizados pelo Governo do Estado, por meio da Secties, mobilizaram centenas de pessoas nas duas cidades

Iluska Cavalcante
Márcia Dementshuk
Ascom Secties

“

Fizemos uma conferência com debates interessantes, os quatro painéis tiveram uma participação intensa

André Ribeiro

As etapas de Sousa e Campina Grande, da 1ª Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação mobilizaram centenas de pessoas. A concentração massiva demonstra a vocação do Sertão e Agreste paraibano para o desenvolvimento tecnológico inovador. O evento é uma iniciativa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, no âmbito da 5ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, e realizado pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior da Paraíba (Secties). A terceira etapa, que encerrará a Conferência Estadual, será em João Pessoa, nos dias 4 e 5 de abril.

O evento foi construído de forma horizontal, tanto no espaço como em colaboração institucional, de cuja organização participaram mais de 30 instituições. As contribuições levantadas nas três etapas da 1ª Conferência Estadual serão ingredientes para a definição de ações prioritárias no segmento de CT&I na Paraíba e serão conduzidas à etapa Nacional. A finalidade, em termos federais, é compor propostas para a elaboração da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI 2024-2030) a ser desenvolvido pelo MCTI.

Os temas das programações em Sousa e Campina Grande instigam à reflexão sobre as características e as condições locais para o desenvolvimento científico e de inovação. Nos painéis de debates estão representadas as ambiências setoriais rela-

vas à temas transversais, ou seja, permeiam a maioria das ambiências, e temas verticais, que concernem a um caso específico.

Os eixos locais “Interiorização e Internacionalização da Pesquisa Científica”; “Tecnologia e Inovação para empresas”; Geração de energia renováveis; Ciências básicas e Engenharia para o desenvolvimento dialogam com a proposta nacional que delineia: Eixo 1: Recuperação, expansão e consolidação do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação; eixo 2: Reindustrialização em novas bases e apoio à inovação nas empresas; eixo 3: Ciência, Tecnologia e Inovação para programas e projetos estratégicos nacionais e eixo 4: Ciência, Tecnologia e Inovação para o desenvolvimento social.



As contribuições levantadas nas três etapas da 1ª Conferência Estadual serão conduzidas à etapa nacional

Uma das marcas da Conferência foi a grande participação popular, tanto nos debates e discussões durante os painéis, como no momento de reunião dos grupos de trabalho. Para o secretário executivo de Inovação da Secties, André Ribeiro, essa é a melhor forma de garantir a democratização da Ciência no Estado. “Fizemos uma conferência com debates interessantes, os quatro painéis tiveram uma participação intensa, sobre indústria, tecnologia social, tecnologia para saúde, e sobre uma série de questões que permeiam as discussões, inclusive dos grupos de trabalho, que foi o meu momento favorito da conferência, onde foi debatido e discutido aquilo que eles refletiram e vai contribuir né com a proposta que será construída”, disse.

Universidades federal e estadual mantêm cientistas de alto nível

Rubens Freire, secretário executivo de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, apontou para as condições da formação acadêmica na Paraíba, onde as universidades federal e estadual e o Instituto Federal mantêm pesquisadores de alto nível. “Nós temos o que fazer, temos como fazer e sabemos o que fazer, o que é essencial nesse contexto que estamos vivendo. A ciência está de volta graças ao presidente Luís Inácio Lula da Silva; portanto, temos que estar atentos às nossas escolhas políticas”, enfatizou Freire. No painel apresentado

pela diretora do MCTI, Sônia da Costa, em Campina Grande, foram ressaltadas as potencialidades da produção rural na Paraíba e o quanto a tecnologia pode inserir melhorias para a agricultura familiar no estado. “A grande agricultora pode crescer junto com a agricultura familiar, sim; estamos no desafio de trabalhar em uma agricultura sustentável, que considere os potenciais da biodiversidade brasileira”, enfatizou Sônia Costa. Já em Sousa, Francilene Garcia, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência (SBPC),

ressaltou em sua fala as principais características do desenvolvimento da região de Sousa, particularmente no que diz respeito à transição energética. “Esse diálogo da sociedade é fundamental para que a gente possa externar algumas inquietações em relação à importância a grandes problemas globais a exemplo da crise climática, a importância das energias renováveis que é uma das vocações do Sertão da Paraíba. Nesse momento a gente prepara um diálogo que possa alertar instituições a ocupar seu devido lugar nesse espaço de discussão”.

Pesquisador ressalta o projeto Bingo na PB

O pesquisador Amílcar Rabelo, integrante de um projeto de pesquisa de colaboração internacional pela Universidade Federal de Campina Grande, o Radiotelescópio Bingo, considera a importância do desenvolvimento de projetos desse nível para a interiorização de CT&I em um país como o Brasil. Ele acompanhou as duas etapas,

em Sousa e Campina Grande, e ressaltou que a resposta que a Paraíba tem dado aos temas é “Justo, Sustentável e Desenvolvido”.

“O projeto Bingo é um exemplo a ser mostrado pela Paraíba. Tem uma participação fundamental do Governo do Estado, tem o aspecto da relação Brasil-China e está sendo instalado no ser-

viço da Paraíba, propondo a condução do eixo de pesquisa para o interior. É uma iniciativa com atores de distintas regiões do Brasil. Vai fazer uma ciência ambiciosa, competitiva, e tudo isso tem impacto na educação, na inovação, no desenvolvimento regional”, completou.

Para Amílcar Rabelo, a comunidade de CT&I deve

ser chamada a discutir e implementar políticas de industrialização de forma mais sistêmicas, envolvendo diversos setores, para fomentar cada vez mais uma maior integração da Paraíba com o Brasil e com o mundo, principalmente incentivando e melhorando a educação e fazendo ciência de ponta e relevante.

Necessidade de avançar com propostas para o setor

O Secretário Geral da 5ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, Sérgio Rezende, retomou o histórico das quatro edições anteriores das conferências realizadas no Brasil e destacou a ausência de políticas para ciência e tecnologia no Brasil nos últimos anos, a fragilidade sobre a aplicação dos recursos públicos para impulsionar a pesquisa e o desenvolvimento e a necessidade de avançar com propostas para a formulação de um plano estratégico decenal para o setor.

Segundo Rezende, cada uma das quatro conferências anteriores aconteceu numa época e situação diferente, com uma finalidade, um objetivo singular. A primeira foi em 1985. O objetivo era discutir a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia, o que ocorreu naquela época.

A segunda foi em 2001, pouco depois da criação dos fundos setoriais de ciência e tecnologia. O objetivo era discutir o papel dos fundos setoriais na ciência. A terceira foi

em 2005, no terceiro ano do primeiro mandato do presidente Lula; retomou acontecimentos dos anos anteriores e fez propostas para os anos seguintes. “O resultado importante dessa conferência de 2005 é que no segundo mandato do presidente Lula nós tivemos um plano de ação para Ciência e Tecnologia e Inovação de quatro anos, com metas, com objetivos e com orçamentos previstos”, avalia Rezende.

A quarta e última conferência foi em 2010. O objetivo foi analisar o resultado do plano e fazer proposta para os 10 anos seguintes, até 2022. “Esses últimos 14 anos foram anos de ‘um’ alto e ‘muitos’ baixos; desde 2014, basicamente, a comunidade científica está numa situação muito difícil em termos de política de ciência e tecnologia, não tivemos planos de ciência e tecnologia; aquelas propostas feitas para até 2022 foram praticamente ignoradas pela gestão pública”, ressaltou.



Etapas de Sousa e Campina Grande da 1ª Conferência Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação contaram com a participação de centenas de pessoas

NO RIO PARAÍBA

Projeto visa recuperar 202 nascentes

Programa reabilita matas ciliares, nas Áreas de Proteção Permanente, abrangendo um total de 431,15 hectares

João Pedro Ramalho
joaopramalho@gmail.com

A preocupação com o aumento das temperaturas globais e a diminuição dos recursos hídricos está diretamente relacionada à preservação das bacias hidrográficas. Nesse sentido, destacam-se iniciativas como o Projeto Nascente Viva, lançado pelo Governo do Estado em 2022, que visa à recuperação de 202 nascentes do Rio Paraíba. Para que isso seja possível, os dois primeiros anos do programa foram dedicados à reabilitação das matas ciliares, nas Áreas de Proteção Permanente (APPs), abrangendo um total de 431,15 hectares no alto e médio curso do rio.

A Superintendência de Administração do Meio Ambiente (Sudema) é o órgão responsável por acompanhar esse trabalho, criado em parceria com a Secretaria da Infraestrutura e dos Recursos Hídricos (SEIRH). O plantio é conduzido por empresas que firmam convênios com a superintendência, como uma forma de compensação após a obtenção de licença para exploração de recursos naturais. Até aqui, foram recuperadas áreas na região dos municípios de Monteiro e Congo, com a plantação majoritária de espécies nativas da Caatinga, como barriguda, aroeira, craibeira, catingueira e mulungu. Também foram plantadas mudas de árvores frutíferas, entre elas mangueira, goiabeira e acerola, e de vegetação forrageira, como a gliricídia, usada para alimentação animal.

A reabilitação das nascentes, localizadas no Cariri paraibano, consiste na próxima etapa do projeto. “Nas nascentes serão utilizadas apenas espécies nativas da Caatinga, considerando os locais de difícil acesso e a impossibilidade de utilizar a irrigação, utilizando as espécies mais resistentes à seca”, declara Itallo Gomes, coordenador da Divisão de Implantação de Programas Ambientais e Projetos da Sudema. A superintendência firmou um convênio com a empresa Rio Alto Energias Renováveis para recuperar 50 cursos de água em Monteiro, com a realização do plantio ainda este ano. A previsão é de que a reposição florestal em todas as 202 nascentes do rio seja concluída no final de 2026, por outras empresas conveniadas. O trabalho, porém, ainda deve continuar posteriormente, pois, enquanto a vegetação não tiver condições de se manter sem a intervenção humana, será necessário o acompanhamento, com a manutenção e o replantio das árvores.

Os impactos positivos para a região incluem o crescimento da vazão do Rio Paraíba, a diminuição na temperatura local e o aumento na umidade relativa do ar. Outro benefício que o projeto traz é a diminuição da erosão do solo às margens do rio, conforme explicita Sérgio Araújo, professor do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). “A vegetação tem um relevante papel no meio ambiente, como evitar o impacto das chuvas diretamente no solo e permitir a infiltração da água, propiciando que a água permaneça por maior tempo na própria bacia ao longo dos seus afluentes. Assim, ela retém o recurso hídrico na bacia e permite um escoamento menos rápido e menos erosivo”, explica o docente, que também é membro titular do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba (CBH-PB).



Foto: Divulgação/Sudema

Já foram recuperadas áreas na região dos municípios de Monteiro e Congo, com a plantação majoritária de espécies nativas da Caatinga

Regime de chuvas intermitentes é um dos desafios

Um dos principais desafios que o projeto deve enfrentar na recuperação das nascentes é o regime de chuvas intermitente, comum na região semiárida. Para driblar esse obstáculo, uma das técnicas que pode ser utilizada pelas empresas conveniadas envolve o uso de hidrogel nas raízes, polímero que se solidifica ao entrar em

contato com a água, retendo o líquido. “Ele libera a água acumulada de forma gradual, reduzindo a frequência de irrigação, aumentando a sobrevivência das mudas e aumentando a proteção das mudas contra o estresse hídrico causado pelo déficit de água”, esclarece Itallo Gomes.

Além das chuvas irregulares, outros aspectos presen-

tes na região surgem como desafios ao trabalho de recuperação ambiental. Entre essas características, Itallo Gomes destaca a “presença de solos pobres do ponto de vista nutricional e com susceptibilidade a erosão e ações antrópicas, considerando que a Caatinga tem sido historicamente explorada de forma intensiva para atividades como

agricultura, pecuária e extração de lenha”.

Os efeitos da ação da natureza já foram observados em Monteiro, com a dificuldade de sobrevivência das mudas, conforme relatado do secretário de Agricultura, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, Erinaldo Bezerra Melo. Mesmo assim, o gestor faz uma

avaliação positiva do Projeto Nascente Viva. “O governo trouxe três empresas, que têm feito um belíssimo trabalho, apesar de que foi feito na época da seca e, por isso, hoje só 50% dessas plantas ainda estão vivas. Mas é muito bom, porque o projeto evita de outras árvores tomarem conta do rio”, afirma o secretário.

Área do rio alcança 38% do território da Paraíba

De acordo com dados do CBH-PB, 85 municípios estão inseridos total ou parcialmente na área alcançada pelo Rio Paraíba e seus afluentes, o que corresponde a 38% do território da Paraíba. Nessa área, que inclui João Pessoa e Campina Grande, as duas maiores cidades do estado, vivem 2.406.043 habitantes, os quais representam mais de 60% da população estadual, segundo o Censo de 2022 do IBGE.

Sérgio Araújo conta que o entorno do Rio Paraíba foi a região na qual, historicamente, se estabeleceu parte significativa da sociedade do estado, desde a foz, onde surgiu a capital, até os Cariris Velhos, habitados tradicionalmente por nações indígenas. Em termos econômicos, destacam-se a agropecuária e o turismo, no alto curso do rio; a agroindústria e a tecnologia, no médio curso, onde se encontra a Região Metropolitana da Campina Grande; os setores industriais, de serviços e turismo, em João Pessoa; as culturas de

milho, feijão e cana-de-açúcar e a pecuária de corte, no baixo Paraíba. A recuperação da bacia deve contribuir para impulsionar essas atividades econômicas. “Com a transposição e com a revitalização de nascentes, aumenta-se a disponibilidade dos recursos hídricos na bacia, propiciando aumento na produção econômica e na qualidade de vida das pessoas”, explica o professor da UFCG.

Até aqui, o plantio nas matas ciliares em APPs tem sido feito por pessoas como Pedro Aprígio da Silva, presidente da APA 8 Verde, associação de proteção ambiental de Boqueirão que já forneceu aproximadamente 96 mil mudas, para o plantio de mais de 60 hectares de mata ciliar. Atuar com a reabilitação de ambientes degradados por meio do reflorestamento é mais do que um trabalho para Pedro. “É a realização de um sonho. Só penso em parar um dia quando Deus me chamar. E o que eu tenho pra deixar para as gerações que vão vir é isso: plantar árvores”, assegura o presidente da associação.

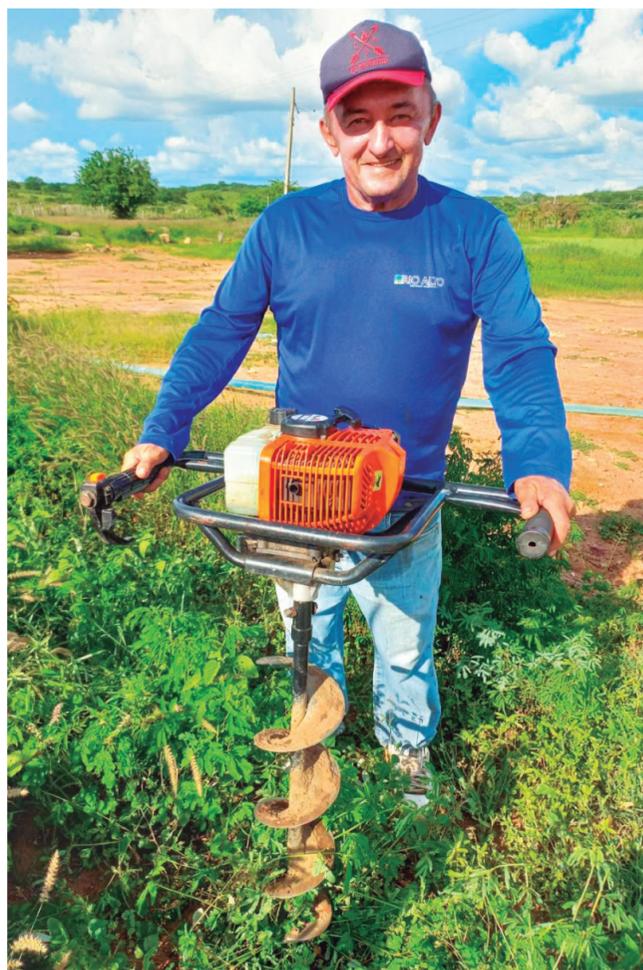


Foto: Jefferson Alceber da Silva

Pedro Aprígio da Silva, da APA 8 Verde, realiza plantio nas matas ciliares

JOELHO E TORNOZELO

Lesões que atormentam jogadores

Médico Glauber Novais, especialista em ortopedia esportiva, fala dos problemas que mais afligem jogadores e atletas de alto nível

Dr. Glauber Novais explica as variações anatômicas que podem influenciar na incidência de lesões no joelho, um tormento para um jogador profissional, sempre em risco durante uma partida

João Thiago
joathiangocunha@gmail.com

Era a final da Supercopa da Itália. A Inter de Milão jogaria contra a Lazio. Há cinco meses Ronaldo Nazario se recuperava de uma lesão e, naquela partida, estava pronto para voltar. Era 12 de abril de 2000, primavera na Itália, e aos 13 minutos do segundo tempo, o Fenômeno entra em campo. A torcida vibra. Era a chance de ver mais uma vez a estrela do brasileiro brilhar. Com 10 minutos no campo, ele recebe a bola na intermediária. Vai para um *sprint*, sua grande especialidade. A câmera acompanha a arrancada do jogador, cercado por um zagueiro, na entrada da área.

De repente, ao tentar mudar a direção do lance, uma das mágicas que deu ao Fenômeno o seu apelido, ao invés de seguir em frente, um estalo e um grito. Ele cai no chão na meia lua, na entrada da área. Um meteoro tocando o chão gramado. A arquibancada silencia. É como ver a queda de um Deus.

Adversários e colegas gritam pelo auxílio médico. Ronaldo chora, mantendo, entre as mãos, o joelho que, naquele momento, ainda não se sabia, estava lesionado. O campeão é levado de maca para fora do campo. Imaginava-se ali que era o fim da linha para um dos maiores do mundo.

“A lesão do Ronaldo foi realmente muito grave. O rompimento do tendão patelar não é comum em jogadores de futebol. Naquele momento a gente olhou para aquilo e pensou que era o fim, mas a medicina esportiva tem se mostrado revolucionária e o Ronaldo é um caso emblemático nesse sentido. Dois anos depois ele estava vencendo uma Copa do Mundo”, diz o médico ortopedista Glauber Novais, especialista em ortopedia esportiva, médico responsável pelo Botafogo-PB e pelo treinamento dos paratletas Petrúcio Ferreira, dos 100 metros rasos e Cícero Valdiran, do lançamento de dardo.

Os avanços da medicina esportiva ajudaram Ronaldo a se recuperar de uma lesão que, em outros tempos, teria aposentado o jogador. A história do próprio esporte teria mudado como consequência. O combate a le-

sões e a prevenção de problemas nos esportistas de alto rendimento tem sido um dos grandes desafios para a ortopedia.

Segundo Glauber Novais, um dos segredos para que esta prevenção funcione é o estudo da movimentação anatômica do atleta, o gesto motor. “A gente tem algumas variações anatômicas que podem influenciar na incidência das lesões. E a gente precisa mapear isso aí para ter uma segurança maior durante a execução da prática esportiva. Então, identificar a anatomia do paciente ou do atleta, no caso de atleta profissional, também funciona da mesma maneira”, explica.

O gesto motor tem sua eficiência aumentada quanto mais o atleta o repete. É aquela velha máxima de que a repetição leva à perfeição, e, quanto mais treinado este gesto, mais seguro ele vai se tornando para o atleta. “Quanto mais o atleta treina, mais automatizado está aquele gesto. Você tenta treinar ao máximo as situações que podem acontecer dentro de um campo para que aquele atleta tenha uma memória muscular eficaz para encarar aquele desafio quando ele aparecer”, conta.

Pernas pra que te quero

No caso dos jogadores de futebol, mais de 70% das lesões acontecem nos membros inferiores. Joelhos e tornozelos são alvos constantes de problemas para os profissionais, que precisam se esforçar para manter estas articulações funcionando bem. “A mobilidade é fundamental nessa hora, pois o estresse sobre estas articulações durante um jogo é grande. No caso do futebol, ainda temos, também, os riscos para o posterior de coxa, que é formado por três grandes músculos, e é responsável por dar a força de tração para muitos movimentos”, explicou o médico, que ainda revelou qual o maior risco para jogadores.

“Não é o momento da explosão de velocidade, mas exatamente na redução dela. É quando o jogador precisa desacelerar, mudar de direção, foi isso que gerou o rompimento do tendão de Ronaldo. A maior parte das lesões em jogadores acaba acontecendo no momento em que eles precisam fazer esta mudança repentina. É o que a gente chama de movimento excêntrico”, explica.

Cuidados com o Belo

Times de futebol profissional mantém equipes multidisciplinares em seus quadros para garantir a saúde e manutenção dos jogadores. Psicólogos, fisioterapeutas, nutricionistas, ortopedistas, profissionais focados em prevenir lesões e problemas, e em enfrentar estes desafios quando eles surgem. Em um elenco de 26 a 30 atletas, ao longo do ano, o time pode enfrentar de 15 a 20 lesões que podem afastar jogadores.

No Botafogo da Paraíba a atenção com as lesões é constante. Glauber Novais é parte de uma equipe multidisciplinar que cuida dos jogadores e explica que uma das maiores preo-

“

A maior parte das lesões que enfrentamos ocorre em atletas que jogam do meio campo para a frente, pois eles têm mais ações contundentes, explosões, e desacelerações também, além de serem alvos de paralisções

Glauber Novais

cupações é com jogadores que já têm uma idade mais avançada. Dezoito deles têm mais de 27 anos. O jogador mais velho do time é Pipico, com 38.

“Temos um cuidado constante com a questão da idade deles. Jogadores mais velhos acabam ficando mais suscetíveis a lesões. Neste ano não tivemos nenhuma lesão mais grave, mas tivemos alguns estiramentos, situações que tiraram alguns dos atletas de partidas importantes. O trabalho preventivo é fundamental nessa hora, e é analisando jogadores como estes que a gente vê a importância de reduzir a carga de jogos no Brasil. Dois jogos por semana, em um

país continental como o nosso, eles não conseguem descansar de forma apropriada”, reclama.

Com o GPS, para acompanhar a movimentação do jogador em campo, uma academia completa, questionários subjetivos para saber se o atleta sentiu algum mal estar, atendimento médico constante, trabalho de fisioterapia após os jogos, recuperação e acompanhamento constante. Tudo isso para deixar o atleta pronto para o próximo desafio.

“A maior parte das lesões que enfrentamos ocorre em atletas que jogam do meio campo para a frente, pois eles têm mais ações contundentes, explosões, e desacelerações também, além de serem alvos de paralisções também. A maioria das lesões, principalmente as musculares, acontece no momento de desaceleração. Quem corre mais, desacelera mais, por isso os jogadores da frente acabam se machucando mais. Laterais, atacantes, estes são os principais”, explica.

“A gente captura o máximo de informações que for possível para aumentar a eficiência do treinamento específico para cada um. Se um atleta está com um índice de fadiga maior naquele dia, o treinamento dele vai ser um. Se ele estiver mais descansado, vai ser outro. Quanto mais específico e exclusivo o treino, melhor e mais eficiente ele vai ser, pois vai estar considerando cada uma das características deles naquele momento”, diz.

Segundo a Fifa, um jogador de futebol profissional precisa descansar pelo menos três dias entre os jogos. No Brasil, com competições acontecendo simultaneamente, e em lugares diferentes, fica mais difícil. “O tempo de viagem, por exemplo, não conta como descanso. Deslocamento é trabalho também. É preciso reduzir a carga de jogos para que estes atletas se cansem menos. Em um país pequeno é mais fácil. Rapidinho o jogador vai de uma ponta a outra do país. No Brasil é diferente”, destaca.

Prevenção de lesões

Prevenir é melhor que remediar, mas em esportes é difícil, pois os atletas estão o tempo todo em risco. O fortalecimento muscular é um dos fatores que pode ajudar no combate a lesões, mas não o único. Há fa-

tores externos e internos que precisam, também, ser observados.

“A prevenção da lesão se baseia em alguns pilares. Não é uma coisa só. Não é só força. Quanto mais força tiver na musculatura, mais protegida, mas tem outros fatores, como cargas externas, descanso, alimentação, peso, fatores internos, o equilíbrio daquela musculatura. Não pode ter um músculo muito mais forte que o outro. Isso pode causar desequilíbrio e causar lesão”, explica.

Lesões são muito comuns no futebol. Atualmente, segundo levantamento da Transfer Market, consultoria especializada em transferências de jogadores de futebol em todo o mundo, cerca de 4% dos jogadores do Campeonato Brasileiro na Série A do ano passado enfrentaram lesões graves. A maior parte destas lesões nos joelhos, especialmente nos ligamentos cruzados. Exatamente a lesão que tirou Neymar do futebol desde novembro do ano passado.

Durante uma partida pelas eliminatórias da Copa do Mundo, o craque foi tentar dar uma arrancada no meio de campo quando colidiu com um defensor uruguaio e, no contrapasso, ao pisar com o pé esquerdo, torceu o joelho, rompendo o ligamento e ferindo o menisco. Desde então o jogador fez tratamento, andou de muletas, usou bengala, fez fisioterapia e tem lutado para se recuperar e voltar aos campos, um desafio que, apesar da medicina avançada, também depende da força de vontade do atleta.

“A partir do momento em que um atleta comprometido enfrenta um desafio como esse é como se ele entrasse em um verdadeiro calvário. Ele quer se recuperar, e o psicológico dele entra no jogo. Se você não tiver uma mente forte e determinada fica difícil encarar essa luta”, frisa o médico.

Grandes craques, como Neymar e Ronaldo são exemplos de superação e resiliência. Ronaldo, após a lesão que assustou o mundo todo, manteve a mente no lugar e voltou aos campos ainda melhor do que era antes. Fruto de uma busca incessante por melhorar e se curar, mostrando que mais que um apelido, a alcunha de “Fenômeno” mostrava o poder transformador do esporte.

VOLEIBOL

Paraibanas treinam para o Brasileiro

Seleção comandada por Idebaldo Grisi vai disputar a competição em Maringá-PR entre os dias 26 e 31 de março

Danrley Pascoal
danrleypc@gmail.com

A Seleção Paraibana Sub-18 de Voleibol Feminino disputará, entre os dias 26 e 31 de março, o Campeonato Brasileiro de Seleções (CBS), em Maringá, Paraná. Comandada pelo técnico Idebaldo Grisi, a equipe de base feminina do estado jogará contra o Ceará, Roraima, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Espírito Santo, Pará e Bahia. O objetivo é alcançar o acesso à divisão especial da competição.

“Já fomos bicampeões da primeira divisão do CBS, divisão que iremos disputar este ano. Esperamos novamente chegar no pódio para ter acesso à elite do torneio. Mesmo não sendo a principal divisão, é um campeonato bem equilibrado e as equipes são bem estruturadas”, comentou Idebaldo Grisi. Os três primeiros lugares se garantem na divisão especial de 2025.

De acordo com o treinador, as expectativas para os enfrentamentos durante os seis dias de competição são as melhores. “O nosso trabalho sempre é focado no título. A gente não trabalha pensando em segundo ou terceiro, trabalhamos focados no título. Se vamos conquistar, é uma questão lá do momento, do jogo. Porque quem lida com o esporte sabe que existem situações imponderáveis e às vezes a execução não ocorre conforme os treinamentos”,

destacou o técnico.

Para chegar bem no Campeonato Brasileiro, as meninas que compõem a seleção paraibana têm treinado de quatro a cinco dias por semana, com duas horas diárias de atividades. Por meio de parceria entre a Federação Paraibana de Voleibol e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os trei-

“

Já fomos bicampeões da primeira divisão do CBS e esperamos chegar ao pódio

Idebaldo Grisi

nos acontecem no ginásio da instituição de ensino.

Nas seletivas para escolha das atletas que defenderão o Estado, inscreveram-se meninas de Campina Grande, Caiçara, Cajazeiras, Patos e João Pessoa. No entanto, atualmente o elenco é composto somente por garotas da capital. “Esta competição é a cereja do bolo para todas as atletas que treinam voleibol na Paraíba. É o sonho delas chegarem a uma seleção estadual, po-

der disputar torneios nacionais e serem vistas por técnicos de grandes clubes, além de membros da comissão técnica da Seleção Brasileira. Dependendo do rendimento, elas podem receber convites para jogar em clubes ou receber uma convocação para a seleção”, ressaltou Idebaldo.

Formato

A disputa da primeira divisão acontece em duas fases: a fase classificatória e a fase final. A fase classificatória divide as 10 seleções em dois grupos de cinco, com chave A e B, obedecendo à classificação do ano anterior para a distribuição das equipes nos grupos. Dentro das chaves, as seleções jogam umas contra as outras, em partidas de três sets.

Na fase final, o 1º da chave A enfrenta o 2º da chave B (semifinal) e o 2º da A enfrenta o 1º da B (semifinal), em seguida, duelam os perdedores na disputa pelo 3º lugar e os vencedores da semifinal fazem a partida que define o campeão. Também jogam o 3º da chave A contra o 4º da B e o 4º da chave A atua contra o 3º do B. Os perdedores disputam o 7º lugar e os vencedores duelam pela 5ª colocação. Por fim, os últimos lugares das chaves A e B da fase classificatória fazem um jogo valendo o 9º lugar. Os três primeiros conquistam o acesso à divisão especial e os três últimos são rebaixados para a segunda divisão.

As meninas da equipe sub-18 seguem entusiasmadas para a disputa de mais um Campeonato Brasileiro



TAEKWONDO

Dois atletas da Paraíba vão disputar o Pan-Americano

Nove atletas foram aprovados no Draft do taekwondo paralímpico, realizado no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, de 1 a 4 de março, e asseguraram vagas na Seleção Brasileira da modalidade em 2024. A Seletiva não está relacionada com os Jogos Paralímpicos de Paris, evento para o qual o Brasil já tem cinco vagas garantidas.

O grupo irá se juntar a outros 14 lutadores, em maio, para o Campeonato Pan-Americano de Taekwondo Paralímpico, no dia 3, e para o Rio Open, no dia 5, ambos no Rio de Janeiro (RJ).

A Seletiva contou com 14 lutadores. Os participantes realizaram testes físicos, técnicos e táticos e foram aprovados aqueles que obtiveram, ao menos, 210 pontos de um total de 300 que poderiam alcançar na avaliação.

Paralelamente ao Draft, o CT também foi palco de um confronto entre dois lutadores da Seleção Brasileira que disputavam vaga para o Qualificatório aos Jogos Paralímpicos de Paris, que acontece em abril, na República Dominicana.

O mineiro Claro Lopes garantiu sua participação no torneio ao vencer duas de três lutas contra o paraibano Joel Gomes. Além dele, o carioca Fabrício Marques participará da disputa por vagas no próximo mês. Joel, ao lado de Silvana, são os representantes do estado no Pan-Americano.

O Brasil já conta com cinco vagas para os Jogos Paralímpicos de Paris 2024, obtidas por meio do ranking mundial, e pode chegar a até sete classificados.

O taekwondo estreou nos Jogos Paralímpicos na edição de Tóquio 2020, quando o Brasil se sagrou campeão na modalidade com três medalhas conquistadas por seus três participantes: um ouro obtido por Nathan Torquato, uma prata de Debora Menezes e um bronze de Silvana Fernandes.

Joel Gomes perdeu a chance de disputar vaga para os Jogos de Paris, mas segue na Seleção Brasileira e vai disputar o Pan-Americano no Rio de Janeiro

Confira a lista dos convocados para competir no Rio

■ Aprovados na Seletiva

Cícero do Nascimento de Oliveira
David Jhones
Eduardo Rodrigues Porto
Hiury Anderson da Silva Martins
João Paulo Silvano da Silva
Leonardo Jhonatan Silveira Alves
Ricardo Wagner Messias
Terezinha de Jesus Correia dos Santos
Valter Sedano Delfino de Oliveira

■ Já integrantes da seleção

Ana Carolina Moura

Camila Macedo
Claro Lopes
Cristhiane Neves
Débora Menezes
Fabrício Marques
Larissa Lopes
Lucas Moraes
Joel Gomes
Leylianne Ramos
Maria Eduarda Stumpf
Nathan Torquato
Pedro Paulo Neves
Silvana Fernandes

Foto: Divulgação/FPDA



MUNDIAL DE CLUBES

Palmeiras e a sua riqueza histórica

Garantido no Mundial de Clubes de 2025, alviverde segue muito forte no continente nas últimas temporadas

O Palmeiras será um dos representantes da Conmebol – e, claro, do Brasil – na primeira edição do Mundial de Clubes da Fifa 25. Vencedor da Copa Libertadores da América em 2021 e atual campeão brasileiro, o Verdão treinado por Abel Ferreira quer mais e terá a chance de mostrar sua grandeza no torneio global. Aqui, a Fifa descreve o perfil de um dos clubes mais tradicionais do Brasil, explica como foi sua trajetória para se classificar para essa competição e quais são as figuras mais lendárias que já vestiram sua camisa em

diferentes décadas.

Vivendo grande fase no futebol sul-americano sob o comando do português Abel Ferreira, o Palmeiras conseguiu dois títulos seguidos da Copa Libertadores em 2020 e 2021, tendo garantido sua vaga na competição graças ao segundo, após um eletrizante confronto em jogo único com o Flamengo.

Curiosamente, por causa da pandemia de Covid-19, os títulos da Libertadores de 2020 e 2021 foram conquistados no mesmo ano: a final de 2020 ocorreu em janeiro de 2021.

História

Em 1914, o Palestra Italia foi fundado em São Paulo por imigrantes italianos e já acumulou títulos estaduais nas décadas seguintes. No entanto, em 1942, o clube foi obrigado a mudar seu nome para Sociedade Esportiva Palmeiras por causa da Segunda Guerra Mundial, na qual o Brasil ficou do lado dos Aliados e se opôs aos países do Eixo.

As raízes italianas são tão fortes que até hoje a torcida apoia o time com a frase "Avanti, Palestra" (algo como "Em frente, Palestra").

A mudança de nome não tirou a identidade vencedora do Palmeiras, que foi campeão na chamada "arrancada heroica" no mesmo ano e, nas décadas seguintes, foi um dos poucos clubes capazes de fazer frente ao Santos de Pelé. O lendário Ademir da Guia foi um símbolo da "Academia de Futebol" que fez história nos gramados.

Quando Ademir se aposentou, de todo modo, o Verdão demorou um tempo para erguer um troféu de novo: houve um amargo jejum de títulos que durou de 1976 a

1993. Mas o reencontro com as glórias nos anos 1990 incluiu a primeira conquista da Copa Libertadores em 1999. Um desempenho que alçou o goleiro Marcos a titular da Seleção Brasileira pentacampeã da Copa do Mundo da Fifa em 2002.

Reconhecido pela CBF como maior campeão brasileiro com 12 títulos, o Palmeiras é um clube acostumado a se reerguer. Depois das conquistas nos anos 1990, o Verdão chegou a disputar a Segunda Divisão em 2003 e 2013, mas voltou ao topo e iniciou

mais uma "arrancada heroica" em 2015, como campeão da Copa do Brasil sob a liderança do meia-atacante Dudu.

De lá para cá, o que se viu foram vitórias e vitórias na era Abel Ferreira. Fã de Felipão, o português virou um ídolo à sua maneira após a conquista de dois títulos da Libertadores (2020 e 2021), dois do Brasileirão (2022 e 2023), um da Copa do Brasil (2020), um da Recopa Sul-Americana (2022), dois do Campeonato Paulista (2022 e 2023) e um da Supercopa do Brasil (2023).



Jogadores do alviverde em uma das comemorações da Taça Libertadores da América, mostrando a força do futebol brasileiro que, nos últimos cinco anos, vem dominando o continente

FUTEBOL FEMININO

Técnico da seleção vê o Brasil em grupo forte nas Olimpíadas



Arthur Elias projeta jogos de alto nível na disputa dos Jogos Olímpicos e destaca que a Seleção Brasileira vem evoluindo e pode surpreender em Paris

O treinador da Seleção Brasileira avaliou como forte o grupo C do Torneio Olímpico de Futebol Feminino de Paris 2024, que terá Brasil, Espanha, Japão e uma seleção africana da CAF. Arthur Elias está satisfeito com o desempenho da Seleção Brasileira sob seu comando, mas terá um enorme desafio pela frente no Torneio Olímpico de Futebol Feminino de Paris 2024: o Brasil foi sorteado para o grupo C, o mesmo que Espanha, Japão e uma seleção africana da CAF.

"O grupo é forte, na minha opinião. O grupo C tem excelentes equipes. Mas, em um torneio como as Olimpíadas, todas as seleções têm muito mérito e qualidade.

Vejo que todos os grupos vão ser muito competitivos", disse o técnico à Fifa. "O importante foi saber os adversários

e as cidades (dos jogos) para que a gente consiga aprofundar e acelerar o nosso planejamento técnico e logístico".

Recentemente, em março, o Brasil chegou à final da Copa Ouro Feminina da Concacaf e sofreu apenas uma derrota no torneio inteiro: justamente a decisão diante dos EUA (por 1 a 0). É evidente que todos teriam ficado ainda mais felizes se tivessem conquistado o título, mas Arthur ficou satisfeito com o desempenho.

"Eu estou bastante satisfeito. Desde que assumi a Seleção Brasileira, venho tentando trocar a nossa mentalidade de jogo, a nossa forma de jogar, dentro de um trabalho no qual eu acredito muito e que as atletas têm abraçado. Elas têm entendido muito bem", avaliou o treinador.

Na campanha até o vice-campeonato, a seleção venceu Porto Rico (1 a 0), Co-

lômbia (1 a 0), Panamá (5 a 0), Argentina (5 a 1) e México (3 a 0). Graças a estes resultados, as brasileiras su-

“

É lógico que temos bastante a evoluir ainda, e espero que a gente consiga chegar a um nível de jogo melhor

Arthur Elias

"Nós vencemos grandes seleções e fizemos uma grande Copa Ouro. Fomos vice-campeões, mas tivemos um bom desempenho na final. É lógico que temos bastante a evoluir ainda, e espero que a gente consiga chegar a um nível de jogo melhor nas Olimpíadas", afirmou Arthur.

A princípio, é de se imaginar que um dos principais desafios olímpicos do Brasil seja superar a Espanha, atual campeã da Copa do Mundo Feminina da Fifa 2023. Porém, como já havia dito em entrevista à Fifa em janeiro de 2024, Arthur voltou a dizer que tem trabalhado muito para resgatar a confiança do elenco brasileiro.

"Confiança é uma palavra muito importante no futebol, e isso é trabalhado diariamente. O ambiente faz toda a diferença para que as atletas se sintam confiantes, bem e com alegria de defender a Seleção Brasileira", concluiu.

biram para a 10ª posição do Ranking Mundial Feminino da Fifa/Coca-Cola publicada em março de 2024.

COPA DO NORDESTE

Belo e Galo em busca da classificação

Botafogo joga fora de seus domínios contra o Itabaiana, enquanto o Treze enfrenta o Ceará no Amigão

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Os representantes do futebol paraibano, Botafogo e Treze, respectivamente, na disputa da Copa do Nordeste, entram em campo, hoje, pela sequência da 8ª rodada precisando somar para chegar à última rodada da fase classificatória com chance de avançar para o mata-mata. O Belo encara o Itabaiana-SE, em Lagarto-SE, enquanto que o Treze recebe o Ceará-CE, em Campina Grande, com os dois jogos ocorrendo às 16h.

O Botafogo iniciou a rodada na 6ª posição do grupo A com seis pontos. O clube precisa voltar a vencer para chegar na última rodada com chances de classificação. E vencer o Itabaiana-SE, quando as duas equipes passarem a medir forças, a partir das 16h, no Estádio Barretão, em Lagarto-SE, significa reencontrar o caminho com a vitória, já que a última vez que saiu de campo vitorioso, ainda era a 2ª rodada do torneio, quando bateu o Juazeirense-BA por 1 a 0, em João Pessoa.

Pelo menos contra os sergipanos, o alvinegro da Estrela Vermelha tem motivos para entrar em campo defendendo uma escrita de jamais ter sido derrotado para o "Tremendão". Dos três confrontos oficiais entre as equipes, o Belo venceu dois e empatou um, sendo o último encontro marcado por empate sem gols, pelo Brasileiro da Série C, em 1998, no Estádio Mendonça, em Itabaiana-SE.

A equipe sergipana encara a partida como a última oportunidade de chances para seguir na luta por uma das vagas do grupo A. O Tremendão ocupa a lanterna com apenas três pontos conquistados, mas uma vitória para cima de Belo e uma combinação de resultados na rodada, pode manter o clube com chances de classificação na última rodada.

Treze x Ceará

Para continuar com chances de classificação no Nordestão, o Treze vai precisar vencer o Ceará-CE, no confronto que terá início a partir das 16h, no Estádio Amigão, em Campina Grande. Porém, o confronto direto contra o "Vovô" não é favorável para a equipe paraibana.

O Galo não conseguiu vencer nas últimas quatro vezes que bateu de frente com o Ceará-CE pelo torneio regional. Foram três vitórias cearenses mais um empate, e a única vez que o Treze conseguiu a melhor bateu o adversário por 2 a 1, no mesmo palco do confronto de logo mais. Em caso de vitória ou empate neste novo duelo, o clube pode terminar a rodada dentro da zona de classificação.

Com sete pontos, o Treze momentaneamente ultrapassa o Náutico-PE para assumir a 4ª colocação, no entanto, teria que torcer por derrota do Timbu para o CRB-AL. Pernambucanos e alagoanos se enfrentam às 19h, no Estádio do Aflitos, em Recife-PE, em confronto que vai encerrar os confrontos da 8ª rodada.

Além de Treze e Ceará, Itabaiana-SE e Botafogo, Náutico-PE e CRB-AL, outros dois confrontos encerraram, hoje, a 8ª rodada do Nordestão. O Bahia-BA recebe o Maranhão-MA, às 16h, na Arena Fonte Nova, em Salvador-BA. Já às 19h será a vez de Juazeirense-BA e River-PI medirem forças no Estádio Aduauto Moraes, em Juazeiro-BA.

Jogadores do Botafogo conversam antes da bola rolar no jogo contra o Treze, disputado na última quinta-feira, no Estádio Amigão



Foto: Daniel Vierra/Treze

FUTEBOL FEMININO

VF4 conhece adversários na primeira fase do Brasileiro

Foto: Reprodução/Instagram



O VF4 é o único representante da Paraíba na Série A2 do Brasileiro, enquanto Botafogo e Mixto serão os clubes da Paraíba na Série A3

Danrley Pascoal
danrleyj.c@gmail.com

O VF4, que participará do Campeonato Brasileiro Feminino Série A2 2024, conheceu os seus adversários da primeira fase da competição nacional. A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) divulgou, na última quinta-feira (21), o formato e a tabela básica da competição. A competição está prevista para iniciar no dia 13 de abril, a equipe estreia diante do Instituto 3B, em Manaus, Amazonas.

"Renovamos com mais de 50% do elenco que subiu ano passado, também buscamos trazer novas jogadoras, priorizando juventude. Temos nossas limitações financeiras, a maioria dos rivais da fase inicial têm um aporte bem maior que o nosso. Mas acredito que conseguimos montar um bom time, mesmo com as limitações. Estamos treinando diariamente para chegar forte", comentou o treinador Guilherme Paiva sobre as dificuldades encontradas na montagem do plantel da pantera.

O técnico comandou o VF4 na conquista do acesso no ano passado, quando foi semifinalista da Série A3, terminando em quarto lugar. A equipe paraibana está no gru-

po B do torneio nacional, junto com UDA-AL, Instituto 3B, JC Amazonas, Recanto, Fortaleza, Remo e Sport.

Para a definição das chaves da primeira fase, foi utilizado o critério de proximidade geográfica por estado, a maior preocupação da Confederação Brasileira de Futebol com o intuito de diminuir as despesas para as equipes.

Na Série A2, a CBF disponibiliza aos clubes passagens e hospedagens para jogos como visitante. Além disso, em dia de jogo, são distribuídos R\$5 mil para o visitante e R\$10 mil para o mandante, o responsável por pagar os custos da partida e arbitragem.

Guilherme ressaltou a importância da parceria com o Governo do Estado, por meio do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB), para manter o futebol feminino funcionando.

"Essa é uma parceria que contempla o futebol paraibano de forma geral, essa colaboração dá uma sobrevida ao nosso time", disse.

"Sabemos da importância de sermos os únicos representantes da Paraíba na Série A2. Entendemos o peso que vem junto e a responsabilidade de representar o Estado. A nossa expectativa é se manter na Série A2, têm quatro equipes

que se sobressaem no grupo (Fortaleza, Instituto 3B, JC Amazonas e UDA-AL), no mais, a chave é muito nivelada e pode acontecer qualquer coisa, tanto permanecer quanto sermos rebaixados", concluiu Guilherme.

Quanto ao formato da competição, a Confederação Brasileira de Futebol repetirá o regulamento de 2023. Os 16 clubes que integram o campeonato estão divididos em dois grupos, com oito times cada. Na primeira fase, as equipes enfrentam-se entre si dentro dos grupos, em turno único. Os quatro melhores de cada chave passam para as quartas de final, enfrentando-se em confrontos de ida e volta, de acordo com a posição final da fase classificatória. Os vencedores passam à semifinal e depois à grande final, ambas também em partidas de ida e volta.

Série A3

O Botafogo e o Misto participarão do Campeonato Brasileiro Feminino na Série A3 em 2024. As equipes aguardam a divulgação do regulamento, formato e tabela básica pela CBF. As equipes da Paraíba juntam-se ao VF4 na disputa de competições de futebol feminino no cenário nacional.

Prédio foi construído no período das obras de saneamento e ampliação da rede de abastecimento d'água na capital paraibana



Estação de Esgoto secular e funcional

Localizada no bairro do Varadouro, no Centro Histórico, Estação Elevatória de Esgoto é a mais antiga de João Pessoa e continua em pleno funcionamento desde a sua inauguração, no ano de 1925

Vanessa Queiroga
vanessaqueiroga@gmail.com

Quem passa pela Praça Álvaro Machado, localizada no bairro do Varadouro, em frente à sede paraibana da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), não consegue identificar o lugar que leva o nome do governador do estado que fundou o jornal **A União**, em 1893. Os armazéns de alfândega e hotéis que circundavam a praça deram lugar a edificações em ruínas, comércio de carros usados e a um posto de gasolina que ocupa praticamente o espaço inteiro. O único prédio que resiste solitário e em funcionamento, desde a sua inauguração, em 1925, é o da Estação Elevatória de Esgoto do Varadouro.

Com uma arquitetura de estilo eclético, o prédio foi construído no período das obras de saneamento e ampliação da rede de abastecimento d'água na capital paraibana, durante o governo de Camilo de Holanda e na administração de Sólon de Lucena, sendo concluído na presidência de João Suassuna, em 1926. A edificação integra a área de preservação do Centro Histórico da cidade e, por isso, é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Iphaep) desde 2004.

“Apesar de algumas alterações ao longo dos anos, [a Estação Elevatória de Esgoto do Varadouro] mantém grande parte de suas características originais e o uso para o qual foi edificado. O prédio sofreu restaurações em 1978, com substituição de esquadrias e cobertura”, destacou o arquiteto do Iphaep, Wellinson Barros, em um documento da Coordenadoria de Arquitetura e Ecologia.

No relatório, Wellinson Barros esclareceu que o projeto da rede de esgotos foi elaborado, em 1913, pelo engenheiro Saturnino de Brito, que posteriormente foi contratado para administrar os serviços correspondentes. O arquiteto acrescentou ainda que o prédio abriga a estação elevatória automática do segundo distrito de esgotamento, destinado à cidade baixa.

Foto: Roberto Guedes



Detalhes da arquitetura de estilo eclético (E) da construção, preservada nos dias de hoje; e um registro da Estação Elevatória no final da década de 1980 (D)

Foto: Paulo Roberto/Arquivo A União



Protegido

Edificação integra a área de preservação do Centro Histórico da capital paraibana e, por isso, é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba (Iphaep) desde o ano de 2004

“Foi construído para permitir o descarregamento das contribuições dos coletores dessa área no poço de bombas do primeiro distrito, correspondente à cidade alta”, explicou. Wellinson Barros finalizou o documento relatando que a edificação está localizada na área de preservação rigorosa do Centro Histórico de João Pessoa, estando assim tombada junto aos demais prédios dessa área.

Cidade Insalubre

No início do século passado, as práticas sanitárias em João Pessoa ainda eram precárias. O abastecimento de água era realizado por meio de cacimbas, chafarizes coletivos ou em contato direto com

os mananciais; e o transporte com baldes, contando, às vezes, com a ajuda de animais. Famílias nobres podiam até possuir poços particulares, porém sem água canalizada ou tratamento específico.

A situação era ainda mais carente quanto ao esgotamento. Águas e excrementos humanos eram jogados nas ruas, buracos ou valas nos quintais das casas. Diante desse contexto, foram iniciadas as obras de saneamento e ampliação da rede de abastecimento d'água em João Pessoa.

Para o escritor, jornalista e memorialista Sérgio Botelho, as obras do esgotamento contribuíram para o crescimento e a modernização da capital. “Queriam até aterrar a Lagoa. A cidade só expandiu para além do Centro após o projeto de Saturnino de Brito. Melhorou as condições de vida da população que estava sujeita a doenças por conta do esgoto correndo nas ruas a céu aberto”, revelou.

Em relação à Estação Elevatória de Esgoto do Varadouro, Botelho frisou que a sua construção foi na década de 1920, estando o prédio conservado e em funcionamento desde a inauguração. “Isso mostra a grandiosidade do projeto do engenheiro Saturnino de Brito, foi uma obra gigantesca. João Pessoa era uma cidade insalubre, os dejetos eram jogados na rua”, descreveu.

Em pleno funcionamento

A Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa) possui um livro intitulado *Saneamento da Paraíba – Uma breve história*, de autoria de Guarany Marques Viana. Sobre a área ocupacional da Cagepa, a obra traz informações sobre a Estação Elevatória de Esgoto do Varadouro. A edição registra que, dentre as 84 Estações de Esgotamento que João Pessoa possui atualmente, a do Varadouro foi a primeira a entrar em funcionamento, sendo, portanto, a mais antiga e em pleno funcionamento.

De acordo com o diretor de operação e manutenção da Cagepa, Thiago Pessoa, as obras para a construção do prédio foram executadas no período entre agosto de 1922 e maio de 1926. Desde a sua inauguração, a Estação teve apenas os motobombas de eixo horizontal substituídos por outros de melhor rendimento.

Thiago Pessoa esclarece que a principal função da Estação Elevatória do Varadouro é “coletar os esgotos e bombear através do Emissário E0, para os tanques de tratamento e descarga – denominado hoje de ‘S’ –, desaguando a seguir na ‘Camboa’ Tambiá Grande”, abarcando, assim, a Zona Central, a Zona Baixa da cidade e a bacia da Lagoa do Parque Sólon de Lucena.

A Cagepa informa também que está em andamento serviços de recuperação de calçadas e pintura total da edificação, estando planejado, ainda para este ano, a revitalização da unidade, com pintura e limpeza das áreas internas e externas.

Foto: Acervo da família Stuckert



Praça Álvaro Machado, antigo Largo da Gameleira, em 1934

“Maior professor do Brasil” elevou a educação a um novo patamar

Joel Cavaleanti
cavaleanti.joel@gmail.com

Quantas atividades e profissões consegue alguém exercer com excelência no curso de uma vida apenas? Como é possível a um escritor acadêmico ser também militar, religioso e jurista? Ou quem sabe ainda um deputado estadual fundar o Observatório Astronômico da Paraíba e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais? Isso só é possível na fascinante trajetória de Afonso Pereira da Silva, cuja verdadeira vocação ultrapassava os limites de qualquer profissão.

“A Paraíba vai demorar a produzir uma réplica de Afonso, desse Afonso de quem todos os setores da vida guardam uma referência. Tanto os que se lembram dele na Academia, no Instituto Histórico, na Universidade, na aula de Direito, na fundação do Unipê, no jornal que fundou, na Santa Casa, como os que o viram de bem pertinho, na suadeira, certificando o funcionamento de escolas Paraíba dentro”, escreveu Gonzaga Rodrigues em uma de suas crônicas. Foi Afonso Pereira quem deu a Gonzaga a primeira tarefa como repórter. Mesmo atuando em campos tão diferentes em momentos distintos da vida, os dois nunca mais se perderam de vista.

Afonso Pereira da Silva nasceu em Bonito de Santa Fé, no Alto Sertão paraibano, em 30 de outubro de 1917. Caçula entre outros seis irmãos, ele ingressou ainda aos 11 anos no seminário apostólico São Pedro Gonçalves, na Parahyba do Norte, então capital do estado. Esse foi um pedido do missionário alemão Frei Martinho Jansweid para que a criança recebesse uma educação com ênfase no estudo de idiomas como alemão, grego, latim e francês. Depois de se tornar seminarista franciscano ao concluir o secundário no Paraná, a vida sacerdotal foi abandonada ao voltar para a Paraíba.

Chegando à cidade de Coremas, se deparou com a dura realidade da fome, desemprego e analfabetismo, e foi quando toda a sua capacidade intelectual encontrou um sentido de ação prática em sua vida. “Meu avô era motivado diante dos percalços estruturais existentes no alicerce social e cultural, nos seus diversos âmbitos e aspectos, que a Paraíba demonstrava. Ele se tornou um ser humano resiliente e persistente, consciente e prático, com grande capacidade de mobilização e interação, principalmente perante aqueles de boa vontade”, pontua Daniella Pereira, neta do paraibano e presidente do Arquivo Afonso Pereira.

Educador

A entidade privada criada em 1998 preserva e disponibiliza o acervo relacionado à vida e às atividades de seu patrono. Um dos aspectos de maior destaque na preservação do legado de Afonso Pereira é sua dedicação à educação, sendo ele um dos professores fundadores da Universidade Federal da Paraíba. Pereira contribuiu para a criação da primeira Congregação de ensino superior na Paraíba, que culminou na federalização da UFPB. Afonso Pereira sonhava em expandir a educação superior, ajudando a instituir 275 unidades de educação na Paraíba. O Unipê é uma dessas instituições criada por ele, em João Pessoa.

Sua dedicação como professor abrangia todos os níveis de ensino, adaptando-se a cada situação sem comprometer a qualidade da educação. Afonso foi responsável pela criação de instituições acadêmicas em Olinda, Macaíó, em Florianópolis, no Piauí e também inaugurou a Universidade do Sertão, conhecida hoje como Universidade do Estado da Paraíba (UEPB). É dele ainda o mérito de ter criado a Fundação Padre Ibiapina, como resposta aos intensos movimentos migratórios e êxodo rural no Brasil, em 1954. A fundação foi estabelecida para suprir a falta de acesso à educação de qualidade nas áreas rurais e carentes da Paraíba através da criação de cursos profissionalizantes e de graduação.

“Ele elevou a educação a um patamar de formação cultural, de liberdade e autonomia individual, de ímpeto profissional elevado, sustentável e duradouro, independente de estado social”, considera Daniella Pereira. “Esse conhecimento adquirido em sua formação atrelado ao entendimento do ser humano, em suas virtudes e em suas fraquezas, permitiu que ele tivesse uma visão mais direta e prática da vida, trabalhando no nível do possível, em uma época desafiadora na implementação e na mobilização de muitas de suas ideias e nas ideias de muitos de seus pares à sua época”, complementa a neta.

Em 2011, o Senado Federal, então presidido pelo senador José Sarney, homenageou o professor Afonso Pereira com o título de “Maior professor do Brasil”. Mesmo sendo colega na Academia Paraibana de Letras e nas redações dos jornais, Gonzaga Rodrigues destaca o apostolado na educação como a característica que primeiro salta em sua memória sobre Afonso Pereira. “Não podemos ver Afonso Pereira para não se lembrar da atuação pioneira, a partir de sua passagem pela Assembleia, em favor da universalização da Educação. Repórter estreado na ban-



Foto: Pixabay

Com uma lista de infindáveis realizações, Pereira (1917-2008) foi o primeiro diretor do jornal 'Correio da Paraíba', atuou em 'O Norte' e foi correspondente da 'Revista Visão'

angelicalucio@gmail.com

Angélica Lúcio

Linguagem Simples contribui para o exercício da cidadania

Tenho alergia a textos rebuscados, com palavras que mais geram distanciamento do que criam conexão com o leitor. Se for sobre uma questão jurídica, então, dá até coceira na minha mente. Confesso a você: não suporto ler termos do “juridiquês” quando há equivalente em linguagem acessível.

Para que usar “aduzir” se você pode substituir por “apresentar provas, testemunhos”? Por que



Linguagem Simples são práticas que facilitam a leitura e a compreensão de textos

não usar “para isto” ou “para fim determinado” em substituição à expressão *Ad hoc*? Por que utilizar a palavra “arresto” se você pode escrever logo “decisão”?

Acredito que muitos profissionais usem linguagem inacessível supondo que, dessa forma, pareçam mais inteligentes e cultos. Na verdade, quando vejo alguém falando termos arcaicos, ou que poderiam ser trocados por outros de assimilação mais fácil, fico mesmo é com pena.

Se for alguém dando entrevista em rádio, TV, podcast ou canal do YouTube, imagino que aquela informação até pode chegar a uma grande quantidade de pessoas, mas nem todas compreenderão de fato a mensagem. Se o outro não entende o que estou falando, não há comunicação; a mensagem se perde.

Uma alternativa a isso é a adoção da chamada *Linguagem Simples* (*Plain Language*, em inglês; *Lenguaje Claro*, em espanhol). Trata-se de uma técnica de comunicação ligada a um movimento global que defende o direito de todos entenderem as informações cotidianas. Está relacio-

nada à cidadania, pois é uma causa social, um direito civil.

Conforme Heloísa Fischer, no livro *Clareza em textos de e-gov, uma questão de cidadania*, *Linguagem Simples* significa um “conjunto de práticas que facilitam a leitura e a compreensão de textos. Considera o público a quem a comunicação se destina para organizar as ideias, escolher as palavras mais familiares, estruturar as frases e determinar o *design*”.

Adotar *Linguagem Simples* nas organizações não é fácil, ressalte-se. Exige força de vontade — de indivíduos e entidades — e envolve a ruptura de culturas profissionais. No Brasil, um bom exemplo dessa mudança de paradigma vem do Superior Tribunal de Justiça (STJ), que está implementando, nos últimos anos, várias iniciativas com o objetivo de tornar as notícias mais acessíveis à população. A ação mais recente, divulgada no dia 19 de março, é a adoção de um resumo simplificado das notícias que são publicadas no portal da instituição.

Inicialmente, a versão resumida estará disponível apenas nas matérias sobre

judgmentos (colegiados ou individuais), e o acesso ao resumo da notícia em linguagem simples será possível por meio de um ícone inserido logo abaixo do título da matéria. Já as versões completas das notícias sobre decisões judiciais seguirão o padrão atual: com destaque para as teses, os entendimentos do relator e todos os detalhes necessários para a compreensão do caso.

A iniciativa do STJ (que facilita a vida do leitor que não tem familiaridade com alguns termos jurídicos) está alinhada ao Pacto Nacional do Judiciário pela Linguagem Simples do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Também leva em consideração que o acesso à informação é necessário para o exercício pleno da cidadania, além de estar garantido na Constituição Federal como um direito fundamental.

Em todo o Brasil, vários órgãos públicos estão seguindo o caminho da *Linguagem Simples*. E isso é muito bom! Que venham mais e mais ações, inclusive na iniciativa privada, para que as pessoas possam exercer a cidadania de forma plena!

Afonso Pereira

cada de imprensa, foi a primeira vez que vi se condicionar o imperativo da Educação ao de sua universalização. E mais ainda: diretamente com o emprego”, recorda o cronista.

“Mesmo sendo um latinista, um homem de cultura clássica, Afonso defendeu uma escola de resposta mais imediata e direta à contingência do emprego. Ele também achava que o latim e a retórica iriam servir muito pouco a quem precisava imediatamente entrar na lavoura, na indústria ou no comércio. Daí a Campanha de Educandários Gratuitos, a Fundação Padre Ibiapina a espalharem aulas práticas pelo interior da Paraíba. A Academia não é a imagem mais imediata a projetar o educador de toda a vida”, acrescenta Gonzaga Rodrigues.

Jornalista

Afonso Pereira foi um jornalista notável e deixou um impacto significativo nos periódicos por onde passou. Ele era um dos frequentadores habituais de *O Norte*, onde se tornou um consultor infalível para as dúvidas da redação inteira, socorrendo os repórteres com etimologias de origem latina ou grega, dominando o exato significado de cada palavra, como ilustra Gonzaga ao relembrar uma história recorrente.

“A chegada de Afonso era um alívio. Que de Afonso – indagou aflito o chefe de redação ao ser surpreendido com a visita do professor François Luc Charmont, que vinha com a Aliança Francesa para João Pessoa. Ninguém sabia francês suficiente para entrevistar ou sustentar uma conversa com o visitante. Onde está Afonso que não chega? Sem falar nos reparos que nos fazia, mercê de sua intimidade com o Direito, principalmente o Romano”.

O convívio de ambos se deu desde a chegada de Gonzaga à capital paraibana, nos anos 1950. “Afonso era como uma lançadeira entre o jornal, a Faculdade, a Universidade que estava se instalando e as primeiras iniciativas vinculadas à Campanha de Educandários Gratuitos. Depois,



Foto: Arquivo Afonso Pereira

Afonso Pereira ajudou a instituir 275 unidades de educação na Paraíba

acompanhei Afonso na Assembleia, um plenário de nomes respeitáveis a que veio se juntar este homem de um discurso só, o da Educação. Veemente em seus apelos e projetos. Respeitado pelos seus pares”.

Pereira foi o primeiro diretor do jornal *Correio da Paraíba*, desempenhando por três anos um papel vital na sua consolidação como veículo informativo e opinativo no estado juntamente com o empresário Teotônio Neto. Ele também atuou como membro do Conselho de Notáveis deste jornal e como correspondente da *Revista Visão*, ampliando seu escopo de atuação e conhecimento. A ele se atribui ainda a valorização da participação das mulheres na imprensa, contribuindo para a profissionalização de Raimunda Cordeiro, uma figura pioneira no jornalismo paraibano. O livro *Afonso Pereira: uma voz no jornalismo* apresenta uma seleção de artigos redigidos por ele entre 1981 e 1985, abordando uma variedade de assuntos.

Memória

Por muitos anos após a morte de Afonso Pereira, em 8 de junho de 2008, aos 90 anos, a feição visível de Afonso Pereira era a sua esposa,

Tocando em Frente

Os conjuntos vocais IX

Demônios da Garoa – Mesmo os que são mais ligados ao universo musical de nossa MPB, algumas vezes questionam a relação artística entre os Demônios da Garoa e Adoniran Barbosa, nome artístico de João Rubinato (1910-1982), situação que esclareceremos ao longo desta coluna.

Classificada como uma banda de samba, o grupo foi criado, no bairro da Mooca, na capital paulista, em 1943. Fontes musicais e culturais, as mais variadas possíveis, serviram de base para que se alicerçassem as características de um conjunto a que, inicialmente, se deu o nome de Grupo Luar, fundado por Arnaldo Rosa. Seu *début* musical foi marcado, naquele ano, pela via mais comum na época: um concurso de calouros, *A Hora da Bomba*, acontecido no auditório da Rádio Bandeirantes, quando os vencedores foram de imediato contratados para duas apresentações semanais naquela emissora. A mudança do nome aconteceu por meio de um concurso que contou com a participação dos rádio-ouvintes e por sugestão do homem de rádio, Vicente Leporace, que foi um grande incentivador da banda. Talvez o nome tenha sido sugerido pelo próprio Leporace, que costumava anunciar a presença dos participantes como os “endiabrados do Grupo do Luar”.

O grupo, ainda hoje atuante, passou por várias formações, contando, entre os antigos e os atuais participantes, com cerca de mais de duas dezenas de componentes, o que nos impede de relacioná-los todos, sem o risco de omitir alguns deles. Dada a transitoriedade desses, achamos por bem nomear apenas os que fizeram parte da formação original: Arnaldo Rosa; vocalista e ritmista; os irmãos Antônio Rosa, o Boi, com o tantã, e Benedito



Formação pioneira do grupo criado no bairro da Mooca, na capital paulista, em 1943

Espanha, ao afoxê; Bruno Michelucci, ao pandeiro; Vicente Amaro, violão de seis cordas, e Zezinho ao violão. Óbvio que, pela longevidade da existência da banda, modificações foram ocorrendo, quase sempre com a adoção de uma sequência familiar, como aconteceu, para citar apenas um exemplo, quando ingressou Ricardo Rosa, o Ricardinho, que vem a ser, respectivamente, neto e filho de Cláudio Rosa e Sérgio Rosa.

O conhecimento e a aproximação com Adoniran Barbosa surgiu, em 1949, quando participavam das gravações do filme *O Cangaceiro* (Lima Barreto), em que o grupo interpreta o sucesso “Mulher Rendeira” (Zé do Norte/ Alfredo Ricardo do Nascimento). Da parceria que resolveram criar, surgiram os principais sucessos do grupo, o que contribuiu para o reconhecimento nacional que permanece até os dias atuais, mesmo em face das inúmeras alterações por que a banda passou. Não restam dúvidas de que tanto Os Demônios

e continuam a ter impacto em minha vida permanentemente. Reconheci neles a presença de amor, dedicação, resiliência, talento, gratidão, inspiração e muito trabalho. E creio, pessoalmente, que ambos continuamente inspiram tanto que o conheceram e que ainda os conhecerão”, considera Daniella Pereira.

São tantas as atribuições que preenchem a biografia de Afonso Pereira que momentos há em que se supor que ele tenha tido mais vidas que todos os outros mortais e imortais não parece uma ideia no campo do impossível. Ninguém mais conseguiria conciliar todas essas atividades com outras que sequer foram aqui citadas, como a de juiz substituto do Tribunal Regional Eleitoral. Afonso Pereira foi também um dos idealizadores do Teatro do Estudante da Paraíba, juntamente com Tomás Santa Rosa Júnior, que fundou o Teatro Experimental Negro no Rio de Janeiro no mesmo ano. Em 1945, contribuiu para a criação da Orquestra Sinfônica da Paraíba pela Sociedade de Cultura Musical (SCM).

“Além de tudo isto e do que veio depois, corria em torno dele a fama de bom latinista,

Clemilde Torres, com quem teve duas filhas: Maria das Graças Pereira e Ana Flávia Pereira. Mas foi Clemilde Torres quem permaneceu lutando pela memória do professor Afonso Pereira.

“Além de ser um casal, eles eram um time bem integrado e pronto para encarar os desafios. Não há outra palavra a ser dita que ambos meus avós, Afonso Pereira e Clemilde Pereira, tiveram

fluente em francês, inglês e sabendo ler grego e alemão. Se na província esses dotes causavam impacto, imagine-se em mim. Era demais para ser amigo do ‘nego’ Gonzaga. E foi meu amigo, sim: fez-me hóspede da Ceneq num estágio de artes gráficas que tive de fazer no Rio, sem falar que me promoveu a repórter, saindo da revisão de *O Norte* para a equipe fundadora da redação do *Correio*. Foi onde escrevi, a mando dele, o meu primeiro editorial, a palavra do jornal. Ele acreditou em mim, eu sempre supondo que por razões de amizade. De forma que me habituei com a grandeza do meu amigo, a quem sempre chamei pelo nome, sobretudo pela sua simplicidade em aceitar essas liberdades”, afirma Gonzaga Rodrigues.

Com uma lista de infindáveis realizações, Afonso Pereira fundou o Conservatório Paraibano de Música, em 1946, e realizou o primeiro congresso de música do Nordeste, em 1949. Ele foi suplente de deputado estadual pelo Partido Socialista Brasileiro, assumindo o cargo duas vezes, em 1957 e 1958. Na Academia Paraibana de Letras, ocupou a cadeira de Rodrigues de Carvalho e presidiu a APL, sendo reeleito por três vezes consecutivas. Por sua influência e trabalho incansável na área da educação, o legado de Afonso Pereira transcende gerações de quem sequer sabe de sua fantástica jornada.

“O jogo do tempo se impõe e as gerações passam e o passado torna-se distante. Há necessidade de não só preservar suas ideias em forma de arquivo e instituições, mas o mais importante é entender o pioneirismo de suas ideias que dá ao povo a liberdade e autonomia que muitos viam como ameaça, e persiste mesmo nos dias atuais. A compreensão dessas ideias deve ser feita e difundida diante dos desafios e peculiaridades atuais, inspirada no espírito da ideia que meu avô dizia com frequência, que o trabalho e a educação libertam o ser humano”, conclui a neta e presidente do Arquivo Afonso Pereira.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

a partir daí, dentre as quais, dada a elevada quantidade de itens, destacamos apenas algumas: ‘Malvina’ (1951), ‘O Samba do Arnesto’, ‘As Mariposas’, ‘Saudosa Maloca’ (1955), ‘Tracema’ (1956), ‘Abrigo de Vagabundos’ (1958), ‘Trem das Onze’ (1964)...

Mesmo com as necessárias alterações, algumas ocasionadas pelo falecimento de alguns componentes da banda, esta permaneceu ativa, como demonstram os seus passos neste milênio: em 2005, houve o lançamento do primeiro DVD (*Demônios da Garoa ao Vivo*), ocasião em que o grupo passou a se apresentar com uma banda de apoio, formada por bateria, contrabaixo, percussão, cavaquinho e até piano; em 2012, lançaram o segundo DVD (*Vem cantar comigo*); em 2019, apresentaram-se na Europa (Festival Les Escalles, em Saint-Nazaire, na França); em 2021, participam das comemorações pela passagem do Dia Nacional do Samba, com o lançamento do *single* ‘Tá na hora do show (Xande de Pilares)”; em 2022, em igual comemoração, lançam um *single* tripla, com as músicas ‘É preciso seguir’ (André Renato e Sereno), ‘Jogo de Azar’ (Dedé Paraizo/Eunice Barbosa) e ‘Quer me namorar’ (Dedé Paraizo/Ricardinho).

Antes da entrada do milênio, precisamente em 1994, os Demônios da Garoa entraram para o *Guinness Book* (*Livro do Recordes*), como o Conjunto Vocal Mais Antigo do Brasil em atividade, ocasião em que receberam um Disco de Ouro, pelo alcance dos 50 anos de existência.

Os Demônios da Garoa continuam ativos, sem perder as características iniciais, apesar das necessárias alterações de sua formação, ditadas pela passagem do tempo.

TECNOLOGIA

Google propõe ajustes para os modelos de IA

Desafio lançado pela empresa busca incentivar o “desaprendizado automático”

Agência Estado

Em meio à intensa competição no cenário da inteligência artificial (IA), o Google reconheceu uma possível limitação no campo, abordando o conceito de “desaprendizado automático”. Essa técnica, emergente no aprendizado de máquina, propõe ajustar modelos de IA para “esquecer” influências de conjuntos específicos de dados de treinamento, permitindo correções e evitando o sobreajuste.

O desafio lançado pelo Google busca incentivar os desenvolvedores a explorarem essa abordagem, enfatizando uma postura cautelosa no desenvolvimento de modelos de IA. O presidente da Microsoft, Brad Smith, se uniu à discussão ao apontar a necessidade de “desacelerar ou desligar” a IA, especialmente quando integrada a sistemas automatizados em infraestruturas críticas.

Para o CEO da WRG Marketing Digital, Rogério Gomes, antes, as evoluções tecnológicas tinham um ritmo em que era possível “visualizar” uma janela de tempo. No entanto, agora essa janela parece ter se perdido, e o avanço tecnológico causado pela aceleração das inteligências artificiais está ocorrendo mais rápido do que é possível acompanhar.

Gomes avalia quais são os principais riscos que esta busca acelerada pelo aperfeiçoamento da IA pode trazer à sociedade e ao mundo corporativo. “Em um primeiro momento, há uma preocupação com a substituição em massa de muitos postos de trabalho. Até mesmo a área

■ Técnica coloca a inteligência artificial para “esquecer” influências de conjuntos específicos de dados de treinamento

da programação, que durante muito tempo foi recomendada como uma opção promissora para o futuro, agora enfrenta incertezas”, ressalta.

O CEO da WRG acredita que, possivelmente, chegará um momento em que não será mais necessário escrever nenhum trecho de código, pois haverá uma IA capaz de resolver essas tarefas com detalhes.

Gomes destaca que a inteligência artificial está avançando em um ritmo acelerado. “Inicialmente, era vista como uma novidade emocionante, algo interessante e divertido. Gradativamente, porém, sua influência se expandiu para várias áreas, incluindo o campo das imagens, as pesquisas na internet (como *calopsita brasil*, *melhor de moema*, *melhor buffet infantil*, *dedetizadora online* ou *geladeira123*), a animação de fotos, a criação de vídeos e até mesmo na criação de influenciadores digitais que não são pessoas reais”, disse. Agora, segundo o especialista em marketing digital, o ritmo desse avanço é tão rápido que parece estar fora de controle, ocorrendo simultaneamente em diversas direções.



Presidente da Microsoft, Brad Smith, se uniu à discussão ao apontar a necessidade de “desacelerar ou desligar” a IA

Foto: Microsoft/Divulgação



Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Em (1) = na + casa (3) = morada Solução: pretendida (4) = namorada. **Charada de hoje:** Na lasca de madeira (1) estava pregado o rol (2) com o nome da cidade pernambucana (3).



Eita!!!

Origens do 'k-pop'

Vindo da Coreia do Sul, o *k-pop* é um dos gêneros musicais mais populares do mundo, arregimentando milhões de fãs em todo o globo pelo ritmo, coreografias e estilo dos figurinos. Apesar da “febre” atual, ele não é um gênero musical novo: nasceu entre as décadas de 1950 e 1960, quando a música ocidental começou a invadir a Coreia, no qual artistas locais incorporaram esses novos elementos em suas músicas, criando um estilo que acabaria se tornando o *k-pop*.

Características gerais

Geralmente, os grupos de *k-pop* têm um número ímpar de integrantes, variando de cinco a 13 membros. Cada um tem um papel específico no grupo, como vocalista principal, *rapper* principal, dançarino principal e assim por diante. Grupos como BTS, Blackpink (foto acima) e Twice têm seguidores em todos os continentes e frequentemente se apresentam em shows esgotados ao redor do globo. O sucesso também acontece nas redes sociais e quando lançam os vídeos — também chamados de MVs (*music videos*) —, com milhões de acessos em questão de horas. Essas produções audiovisuais contam com uma qualidade cinematográfica acima da média e com coreografias complexas. Os artistas passam por um processo de treinamento bastante rigoroso, que pode durar anos em treinamento de canto, dança, atuação e até mesmo em línguas estrangeiras.

Fandom

As pessoas que reverenciam o *k-pop* são chamados de “fandoms”. Eles criam comunidades virtuais para compartilhar informações e planejar eventos para apoiar seus artistas. São eles, inclusive, que escolhem os apelidos de cada membro de determinado grupo. Definindo tendências na moda, os fãs copiam os *looks* de seu ídolo preferido. Sobre isso, há outra curiosidade: os *lightsticks*, que são objetos brilhantes com design exclusivo para cada grupo que os fãs usam em shows para mostrar apoio aos seus artistas favoritos.

Técnica do 'aegyo'

“Aegyo” é um termo coreano que se refere a um comportamento “fofo”, infantil ou engraçado, popular por muitos artistas no *k-pop* para atrair e conquistar os fãs. Eles podem fazer *aegyo* em entrevistas, programas de televisão e shows ao vivo.

Na Paraíba

No estado, há vários grupos de *k-pop* que se apresentam em eventos e locais como o Espaço Cultural José Lins do Rego e a Usina Energisa, na capital paraibana. Também é promovido uma série de encontros entre os fãs chamada de “K-pop Day”. Em João Pessoa, convenções de cultura pop como o HQPB, a SuperCon e o Imagineland contam sempre com essas atrações, incluindo disputas entre grupos com prêmios em dinheiro, no caso do Imagineland.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde

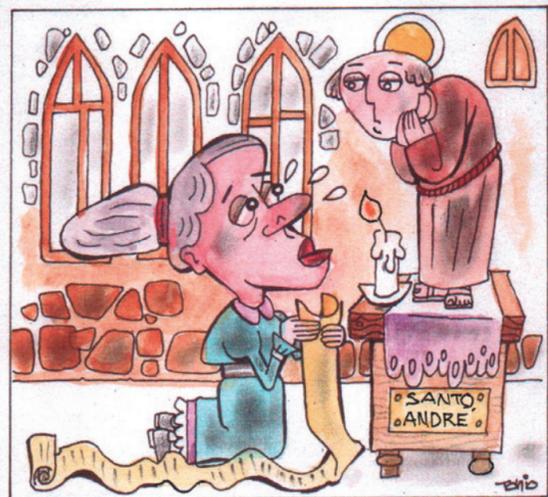
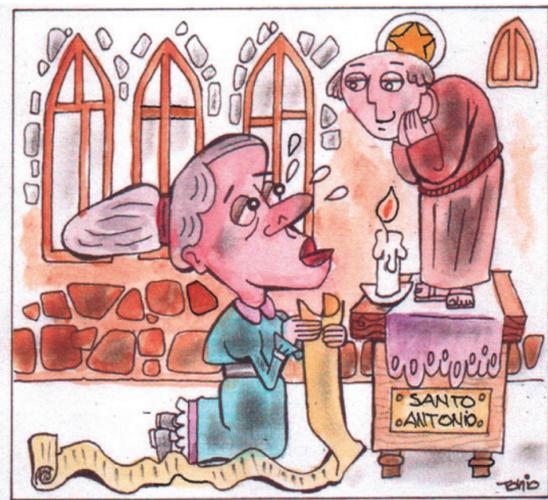


Zé Meiota



9erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - luz da vela; 2 - lista; 3 - nome do santo; 4 - pé do móvel; 5 - janela; 6 - pedras; 7 - aureola; 8 - suor; 9 - boca do santo.

Síndrome de Fomo

É uma sensação de ansiedade ou preocupação que uma pessoa pode sentir ao acreditar que está perdendo uma experiência interessante ou vantajosa que outros estão vivenciando.

Com o *medo* de perder o compasso do *mun*do

Surgida recentemente por conta da velocidade das informações, síndrome é associada ao uso excessivo de redes sociais e tecnologia

Taty Valéria
tatyavaleria@gmail.com

No último mês de 2022, enquanto se preparava para viajar ao Sertão paraibano e aproveitar as festas de final de ano ao lado da família, a esteticista Isabel Garcia teve seu aparelho celular furtado no Terminal Rodoviário de João Pessoa. Seriam quase oito horas de viagem e Isabel, naquele momento, só se preocupou no tédio que seriam aquelas horas, sem ter qualquer outro tipo de distração além da paisagem desfilando pela janela do ônibus. Porém, as coisas escalaram muito rápido. “Eu comecei a suar, meu coração acelerou. Fiquei tensa, nervosa. Eu tinha a sensação que alguma coisa estava acontecendo, e eu ia perder tudo porque estava sem celular”, descreve ela.

Isabel Garcia, que hoje reside em Cuiabá, no estado do Mato Grosso, pode ter apresentado sintomas de uma condição ainda pouco conhecida nos dias atuais e que passou a ser estudada por pesquisadores somente a partir de 2010: a Síndrome de Fomo. Em resumo, é uma sensação de ansiedade ou preocupação que uma pessoa pode sentir ao acreditar que está perdendo uma experiência interessante ou vantajosa que outros estão vivenciando. Pode ocorrer em situações sociais, onde alguém pode se sentir excluído de eventos, atividades ou oportunidades que consideram valiosas. No caso de Isabel, a sensação vinha do fato dela estar sem o aparelho celular.

A palavra Fomo é a sigla em inglês para *Fear of Missing Out*, que numa tradu-

ção mais literal e livre, significa “medo de perder”. Um artigo do professor de psicologia clínica na Universidade de Toledo (nos Estados Unidos), Jon D. Elhai, e publicado na *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria*, apresenta dois componentes primários específicos que caracterizam a síndrome:

A apreensão de que outros estão tendo experiências gratificantes das quais se está ausente; e o desejo persistente de permanecer conectado com as pessoas da própria rede social. A esteticista Isabel Garcia se reconhece nesses dois componentes. “Já aconteceu das minhas amigas reclamarem de que não presto atenção nas conversas, porque fico grudada no celular. Eu sei que é uma situação muito chata, mas simplesmente não consigo guardar o celular e aproveitar as companhias”, diz a jovem, um tanto constrangida.

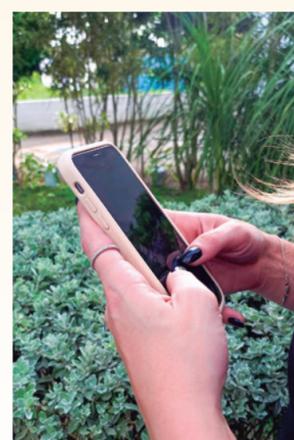
Na Síndrome de Fomo, frequentemente associada ao uso excessivo de redes sociais e tecnologia, pessoas podem se sentir inadequadas ou insatisfeitas com suas próprias vidas, quando comparam com aquilo que é apresentado nas redes. Isso pode levar a sentimentos de ansiedade, baixa autoestima e até mesmo depressão em alguns casos.

Embora o termo não seja, ainda, uma condição médica reconhecida, descreve um fenômeno psicológico real que muitas pessoas enfrentam.

“

Fiquei tensa, nervosa. Eu tinha a sensação que alguma coisa estava acontecendo, e eu ia perder tudo porque estava sem celular

Isabel Garcia



ESTUDOS

Síndrome surgiu através das redes sociais

Conheça os principais aspectos que agem negativamente nos indivíduos: a necessidade de se manter regularmente conectado pode influenciar para agravar a ansiedade e a depressão



Imagem: Pixabay

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

A Síndrome de Fomo só começou a ser debatida, estudada e pesquisada, a partir de 2010. Naquela primeira década do século 21, tanto o acesso à internet, quanto as novas plataformas de redes sociais, haviam crescido de forma surpreendente em todo o mundo. Com a popularização dos Smartphones e tablets, se tornou fácil e acessível acompanhar experiências possivelmente gratificantes (tanto *on-line* quanto *off-line*) sem necessariamente estar presente.

No entanto, essa participação, mesmo que seja indireta, porém excessiva, pode resultar em distração, menos concentração, prejudicar o raciocínio, interromper o trabalho, os estudos e outras atividades da vida diária do indivíduo. Outro aspecto negativo da Síndrome de Fomo diz respeito à autoestima. De acordo com um levantamento feito no ano de 2017, pela Sociedade Real de Saúde Pública e pelo Movimento pela Saúde dos Jovens, ambos localizados no Reino Unido, as taxas de ansiedade e depressão entre os jovens aumentaram 70% nos últimos 25 anos.

O mesmo estudo apontou, ainda, que quatro das cinco redes sociais mais utilizadas por esse público tinham efeitos negativos sobre a saúde mental dos jovens, e isso na própria avaliação deles. Nesse levantamento, o Instagram foi apontado como a rede mais nociva, justamente pelo seu propósito de expor um cotidiano e um estilo de vida que não representa a realidade. Não por acaso, é a rede social mais utilizada pela paraibana Isabel Garcia, a esteticista que teve seu celular roubado no Terminal Rodoviário, no final de 2022, e que serviu de exemplo no texto de abertura.

Em outra pesquisa, publicada pela *Revista Pesquisa em Psicologia Aplicada*, do Departamento de Psicologia do Centro Universitário Padre Anchieta (UniAnchieta), em São Paulo, demonstra que os efeitos supracitados estão totalmente relacionados à Síndrome de Fomo. “Quando falamos sobre esse ‘medo de ficar/estar de fora’, estamos falando do desejo que temos em fazer parte, da necessidade de aceitação, aprovação, expressão e qualquer outra necessidade relacionada às nossas capacidades interpessoais e, até mesmo, intrapessoais”, diz um trecho do estudo, intitulado *Síndrome de Fomo: a influência no bem-estar psicológico e na autoestima de universitários*, que foi produzido por um grupo de estudantes.

Ficou demonstrado na pesquisa acadêmica, que a utilização da internet, sobretudo as redes sociais e a necessidade de se manter regularmente conectado, podem influenciar para o agravamento dos quadros de ansiedade e depressão.

O estudo, no entanto, reflete um recorte de jovens universitários brasileiros, é necessário que novas pesquisas possam averiguar a possibilidade de associação da Síndrome de Fomo com outros fatores que possam ocasionar prejuízos no desempenho pessoal.

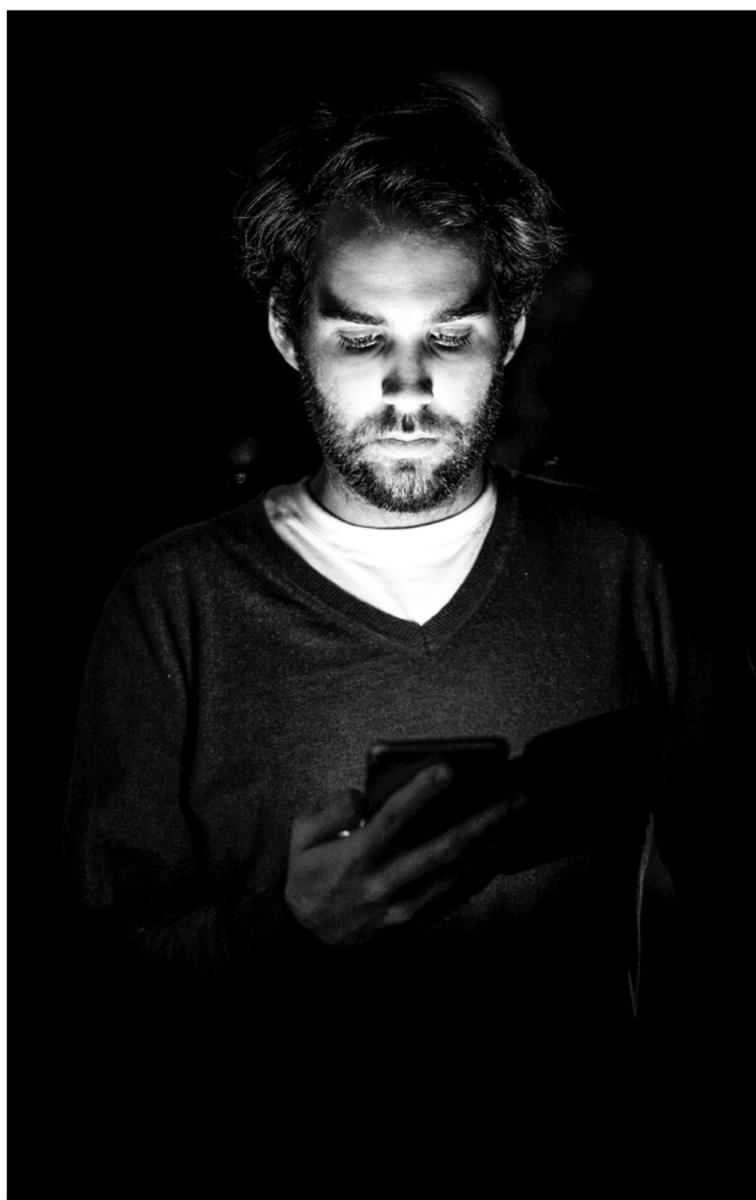


Foto: Pixabay

Segundo análises, quatro das cinco redes sociais mais utilizadas pelos internautas jovens tinham diversos efeitos negativos sobre a saúde mental desse mesmo público

Confira Alguns Tópicos

De acordo com as pesquisas acadêmicas:

- Participar excessivamente das redes sociais, direta ou indiretamente, pode causar no usuário distração, menos concentração, prejudicar o raciocínio, interromper o trabalho, os estudos e outras atividades do dia a dia;
- De acordo com um levantamento feito no ano de 2017, em pesquisas realizadas no Reino Unido, as taxas de ansiedade e depressão entre os jovens aumentaram 70% nos últimos 25 anos;
- Quando se fala em “medo de ficar ou estar de fora”, isso reflete o desejo em fazer parte, da necessidade de aceitação, aprovação, expressão e qualquer outra necessidade relacionada às nossas capacidades interpessoais.
- Entre as redes sociais, o Instagram foi apontado como a mais nociva, por conta de expor um cotidiano e um estilo de vida que muitas vezes não representa a realidade do indivíduo;

ANÁLISE

Diagnóstico é uma grande dificuldade

Identificar a Fomo não é uma tarefa simples porque as redes sociais estão cada vez mais presentes no cotidiano

Alinne Simões
 alinnesimoesjp@gmail.com

De acordo com o psicólogo cearense radicado na Paraíba, André Memória, os processos para chegar em um diagnóstico de que um indivíduo tem a Fomo, é igual ao de qualquer tipo de síndrome, ou seja, em geral, passam por alguns testes psicológicos que são utilizados para descobrir quando o paciente está com algum transtorno comportamental. Ele revela que não tem conhecimento de nenhum teste específico para o problema, todavia, por ser uma síndrome ainda muito nova, os profissionais (psicólogos) vão decidir por

aplicar testes que possam tocar naquele assunto.

Memória recomenda procurar um profissional especializado que já tenha experiência com o tratamento da síndrome para que também não possa acontecer de ter um diagnóstico errado. Visto que diagnosticá-la nos dias atuais não é uma tarefa tão fácil, principalmente, porque as redes sociais estão cada vez mais presentes na vida das pessoas, sobretudo, para quem trabalha com a internet.

“É bom deixar claro que a pessoa não é um diagnóstico. Pode ser que, na verdade, ela nem tenha aquela síndrome, então o profissional pode dar um diagnóstico er-

rado também, ou seja, é bom analisar bem cada situação, e especialmente, buscar um profissional realmente qualificado, indicado para passar o diagnóstico”, explica André Memória.

Anamnese

Entre os testes mais efetivos, aplicados pelo psicólogo para o diagnóstico, é citado a anamnese, que é uma “conversa” entre o profissional de saúde e o paciente com o objetivo de ajudá-lo a se lembrar de situações e fatos que podem estar relacionados ao seu problema. “Ele vai fazer uma série de perguntas, tem também a história de vida da pessoa para

que ele entenda o que ela tem e o que passa pela vida dela, como é que está a saúde mental dela naquele momento”, revela ele.

Alguns sintomas são considerado bem característicos da Síndrome de Fomo e podem ajudar a obter um diagnóstico, como: dedicar muito tempo às redes sociais, mesmo em períodos de descanso, ter dificuldade em viver o momento e preocupar-se em tirar fotos ou gravar vídeos ou reels para publicá-los, esperar constantemente notificações no celular, aceitar propostas para todas as festas e eventos, mesmo os que não queira ir, por medo de se sentir excluído.

Com sensação de estar sempre perdendo algo

André Memória conta que um dos principais problemas apresentados por essa síndrome está ligado aos transtornos de ansiedade generalizada, porque a pessoa está sempre o tempo todo pensando numa situação ou lugar onde ela queria estar. “Essa sensação de estar sempre perdendo algo, mesmo que seja uma notícia, mesmo que seja algum fato mais simples, faz com que você esteja numa sensação eterna de sofrimento, onde você não consegue trabalhar bem, onde não consegue estudar bem, porque você está sempre pensando, que está perdendo aquela coisa, queria estar ali fazendo o que aquelas pessoas estão fazendo, mas eu estou perdendo”.

Dessa forma, ele explica que provavelmente essa

pessoa não se relaciona bem com outras pessoas, passa mais tempo no celular tentando acompanhar “as novidades”, do que realmente vivendo o que deveria fazer, como praticar exercícios físicos, se alimentar saudável, buscar atividades prazerosas, entre outras. Além de se tornar um obstáculo para realização de atividades cotidianas, ela pode também desencadear mudanças repentinas de humor em casos mais graves, depressão.

Por isso, a pessoa ao perceber que está com sintomas que se encaixam dentro da síndrome, André recomenda buscar apoio profissional, seja de um de psicólogo ou até mesmo um psiquiatra, em casos mais graves. “Um profissional vai indicar

que a pessoa busque um estilo de vida melhor, que pratique atividades físicas, que se alimente bem, tenha um sono melhor, ou seja, que ela tenha uma rotina mais saudável. De preferência usar menos o celular ou se livrar um pouco das telas também, seja celular, tablet ou computador”. As sessões de psicoterapia e práticas integrativas como a meditação, por exemplo, também podem ser uma ótima maneira de reduzir a ansiedade comumente apresentada.

“Para evitar que isso possa acontecer, eu sei que muitas vezes não é tão simples, mas a resposta de forma simplificada é viver mais o hoje, aderir ao tratamento e buscar tratamento e ajuda, caso necessário, para que ela pos-

sa evitar chegar ao extremo. Mas vamos supor que a pessoa não esteja num estado ainda que precise de auxílio profissional, então o que ela pode fazer é viver mais o hoje e viver menos as telas, buscar essa rotina na qual ela se integra em atividades que fazem ela se sentir bem naquele momento. Você pode fazer ioga ou meditação, que também é muito bom, aulas de dança, ou de qualquer tipo de atividade que vai movimentar o corpo de um jeito diferente, agradável. Estar presente em grupos de pessoas saudáveis, também, é muito importante. Esses comportamentos saudáveis e viver mais no hoje pra que não fique eternamente pensando: Eu estou perdendo alguma coisa”, frisa o psicólogo.



Foto: Arquivo Pessoal

Psicólogo paraibano André Memória aponta que um dos principais problemas conectados à Síndrome de Fomo são os transtornos de ansiedade generalizado

■ Caso não esteja em um estado que precise de auxílio profissional, o indivíduo deve buscar viver mais o hoje e menos as telas: dedicar-se a atividades que farão bem ao corpo e à mente, como ioga, meditação ou aulas de dança



Foto: Pirabaty

CONSEQUÊNCIAS

Pandemia foi um agravante para a Fomo

Durante o isolamento social, a maioria das pessoas teve que mudar o estilo de vida e dedicar mais tempo às redes sociais

Alinne Simões
alinnesimoesjp@gmail.com

A grande maioria dos estudiosos aponta o isolamento social causado pela pandemia da Covid-19 como um dos principais agravantes para o aumento de diagnósticos da Síndrome de Fomo. Pois, foi durante esse período, que a maioria das pessoas teve que mudar o seu estilo de vida e passar a dedicar um maior tempo às redes sociais.

Segundo o psicólogo André Memória, durante a crise sanitária, as redes sociais acabaram se tornando mais importantes do que já eram para o convívio humano, pois eram a única forma de contato com o mundo externo. “Ela nos fez ficar mais nas telas, principalmente celular e redes sociais. Foi isso que mais nos prejudicou. Ficar o tempo todo conectado e conectada, ver as belas postagens das pessoas, mesmo quando você vive momentos de dificuldade, é adoeceador para muitas pessoas”.

Assim, como as pessoas passaram por um tempo em que todos tinham vidas muito parecidas e houve uma mudança brusca com o fim da pandemia, onde se passou a postar mais fotos de viagens, festas, eventos, o impacto acabou sendo maior. Isso porque deu uma falsa sensação de que elas precisavam recuperar os dois anos de isolamento, causando uma ansiedade muito forte nas pessoas.

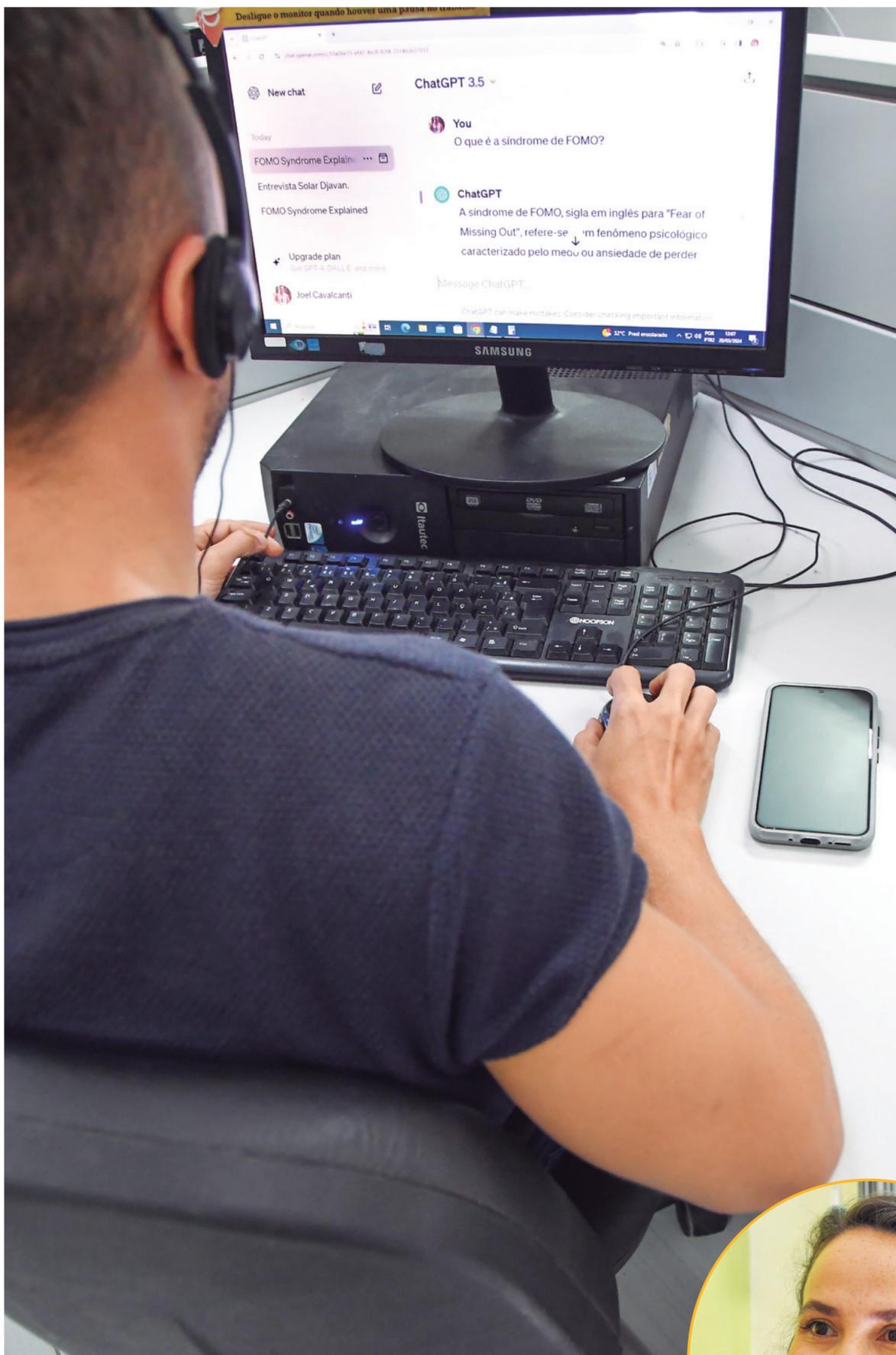
Em um artigo científico publicado em 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) informou que durante a pandemia da Covid-19, a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou em 25% em todo o mundo. Os jovens e mulheres foram os mais atingidos.

Efeito da modernidade

Por estudar o comportamento social das interações e organizações humanas, a Sociologia também tem se debruçado sobre a Síndrome de Fomo. Segundo a doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Wilka Barbosa, a Fomo em si não é um foco da sociologia, mas da psicologia, todavia, como ela é uma ciência que estuda a consequência da modernidade, é impossível não estudar o tema.

Ela ressalta que além dos já conhecidos problemas com a ansiedade, essa dependência aos meios tecnológicos de comunicação, está gerando uma sociedade de pessoas que não pensam, não refletem, pois não têm “tempo para pensar”. São pessoas que querem as informações numa bandeja, ou seja, não querem se dar ao trabalho de pesquisar, ler um livro, ir a uma biblioteca como se fazia antigamente.

“Quais são os indivíduos que estão hoje em dia na nossa sociedade? São pessoas que não querem pensar, só querem ser alimentadas de informações e mais informações. As pessoas vivem uma realidade paralela também, dentro de uma bolha. O que está acontecendo na minha bolha? Será que é importante para o que está acontecendo na sociedade? Então, fica tudo muito ali, no superficial. E essa superficialidade vai para estudo, vai para relações amorosas, familiares”, reitera.



■ Novos recursos tecnológicos como o Chat GPT devem ser usados com moderação, pois não adianta obter tanta informação se não conseguir fazer uma filtragem

Aceleração faz com que se perca a chance de viver

Wilka Barbosa, que leciona a disciplina de Sociologia para adolescentes em uma escola particular de João Pessoa, disse que esse é um problema que ela vivencia diariamente com seus alunos. A partir de 2022, com o advento do famoso Chat GPT - uma ferramenta de processamento de linguagem natural orientada por inteligência artificial (IA) -, piorou muito. Para ela, tudo em excesso acaba sendo mal e que as pessoas não podem viver de extremos, ou seja, nem a falta, nem o excesso.

“Todo mundo pensa muito sobre os benefícios da tecnologia e não se detém para pensar sobre os malefícios. O malefício é o mau uso. De que adianta eu ter tanta informação se não conseguir filtrar? Como sou professora também e estou diante dos jovens, eu fico mui-

to preocupada, porque são pessoas que realmente não querem pensar. Agora, com esse Chat GPT tudo é muito mastigado. A tecnologia vem para acelerar o tempo, mas essa aceleração faz com que a gente perca a chance de viver. Então, eu pergunto o quanto vale querer viver tanto e não estar vivendo tanto? É isso que está acontecendo”, afirma a socióloga paraibana.

Ela explica que na psicologia existe um termo que é o paradoxo da escolha, que quando a pessoa se vê dentro de muitas escolhas, fica “perdida”. “É isso que a Fomo traz. Muitas escolhas, e aí você no final não escolhe nenhuma ou então a pior. Porque não pensa sobre. É isso que acontece”. E para que as pessoas consigam evitar isso, é preciso respeitar o próprio limite.



Fotos: Roberto Cuedes

“

O que está acontecendo na minha bolha? (...) Então, fica tudo muito ali, no superficial. E essa superficialidade vai para estudo, vai para relações amorosas, familiares

Wilka Barbosa